



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Maíra de Oliveira Alves

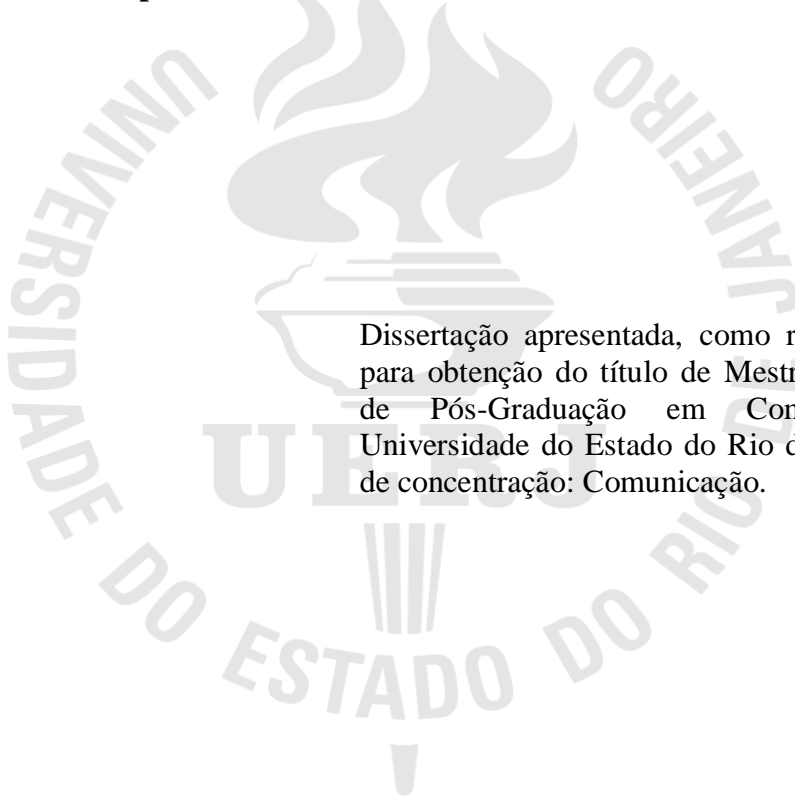
**Edição de livros digitais e uso da plataforma SciELO  
por editoras universitárias brasileiras**

Rio de Janeiro

2016

Maíra de Oliveira Alves

**Edição de livros digitais e uso da plataforma SciELO  
por editoras universitárias brasileiras**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A474 Alves, Maíra de Oliveira.  
Edição de livros digitais e uso da plataforma SciELO por editoras universitárias brasileiras/ Maíra de Oliveira Alves. – 2016.  
157 f.

Orientador: Márcio Souza Gonçalves.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação Social – Teses. 2. Editoras universitárias – Teses. 3. Livros eletrônicos – Teses. I. Gonçalves, Márcio Souza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

CDU 659

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Maíra de Oliveira Alves

**Edição de livros digitais e uso da plataforma SciELO  
por editoras universitárias brasileiras**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação.

Aprovada em 9 de dezembro de 2016.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves (Orientador)  
Faculdade de Comunicação Social – Uerj

---

Profa. Dra. Lena Benzecry  
Faculdade de Comunicação Social – Uerj

---

Prof. Dr. Rodrigo Murinho de Martinez Torres  
Fundação Oswaldo Cruz (Icict/Fiocruz)

Rio de Janeiro

2016

*Para Tom, que significa amor.*

## AGRADECIMENTOS

Se uma pessoa fizesse apenas aquilo que entende, jamais avançaria um passo.

*Clarice Lispector*

Escrever uma dissertação, por menor que seja sua relevância, é um esforço bastante grande: em um tempo muito curto amadurecer uma hipótese, testá-la e transformar em texto inteligível e coerente por si só é um trabalho pesado. Sempre é dividido com as questões da vida pessoal do pesquisador, para dificultar ainda mais. No meu caso, a empreitada foi marcada por dois acontecimentos muito fortes e inadiáveis.

Por um lado, vivi a experiência fantástica e altamente envolvente da chegada do meu filho Tom. Com tudo que a maternidade tem de dor e delícia, toma tempo de uma forma praticamente impossível de descrever – como recusar as solicitações dessa pessoinha mais importante do mundo, que só vai ter esse tamanhinho desta vez? Em outro movimento, na etapa final de redação da dissertação, vivi o fim de uma das parcerias mais importantes da minha vida.

Enfim, sobrevivo. Certamente, com muita luta pessoal, mas não chegaria até aqui sem toda uma rede de colaboração e afeto, fundamental. Se citar cada um é arriscado, não posso me eximir de agradecer a alguns especialmente, em nome de todos que de uma forma ou de outra se fizeram presentes. Agradeço a todos.

Em primeiro lugar, obrigada, Tom, que me ensina, entre tantas coisas, que a vida é fazer planos, para readaptar e planejar novamente, e que o mundo pode ser melhor. Além de tudo, tem o abraço e o beijo mais carinhosos. Mamãe te ama incondicionalmente.

À minha mãe, com seu coração enorme e sua praticidade, presente, atuante, amorosa, meu chão. Tornou-se também a melhor avó que pode existir. Só posso agradecer muito e me desculpar pelos vários momentos em que errei. Este trabalho é também seu.

Ao meu orientador, professor Márcio Gonçalves, sempre muito gentil e compreensivo, com um jeito tranquilo e animador e excelente líder de grupo de pesquisa.

À Coordenação do PPGCOM/Uerj, nas gestões tanto de Denise Siqueira e Marcelo Kischinhevsky quanto de Cintia Sanmartin e Vinícius Andrade. Aos professores do PPGCOM/Uerj, em especial Leticia Cantarela Matheus e Erick Felinto, que participaram da minha banca de qualificação e deram importantes contribuições a este trabalho. Se não segui

corretamente, a responsabilidade é inteiramente minha, é claro. Aos colegas da turma de 2014, que dividiram momentos bacanas em sala de aula, nos corredores, no grupo do Facebook. Aos funcionários da secretaria, em especial Amanda Neves e Eliana Siciliano. Aos colegas do grupo de pesquisa Livro e Cultura Letrada, sempre animados e animadores. Ao professor Eduardo Granja Coutinho do PPGCOM/ECO-UFRJ, que ministrou a disciplina que cursei externamente e foi mais uma pessoa com esse espírito bacana do conhecimento e incentivo.

Agradeço antecipadamente a Lena Benzecry e Rodrigo Murtinho por aceitarem participar da banca examinadora e partilharem suas contribuições.

Ao diretor da Editora UFRJ, Michel Misse, pelo apoio e pela compreensão. Agradeço, em especial, à Fernanda Ribeiro, uma chefe perfeita, disposta a fazer de tudo para dar certo, desde ajudar no contato para uma entrevista, passando pela burocracia da universidade, e chegando ao acolhimento com o coração enorme. A Vânia Garcia, que sempre quis dividir sua experiência de mestranda, além de ter sido a primeira pessoa que me chamou a atenção para o grupo de pesquisa do prof. Márcio e, conseqüentemente, para o programa. A Ana Carreiro, sempre generosa no apoio e nos favores. A todos os amigos e colegas da Editora UFRJ, sem exceção sempre interessados e incentivadores: compreenderam meu momento, torceram por mim, acreditaram que ia dar certo, foram fofos e me mimaram: Josette Babo (Dedé), Thereza Vianna, Cecília Moreira, Paula Halfeld, Valeria Baptista, Antonio Holzmeister, Sonja Cavalcanti, Thiago Lins, Marisa Araujo, Janise Duarte, Marília Nóbrega, Maria Socorro Moura, Eli Santos (Bebê), Julio Dias, equipe das livrarias e o Clube do Bolinha.

A muitos colegas, amigos, companheiros de militância da UFRJ, minha universidade do coração.

Ao Jézio Gutierre, da Editora Unesp, pela gentileza e simpatia e pela entrevista esclarecedora. Ao João Canossa, também pela gentileza e pela ajuda com as respostas ao questionário. À Amanda Ramalho, que foi muito solícita e generosa ao disponibilizar muitos dados e esclarecer dúvidas nas planilhas do SciELO Livros. A todos os responsáveis ou trabalhadores de editoras universitárias que colaboraram com a pesquisa respondendo o questionário ou o encaminhando para a pessoa certa e às vezes por aturarem minha insistência.

A amigas e amigos fundamentais não só neste momento, mas que aparecem na hora certa. Vou correr o risco de nomear alguns: Erika, Bibi e Joana; Luciana, Livia, Felipe, Renan, Macabeu e Miyoko, Nívea e Rodrigo Lamosa. Às amigas mães da Dança Materna por tornarem mais leves alguns dias sem saber. Às amigas e aos amigos, às companheiras e aos

companheiros que sempre torcem e apoiam nossos projetos mais loucos e entendem nossas ausências. Para todos que se sentirem parte.

A toda a minha família, que me apoia, incentiva e torce por mim, em especial a meus irmãos Diogo e Tainá, a meu pai, aos meus primos de perto e de longe, a minhas tias e meu tio. Agradeço também a Leila e Sérgio.

À família do Gustavo, pelo carinho e apoio, em especial à Sonia, uma pessoa por quem tenho muito afeto e com quem divido afinidades importantes. São também minha família. Ao Gustavo, agradeço, apesar do momento devastador, para ser justa com as coisas findas.



Ler significa aproximar-se de algo que acaba de ganhar existência.

*Italo Calvino*

## RESUMO

ALVES, M. O. *Edição de livros digitais e uso da plataforma SciELO por editoras universitárias brasileiras*. 2016. 157 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Esta dissertação investiga a edição de livros digitais e eletrônicos por editoras universitárias brasileiras, mais exatamente suas publicações no portal SciELO Livros. Busca refletir sobre o papel das editoras universitárias na produção e divulgação do conhecimento científico e as possibilidades que se abrem com as novas tecnologias digitais, quando passam a conviver livro impresso e digital, e como isso se dá a partir do desempenho nessa plataforma. Procura também discutir a questão técnica do e-book como parte da cultura, a partir da historicidade – desde uma perspectiva da história do livro e das universidades até questões mais atuais que envolvem o mercado editorial –, e da inserção em um contexto mais amplo de disputas de concepções e visões de mundo. O principal objetivo, portanto, foi verificar a hipótese de que o SciELO Books, em especial por meio do acesso aberto, contribui para a ampliação do público de parte do conhecimento produzido nas universidades e para a disseminação do próprio livro digital pelas editoras universitárias. A análise se baseou em dados coletados diretamente das editoras e em planilhas fornecidas pelo portal, em especial comparando o acesso aberto com o acesso controlado, os formatos PDF e ePub, analisando downloads dos títulos e desempenho nas lojas parceiras do SciELO, e cotejando esses elementos com a reflexão teórica.

Palavras-chave: Editoras universitárias. Livros digitais e eletrônicos. SciELO Books. SciELO Livros. Acesso aberto. Acesso controlado.

## ABSTRACT

ALVES, M. O. *Digital book publishing and the use of SciELO Books platform by Brazilian university presses*. 2016. 157 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This work investigates the edition of digital and electronic books by Brazilian university presses, more exactly their publications in the SciELO Books. It seeks to reflect on the role of university presses in the production and dissemination of scientific knowledge and the development of the new digital technologies, when print and digital book starts to live together, and how it takes place from the performance in this platform. It also seeks to discuss the technical question of e-book as part of the culture, from the historicity – from a perspective of the history of the book and the universities to more current issues involving the publishing market – and insertion in a broader context of disputes of conceptions and worldviews. The main objective, therefore, was to verify the hypothesis that SciELO Books, especially through open access, contributes to increase the public of part of the knowledge produced in the universities and to disseminate the own digital book by university presses. The analysis was based on data collected directly from the publishers or worksheets provided by the SciELO, especially comparing open access with for sale models, PDF and ePub formats, analyzing downloads of titles and performance in the partner stores and comparing these elements with theoretical reflection.

Keywords: University Presses. Digital and Electronic Books. SciELO Books. Open Access. E-books for Sale.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplos de página do livro no SciELO Books.....	83
Figura 2 – Livros mais vendidos nas livrarias parceiras do SciELO Livros   Edufba.....	88
Figura 3 – Livros em acesso aberto com maior número de downloads no SciELO Livros   Edufba.....	88
Figura 4 – Livros mais vendidos nas livrarias parceiras do SciELO Livros   Editora Fiocruz.....	94
Figura 5 – Livros em acesso aberto com maior número de downloads no SciELO Livros   Editora Fiocruz.....	96
Figura 6 – Livros mais vendidos nas livrarias parceiras do SciELO Livros   Eduem.....	99
Figura 7 – Livros em acesso aberto com maior número de downloads no SciELO Livros   Editora Fiocruz.....	100
Figura 8 – Livros em acesso aberto com maior número de downloads no SciELO Livros   EDUEPB.....	103
Figura 9 – Livros mais vendidos nas livrarias parceiras do SciELO Livros   Editora Unesp.....	108
Figura 10 – Livros em acesso aberto com maior número de downloads no SciELO Livros   Editora Unesp.....	109

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de downloads   acesso aberto e comercial .....	79
Gráfico 2 – Downloads acesso aberto   SciELO .....	80
Gráfico 3 – Downloads acesso aberto SciELO   ePub x PDF .....	81
Gráfico 4 – Downloads e acessos à página do livro pelo site SciELO Livros .....	84
Gráfico 5 – Total de acessos à página do livro   Acesso aberto e comercial .....	84

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição percentual do preço de capa de um livro no Brasil.....	53
Tabela 2 – Informações da página inicial do SciELO Livros e das páginas das editoras e coleções .....	78
Tabela 3 – Total de downloads   Acesso aberto   ePub e PDF.....	90

## LISTA DE SIGLAS

AA	Acesso aberto
Abeu	Associação Brasileira de Editoras Universitárias
Bireme	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
BOAI	Iniciativa de Acesso Aberto de Budapeste, na sigla em inglês
CBL	Câmara Brasileira do Livro
Cedem	Centro de Documentação e Memória da Unesp
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Ediunesc	Editora da Universidade do Extremo Sul Catarinense
Educs	Editora da Universidade de Caxias do Sul
Eduel	Editora da Universidade Estadual de Londrina
Eduem	Editora da Universidade Estadual de Maringá
EDUEPB	Editora da Universidade Estadual da Paraíba
Eduerj	Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Edufba	Editora da Universidade Federal da Bahia
EDUFCG	Editora da Universidade Federal de Campina Grande
Eduff	Editora da Universidade Federal Fluminense
EdUFSCar	Editora da Universidade Federal de São Carlos
Edunit	Editora Universitária Tiradentes
Edusp	Editora da Universidade de São Paulo
ePub	Electronic Publication
Fap-Unifesp	Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo
Fapesp	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FEU	Fundação Editora Unesp
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz

Fipe	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
Fujb	Fundação Universitária José Bonifácio
GRU	Guia de Recolhimento da União
IAC	Instituto de Artes e Ciências de Harvard
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Ibict	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ISBN	International Standard Book Number
JB	Jornal do Brasil
LDE	Livro Digital e Eletrônico
LEU	Liga de Editoras Universitárias
PDF	Portable Document Format
PIDL	Programa Interuniversitário de Distribuição de Livros
Pnad	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PROPG	Pró-Reitoria de Pós-Graduação (da Unesp)
RI	Repositório institucional
SBZ	Sociedade Brasileira de Zoologia
SciELO	Scientific Electronic Library Online
Sneu	Seminário Nacional de Editoras Universitárias
SUS	Sistema Único de Saúde
Uefs	Universidade Estadual de Feira de Santana
Uerj	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Uesb	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Ufba	Universidade Federal da Bahia
Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará



UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
ECO	Escola de Comunicação (da UFRJ)
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFV	Universidade Federal de Viçosa
Ulbra	Universidade Luterana do Brasil
UnB	Universidade de Brasília
Unesp	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unopar	Universidade Norte do Paraná
URJ	Universidade do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
1	<b>UM POUCO DA HISTÓRIA DO LIVRO, DAS UNIVERSIDADES E DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS</b> .....	23
1.1	<b>Escrita, livros e história</b> .....	24
1.2	<b>Sobre universidades, conhecimento científico e livros</b> .....	30
1.3	<b>Origem e desenvolvimento das editoras universitárias brasileiras</b> .....	32
1.3.1	<u>Caráter associativo</u> .....	34
2	<b>IDEIAS DE PODER, PODER DE IDEIAS</b> .....	37
2.1	<b>Mercado editorial, concentração e livros digitais</b> .....	40
2.2	<b>Editoras universitárias, diferentes realidades e projetos em disputa</b> .....	46
2.3	<b>Editoras universitárias, livros digitais e e-books</b> .....	51
2.4	<b>E-books, acesso aberto e produção de conhecimento</b> .....	54
2.4.1	<u>Repositórios institucionais</u> .....	58
2.5	<b>Livros digitais e o leitor: novas tecnologias, velhos dilemas</b> .....	61
2.5.1	<u>Disseminação do e-book e o leitor</u> .....	62
2.5.2	<u>Pesquisas de comportamento</u> .....	64
3	<b>ANÁLISE DE DADOS</b> .....	69
3.1	<b>SciELO Livros (ou SciELO Books): navegando por entre e-books acadêmicos em espaço circunscrito</b> .....	74
3.2	<b>Alguns dados das planilhas do SciELO – panorama geral</b> .....	78
3.3	<b>Discutindo as editoras a partir dos dados das planilhas, dos questionários e da entrevista</b> .....	85
3.3.1	<u>Edufba</u> .....	85
3.3.2	<u>Editora Fiocruz</u> .....	92
3.3.3	<u>Eduem</u> .....	98
3.3.4	<u>EDUEPB</u> .....	102
3.3.5	<u>Editora Unesp</u> .....	104
3.4	<b>Editoras que não responderam o questionário: o que dizer sobre as que nada disseram</b> .....	112
3.5	<b>Editoras que não participam do SciELO</b> .....	114
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	116

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	123
<b>APÊNDICE A</b> – Questionário para editoras universitárias participantes do SciELO Livros .....	128
<b>APÊNDICE B</b> – Entrevista com Jézio Hernani Bomfim Gutierre, diretor-presidente da Editora Unesp .....	130
<b>APÊNDICE C</b> – Questionário para as editoras universitárias que não participam do SciELO livros .....	142
<b>ANEXO A</b> – SciELO Livros – Total de títulos baixados   mês a mês   acesso aberto   ePub e PDF .....	143
<b>ANEXO B</b> – SciELO Livros – Total de acessos a página do livro   mês a mês   acesso aberto e comerciais .....	145
<b>ANEXO C</b> – SciELO Livros – Média de downloads por livro .....	146
<b>ANEXO D</b> – Estatísticas Amazon – Total de títulos baixados   mês a mês   acesso aberto e comerciais .....	147
<b>ANEXO E</b> – Estatísticas Amazon – Total de títulos baixados   mês a mês   acesso aberto .....	148
<b>ANEXO F</b> – Estatísticas Amazon – Total de títulos baixados   mês a mês   acesso comercial .....	149
<b>ANEXO G</b> – Estatísticas Amazon – Livros mais baixados   por país   acesso aberto e comerciais .....	150
<b>ANEXO H</b> – Estatísticas Google Play – Total de títulos baixados   mês a mês   acesso aberto e comerciais .....	151
<b>ANEXO I</b> – Estatísticas Google Play – Total de títulos baixados   mês a mês   acesso aberto .....	152
<b>ANEXO J</b> – Estatísticas Google Play – Total de títulos baixados   mês a mês   acesso comercial .....	153
<b>ANEXO K</b> – Estatísticas Google Play – Livros mais baixados   por país   acesso aberto e comerciais .....	154
<b>ANEXO L</b> – Estatísticas Kobo Books – Total de títulos baixados   mês a mês   acesso aberto .....	155
<b>ANEXO M</b> – Estatísticas Kobo Books – Total de títulos comerciais baixados.....	156
<b>ANEXO N</b> – Estatísticas Kobo Books – Livros mais baixados   por país .....	157

## INTRODUÇÃO

Nosso interesse em pesquisar o tema das editoras universitárias remonta à graduação em produção editorial, concluída na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) em 2004. Desde então procurávamos compreender o funcionamento sobretudo de editoras de universidades públicas. Depois de cerca de sete anos no mercado editorial, em janeiro de 2012 passamos a trabalhar na Editora UFRJ, no cargo Editor de Publicações. Essa experiência certamente motivou a continuidade do estudo, agora de outro ponto de vista e com o desafio da nova materialidade do livro mais presente.

Assim esta dissertação investiga a edição de livros digitais por editoras universitárias brasileiras, mais especificamente as publicações no portal SciELO Livros (<http://books.scielo.org>) das editoras que integram essa biblioteca on-line. Busca refletir sobre o papel das editoras universitárias – e dos livros universitários – na produção e divulgação do conhecimento científico e as possibilidades que se abrem com as novas tecnologias digitais, quando passam a conviver livro impresso e livro digital ou eletrônico, e como isso se dá a partir dessa plataforma.

É importante destacar uma discussão no campo da biblioteconomia para a definição mais correta da terminologia para se referir ao livro no suporte tela. Grau e Oddone utilizam a expressão “livros digitais e eletrônicos”, ou simplesmente a sigla LDE, em vez de e-book (GRAU; ODDONE, 2015), com base na diferenciação sistematizada por Oddone:

- 1) livros digitais são aqueles que estão disponíveis em versões .html, .txt ou .pdf na internet. Para lê-los é preciso ter um computador conectado à internet e um programa de navegação, entre os quais podem ser mencionados Internet Explorer, Mozilla Firefox, Google Chrome, Apple Safari, Opera, entre outros;
- 2) livros eletrônicos são aqueles que estão disponíveis em versões .epub, .mobi, .azw e .ios, entre outras. Para lê-los é preciso visitar lojas especializadas, baixar arquivos com o conteúdo dos livros e fazer *upload* desses arquivos em aparelhos como Kobo, Kindle e iPad, entre outros, ou instalar os arquivos diretamente nos aparelhos se estes puderem se conectar à internet, ou ainda instalar no computador programas especiais de leitura para abrir e ler esses mesmos arquivos. (ODDONE, 2013 apud GRAU; ODDONE, 2015)

No caso deste estudo, a diferenciação é pertinente para entender o tipo de livro escolhido por editores e leitores, já que há tanto digitais (PDF) quanto eletrônicos (ePub) na plataforma SciELO, mais do que por questão formal ou de nomenclatura. Assim, usamos os termos livros digitais, eletrônicos, por vezes até e-books, de maneira mais livre e praticamente como sinônimos, embora quando necessário destaquemos as diferenças entre PDF e ePub, por

exemplo, as limitações dos formatos e a maior ou menor profissionalização da produção. Ao utilizar *e-book*, consideramos a primeira definição do Houaiss, que não inclui os dispositivos de leitura (e-readers e gadgets em geral), e certamente é o entendimento de muitos leitores e das livrarias: “1. livro em suporte eletrônico, especialmente para distribuição via internet, concebido originalmente ou vertido para esse tipo de mídia” (HOUAISS, 2012).

Nossa tentativa é também pensar a relação entre materialidade e difusão de conteúdos não apenas nos marcos das tecnologias de comunicação, como se fossem algo descolado da realidade ou como se houvesse neutralidade em seus usos. Procura-se discutir a questão técnica como parte da cultura, considerando a historicidade e a inserção em um contexto mais amplo de disputas de concepções e visões de mundo.

O SciELO Livros foi escolhido como ponto de partida, pois, apesar de contar com poucas participantes, é a principal proposta que congrega editoras universitárias no que se refere aos livros digitais, com regras comuns e padronização das publicações. Lançado em 2012, por um consórcio entre Editora Unesp, Edufba e Editora Fiocruz, conta atualmente com nove editoras e cinco coleções de outras instituições. Tem uma marca crescente de acessos, que atingia mais de 60 milhões de downloads em nossa última verificação, em novembro de 2016. Esse número refere-se, em sua maioria, aos livros em acesso aberto, no formato PDF, mas há também livros à venda e no formato ePub – gratuitos ou não – na plataforma.

A grande quantidade de downloads por meio do portal foi o que nos chamou a atenção em um primeiro momento. Assim, algumas questões, entre outras, nos guiaram inicialmente: como a plataforma SciELO pode contribuir com a publicação de livros digitais por editoras universitárias com realidades tão diversas? Qual é o principal interesse de publicar nesse formato? O que o número de downloads nos revela? Como entender o papel de uma editora universitária diante dessa tecnologia, sem desprezar outros desafios que já têm por serem vinculadas a instituições de produção de conhecimento não completamente representadas por suas publicações? O acesso aberto pode ampliar o público e democratizar o conhecimento científico? E o acesso controlado? É possível articular essa recente experiência de algumas editoras universitárias com transformações na circulação dos livros e no acesso à informação?

Mais do que responder a todas as indagações, acreditamos que este estudo pode ajudar a entender a contribuição e os limites do SciELO para essas publicações digitais e para a democratização do acesso ao conhecimento produzido nas universidades. De certa forma, a atividade editorial em instituições de ensino é mais livre e menos pressionada pelo mercado de livros, já que não depende tanto deste para sua sobrevivência. Porém essa pouca inserção mercadológica, por outro lado, restringe o alcance de seus livros e traz o debate de modelo

mais eficiente de editora universitária e de alternativas, considerando sua função social de difusora do conhecimento produzido nas universidades e sua relevância para a sociedade.

No interior da universidade há, notavelmente, diversos projetos político-pedagógicos e as editoras, principais órgãos de divulgação das instituições – ainda que nem sempre reconhecidos – são parte dessa disputa por hegemonia do projeto. Por outro lado, a característica de relativa independência, embora não completa, em relação ao mercado editorial é outra espécie de brecha para a produção de livros cujo lucro não é a principal preocupação. Assim, é pertinente a reflexão sobre acesso aberto ao conhecimento, em especial quando as pesquisas são financiadas com recursos públicos, devendo portanto divulgar seus resultados.

Para trabalhar essas questões, a dissertação divide-se em três capítulos, conforme descritos brevemente a seguir, além das considerações finais.

No capítulo 1, trazemos alguns elementos da história da escrita e principalmente do livro, passando por suas diversas materialidades e como isso modificou ou não os hábitos de leitura ao longo do tempo. Para a discussão da história editorial, Roger Chartier é a principal referência e trazemos contribuições mais breves de Robert Darnton e Frédéric Barbier, entre outros autores. Abordamos sucintamente o debate entre Elizabeth Eisenstein e Adrian Johns acerca do significado da invenção da prensa, contrapondo a visão que sobrevaloriza os efeitos sociais dessa tecnologia da primeira à crítica do segundo, que procura reconhecer a importância de outros fatores como o contexto sócio-histórico e a ação humana. Nesse capítulo tratamos sem delongas do surgimento das universidades e das editoras universitárias, e sua relação com os livros, para contextualizar o atual momento. Nessa parte, buscamos dialogar com autores como Hallewell, em *O livro no Brasil*, e Bufrem, autora de *Editoras universitárias: uma crítica para reformulação da prática* (2001), originado de sua tese de doutorado, que se tornou a principal referência brasileira sobre editoras universitárias, além da contribuição de autores com experiência prática na edição universitária, como José Castilho Marques Neto (ex-diretor presidente da Editora Unesp) e Flávia Garcia Rosa (diretora da Edufba).

O capítulo 2 apresenta, de início, uma discussão mais geral acerca da disputa de hegemonia nos meios de comunicação e na cultura, a partir do materialismo cultural e de alguns conceitos de Gramsci. Nessa abordagem, procuramos analisar as questões relativas à edição universitária considerando a história e as disputas que existem na sociedade. Nesse sentido, nos referenciamos no “empenho constante que Gramsci herdou de Marx, ou seja, o de inserir na dimensão da totalidade e da historicidade os muitíssimos fatos particulares de que

trata” (COUTINHO, 2011, p. 19). Depois passamos a analisar a concentração do mercado editorial, o comportamento do leitor e seus hábitos de leitura, o livro como mercadoria com seu valor de uso e seu valor de troca, o papel das editoras universitárias, que, segundo John B. Thompson, estão à margem do campo das editoras comerciais, sempre buscando uma relação com a reflexão inicial. Por fim, levantamos questões – sem pretensão de aprofundar essa discussão – sobre tecnologia digital, acesso aberto e o papel desempenhado pelos repositórios institucionais na difusão do conhecimento produzido nas universidades, em especial por meio dos livros digitais. A ideia é entender os repositórios para ver no que se aproximam e se distanciam da plataforma SciELO Livros.

O capítulo 3, então, traz a pesquisa empírica propriamente dita. No início, discorremos sobre a metodologia adotada para a coleta de dados, com o uso de questionários, entrevista (no caso da Editora Unesp) e planilhas fornecidas pelo portal SciELO Livros, com dados relativos a todas as editoras. Segue-se a análise, que procura relacionar os dados obtidos com a pesquisa bibliográfica e a reflexão feita nos capítulos anteriores. Além das nove editoras universitárias que constituem o *corpus* da pesquisa, outras que não participam da rede SciELO foram rapidamente interrogadas no intuito de fazer uma comparação para compreender as que não fazem parte da referida rede. Assim, as respostas das dezoito que deram retorno estão no final deste capítulo.

Segue-se, por fim, a conclusão, que avalia alguns achados sobre essa crescente presença dos livros digitais universitários, que convive com a prevalência do impresso e a preferência do público por esse formato. Mais do que fechar alguma questão em matéria tão dinâmica, levantam-se questões para aprofundamento, possíveis caminhos para novas pesquisas, que, no entanto, já teriam esse trabalho como elemento de comparação.

Por fim, a reflexão de Hallewell sobre seu estudo da história do livro no Brasil serve de inspiração para nosso objeto, bastante menor e mais circunscrito, que porém não deixa de dizer algo sobre a política para a divulgação do conhecimento científico produzido nas universidades e a conformação de visões de mundo.

Procurar conhecer uma nação por meio de sua produção editorial é, mais ou menos, o mesmo que julgar uma pessoa por sua caligrafia. *Ambas constituem parte muito pequena da atividade total de um país ou de uma pessoa, mas as duas podem ser muito reveladoras, pois nós somos como nos expressamos.* Na verdade, é difícil imaginar uma atividade que envolva tantos aspectos da vida nacional quanto a publicação de livros. *O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos.* Seu aspecto gráfico é o encontro da estética com a tecnologia disponível. Sua produção requer a disponibilidade de certos produtos industriais (que podem ser importados, feitos com matéria-prima importada ou fabricados inteiramente no país). Sua venda constitui um processo comercial

condicionado por fatores geográficos, econômicos, educacionais, sociais e políticos. E o todo proporciona uma excelente medida do grau de dependência ou independência do país, tanto do ponto de vista espiritual quanto material. (HALLEWELL, 2012, p. 31, grifos nossos)



## 1 UM POUCO DA HISTÓRIA DO LIVRO, DAS UNIVERSIDADES E DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Neste capítulo tomamos o desafio de inserir nosso objeto numa dimensão histórica comparativa, que leva em conta outros momentos da história do livro, das universidades e editoras universitárias, para pensar as especificidades do livro digital nas editoras universitárias. Fazemos isso não sem o risco dos supérfluos ou longos capítulos históricos que parecem apenas preencher o número de páginas em um trabalho acadêmico. A tentativa é de reflexão e diálogo com autores como Chartier, Darnton, entre outros, apesar dos limites de aprofundamento no âmbito do mestrado.

Por um lado, nos guia uma perspectiva de longa duração da história da comunicação para a compreensão da situação atual. Esse entendimento pode ficar mais claro na metáfora de Braudel sobre a relação entre eventos e a compreensão de realidades mais profundas, trazida por Chartier em sua obra *A mão do autor e a mente do editor*:

Uma noite aconteceu de eu me encontrar subitamente no meio de um prodigioso enxame de vaga-lumes fosforescentes. Eles piscavam incessantemente ao meu redor, acima e abaixo de mim, inúmeros, duchas de vaga-lumes emergindo dos sulcos na estrada e na relva de todo lado, como muitos foguetes, mas de vida muito breve para iluminar a paisagem claramente. Eventos – outros pontos de luz – fazem o mesmo. Além do clarão luminoso de sua luz súbita, além de sua própria história, toda a paisagem ao seu redor permanece para ser reconstituída: a estrada, o mato, a floresta [...]. Notem que é isso que torna necessário ir além da franja luminosa dos acontecimentos, que nada mais é que a primeira fronteira e, com frequência, por si só, uma história extremamente pequena. (BRAUDEL apud CHARTIER, 2014, p. 82)

Assim buscamos relacionar acontecimentos mais distantes, como a invenção do livro em cadernos ou o surgimento da prensa de Gutenberg, com a chamada revolução digital, ou o contexto de emergência das universidades e esses centros de conhecimento na atualidade. O objetivo é verificar o que se repete e o que se modifica ao longo do tempo, como isso influencia na cultura e na comunicação.

Outro enfoque, aparentemente incompatível, mas que traz elementos para nossa discussão é a perspectiva do materialismo cultural de Gramsci, da inserção na historicidade e na totalidade, como veremos no próximo capítulo. Nesse caso, procuramos uma compreensão menos fragmentária para uma realidade atravessada por disputas pela liderança intelectual e moral na sociedade, como acontece em todo processo comunicacional e não poderia ser diferente com a publicação digital em editoras universitárias.

Estudar a cultura e as transformações tecnológicas da comunicação ao longo do tempo não é tarefa simples, tendo em vista que a história da humanidade é marcada por momentos com contextos sociais próprios e necessidades organizativas específicas, que se refletem nas maneiras de comunicar. Assim, o desenvolvimento da técnica não pode ser separado da história, e as “revoluções tecnológicas” precisam ser pensadas numa perspectiva comparativa e não pontual.

### 1.1 Escrita, livros e história

antes de existir enciclopédia existia alfabeto  
antes de existir alfabeto existia a voz  
*“O silêncio”, Arnaldo Antunes*

Bem antes dos livros sob qualquer forma ou materialidade, nas sociedades de cultura oral, a transmissão de textos era feita pela palavra entoada, por meio de versos musicalizados para memorização. “A emissão musical – o verso – é a mais antiga tecnologia literária, memorizada com facilidade e entoada como as crianças ainda entoam o alfabeto e os números” (EPSTEIN, 2002, p. 11). Portanto, já existia uma técnica que permitia a preservação da memória antes da palavra escrita, como aconteceu com as obras *Iliada* e *Odisseia*, de Homero, posteriormente registradas por meio da escrita.

A transição dessas sociedades para o letramento começou a ocorrer cerca de seis mil anos atrás, passando, entre outras formas, pela escrita pictográfica, seguida da cuneiforme até chegar ao alfabeto grego, por volta do século VIII a.C. Esse tipo de organização alfabética persiste até nossos dias. Em uma passagem do artigo “O que aprender com os livros?”, Márcio Souza Gonçalves faz um resumo didático desses milhares de anos:

Considerando a escrita, três fases podem ser distinguidas na história humana. Tem-se uma primeira fase de comunicação oral, instante zero no qual a escrita marca-se por sua própria ausência, à qual se segue uma fase de comunicação pré-alfabética, exemplificada primordialmente pela escrita cuneiforme, já presente no quarto milênio a.C., e que vai até a invenção do alfabeto pelos gregos, a partir de uma base fenícia, em torno do século VIII a.C. ou antes. A essas duas se sucede a fase alfabética, que domina até hoje (GONÇALVES, 2009, p. 84).

Não cabe aqui recuperar toda essa história em detalhes, porém ressaltamos que, apesar do predomínio das sociedades baseadas na transmissão da memória por meio da palavra escrita, essa mudança de paradigma não eliminou de todo as características das sociedades orais. Podemos perceber mesmo hoje, em diversos pontos do planeta, a presença de fortes características da cultura oral, que convivem com a escrita e seus novos suportes digitais.

O Brasil, por exemplo, é uma sociedade com traços muito marcantes da oralidade. Em grande medida inserido na cultura digital, com a maioria de sua população com celulares e smartphones nas mãos,<sup>1</sup> o país ao mesmo tempo pode ser considerado uma sociedade oralizada, de acordo com Marialva Barbosa.

Somos uma sociedade oralizada, e a história da comunicação no Brasil é a compreensão desse universo de práticas culturais dos modos orais de comunicação que foram se transformando na longa duração. Do burburinho das ladeiras e ruelas do século XVIII, que causava aflição aos ouvidos e sentidos dos europeus, ao som que acompanha os transeuntes das cidades modernas, que insistem em falar em voz alta nos telefones celulares construindo novos burburinhos urbanos, há uma linha de continuidade. Passamos da oralidade primária à secundária, no sentido de Walter Ong (1998), sem nos atermos no letramento. (BARBOSA, 2013, p. 11)

Este estudo do livro e das editoras universitárias não desconsidera essas características históricas da colonização, com processos de alfabetização, educação e implantação da imprensa tardios e incompletos, que se refletem nos hábitos de leitura e consumo de livros, tanto impressos quanto digitais, no país.

O desenvolvimento da escrita teve relação com os suportes do texto, portanto se entrecruza com a história do livro e suas mudanças tecnológicas. As temporalidades, no entanto, variam. Desde o advento dos livros em tabuletas (ou tabletes) de argila ou pedra, ainda na época da escrita pré-alfabética, passando pela criação dos rolos de papiro e pergaminho, e posteriormente do códice – com as folhas dispostas em cadernos –, atravessando a revolução da imprensa de Gutenberg em 1450 e chegando, enfim, às recentes transformações da era digital, são muitas as formas de registrar a palavra escrita. Todas essas inovações tiveram importância em sua época e fazem pensar sobre as transformações também nas formas de ler e as possibilidades de ampliação do acesso à informação – e, em certo

<sup>1</sup> Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2014, do IBGE, divulgada em abril de 2016, o uso de celulares para acessar a internet ultrapassou o de computadores no Brasil pela primeira vez. “Mais da metade dos 67 milhões de domicílios brasileiros passaram a ter acesso à internet em 2014 (54,9%). Em 2013, esse percentual era 48%. Mais de 60% dessas casas estavam na área urbana.

O celular para navegar na rede era usado em 80,4% das casas com acesso à internet, já o computador para esse fim estava em 76,6% desses domicílios e teve queda na comparação com 2013 (88,4%). A maior proporção desse uso foi registrada no Nordeste, com 92,5% dos domicílios com o celular como meio de acesso à internet.” Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/2016-04/celular-e-principal-meio-de-acesso-internet-na-maioria-dos-lares>>. Acesso em: out. 2016.

sentido, nos modos de pensar.

Uma importante mudança na maneira de ler se deu na transição do livro da antiguidade, sob a forma de rolo ou *volumen*, ao códice. O rolo trazia grandes dificuldades à leitura e aos estudos, pois precisava ser segurado com ambas as mãos, desenrolado e enrolado. Não era simples retomar uma parte lida anteriormente ou fazer anotações e era praticamente impossível confrontar mais de uma obra. Assim, Roger Chartier descreve a leitura nessa materialidade:

A leitura antiga é leitura de uma forma de livro que não tem nada de semelhante com o livro tal como o conhecia Gutenberg e tal como conheciam os homens da Idade Média. Este livro é um rolo, uma longa faixa de papiro ou pergaminho que o leitor deve segurar com as duas mãos para poder desenrolá-la. Ele faz aparecer trechos distribuídos em colunas. Assim um autor não pode escrever ao mesmo tempo que lê. (CHARTIER, 2009, p. 24)

Nesse sentido, na obra *História do livro*, de Frédéric Barbier, um episódio chama a atenção por atingir um extremo, demonstrando a dificuldade, e no limite o risco, do manuseio dos rolos. A partir de outro relato, Barbier conta que “à idade de oitenta e três anos, Verginius Rufus ‘leu em pé um *volumen* tão pesado que acabou por lhe cair das mãos. Querendo apanhá-lo, perdeu o equilíbrio, caiu, quebrou a perna e morreu...” (BARBIER, 2009, p. 36). Essa parece ser uma situação excepcional, no entanto seu aspecto trágico ajuda a lembrar a grande diferença material entre esse tipo de livro e o códice.

Emanuel Araujo destaca algumas modificações nos próprios rolos, que também se desenvolveram ao longo do tempo até chegar à passagem para o códice. Assim, nota-se que suas características físicas não foram constantes, tendo existido rolos menores, maiores, com um ou mais títulos.

Até a normalização editorial dos alexandrinos, os manuscritos não passavam de curtos *volumina* (pequenos rolos de papiro) que continham apenas uma obra ou sua parte, e.g., uma tragédia, um canto de Homero ou uma coletânea de poemas de até cerca de mil versos, o que dificultava a sequência da leitura ou mesmo da consulta. Na biblioteca de Alexandria alterou-se tal disposição quando se reuniram pequenos *volumina* em rolos mais longos que podiam conter cinco ou seis trabalhos. No século I d.C. já seria corrente aliás nomear-se o *volumen* como “livro”, i.e., parte de uma obra (assim, por exemplo, em Columela e em Plínio, o Velho). Sob o reinado de Antonio (137-161 d.C.) provavelmente fez-se a passagem definitiva do *volumen* para o *codex*, o que significou uma revolução na apresentação material do texto (ARAUJO, 2008, p. 417).

O códice, portanto, substituiu os rolos de pergaminho no início da era cristã e, segundo Robert Darnton, foi “crucial para a difusão do cristianismo” (DARNTON, 2010, p. 40), destacando a relação entre a materialidade e as ideias. As mudanças no suporte foram

acompanhadas dos novos hábitos:

A página surgiu como unidade de percepção, e os leitores se tornaram capazes de folhear um texto claramente articulado, que logo passou a incluir palavras diferenciadas (isto é, palavras separadas por espaços), parágrafos e capítulos, além de sumários, índices e outros auxílios à leitura (DARNTON, 2010, p. 40).

Apesar da significativa modificação dos hábitos de leitura com a invenção do livro em cadernos, frequentemente há mais ênfase na ruptura que teria significado a invenção da prensa, quando os livros, antes manuscritos, começaram a ser reproduzidos numa escala extremamente maior. De início, a partir do século XV, a reprodução era movida à força humana e posteriormente, com a descoberta do vapor, ampliou-se para uma escala industrial, no século XIX. Se por um lado a prensa sem dúvida ampliou bastante o público leitor, por outro, a mudança nos modos de leitura pode ter sido menos radical do que no momento de invenção do códice, por exemplo, já que não houve uma alteração significativa na materialidade do objeto, que permaneceu com a forma livro em cadernos. Sobre os efeitos dessas tecnologias, Chartier explica:

A invenção da imprensa não modificou a estrutura fundamental do livro, que era composto – tanto antes quanto depois de Gutenberg – de cadernos não<sup>2</sup> costurados, folhas e páginas reunidos num único objeto. Nos primeiros séculos da era cristã, o códice, essa nova forma de livro, ganhou popularidade sobre o rolo, mas não foi acompanhado de uma transformação nas técnicas para reprodução de textos, ainda executada por copiagem à mão. Se a leitura passou por diversas revoluções, que historiadores registram e discutem, essas revoluções ocorreram *durante o desenvolvimento do códice em longo prazo*. Entre elas estiveram as conquistas medievais da leitura silenciosa e visual, a ânsia pela leitura que tomou conta da era do Iluminismo ou, começando no século XIX, a chegada de novos leitores das camadas populares da sociedade, dentre os quais mulheres e crianças, tanto dentro como fora da escola (CHARTIER, 2014, p. 22, grifos nossos).

Assim, as mudanças nos hábitos de leitura não se deram como uma ruptura pontual, mas com movimentos mais espaçados na história, que levaram à adoção do formato códice, com a página como unidade de leitura.

Ao se difundir a prensa verifica-se, também, a continuidade do manuscrito e sua convivência com os impressos por alguns séculos. Os livros manuscritos eram mais apropriados para determinados tipos de textos e por diversas motivações, como evitar alterações equivocadas, facilitar correções, preferência por circulação limitada, ou no caso de

---

<sup>2</sup> A palavra “não” parece um erro de tradução. No original em inglês, a partir do qual foi traduzido esse livro, consta: “This invention of printing did not modify the fundamental structure of the book, which was composed – both before and after Gutenberg – of quires, leaves, and pages brought together in one object” (CHARTIER, Roger. *The author’s hand and the printer’s mind*. Cambridge: Polity Press, 2014. p. 5).

textos passíveis de censura:

Há, portanto, muitas razões que levaram a cópia manuscrita a continuar presente mesmo quando a reprodução mecânica de textos possibilitada pela invenção de Gutenberg parecia predizer seu desaparecimento. Ao menos por um motivo, o manuscrito permitia uma difusão controlada e limitada de textos que evitavam censura prévia e que podiam circular clandestinamente com mais facilidade do que obras impressas [...]. É por isso que os manuscritos foram um veículo essencial para textos libertinos eruditos durante a primeira metade do século XVII e, no século seguinte, para os textos filosóficos materialistas. Ademais, a própria forma do livro manuscrito, aberto a correções, eliminações e adições em todos os estágios de sua fabricação, da composição à copiagem, e da cópia terminada à encadernação, permitia escrever em várias ocasiões [...], ou escrever a várias mãos [...]. Finalmente, a publicação manuscrita constituía uma alternativa para certas formas de corrupção produzidas pela impressão: removia o comércio das letras dos interesses econômicos [...] e protegia textos de alterações introduzidas por compositores canhestros e revisores ignorantes (CHARTIER, 2014, p. 111-112).

Além disso, entre os séculos XV e XVIII, como demonstrou Mackenzie, sempre lembrado por Chartier, a imprensa não era tão utilizada para a impressão de livros e mais para imprimir materiais ditos efêmeros, como panfletos, libelos, petições, cartazes, formulários, certificados, entre outros, que garantiam a sustentação das gráficas (CHARTIER, 2009, p. 16; 2014, p. 104).

De toda forma, a introdução da prensa tipográfica foi um importante marco, embora não único, para a história dos livros e da escrita, pois ampliou o acesso à informação e o público e isso facilitou outras mudanças de difícil mensuração.

Há muita polêmica em torno da abordagem dos efeitos sociais dessa tecnologia e é preciso certo cuidado para não exacerbar seu papel em detrimento de outros fatores, como o cenário social, político e a ação humana. Em que medida a técnica, por si só, leva a algumas consequências? Até que ponto os acontecimentos seriam associados a um contexto específico, com determinados atores?

A historiadora Elizabeth Eisenstein dedicou-se a estudar os efeitos da prensa na cultura ocidental no livro *The Printing Press as an Agent of Change* (1979), que teve uma versão reduzida traduzida para o português como *A revolução da cultura impressa*. A autora considerava que tais efeitos eram “vagamente subentendidos, em vez de serem definidos explicitamente” (EISENSTEIN, 1998, p. 57). Em resumo, Eisenstein identificou como decorrentes da prensa tipográfica o aumento do público, a padronização, a centralização da produção nas oficinas e a preservação dos textos. E, numa perspectiva menos imediata e a partir dos efeitos mencionados, ela apontou consequências em escalas maiores: a Reforma, o Renascimento e a Revolução Científica. Em suas palavras, “a maior produção, dirigida a

mercados relativamente estáveis, criou condições que favoreceram inicialmente novas combinações de velhas ideias e, mais tarde, a criação de sistemas de pensamento inteiramente novos” (EISENSTEIN, 1998, p. 60).

Eisenstein é referência importante para grandes autores do campo da história do livro, como o próprio Chartier, ou simplesmente para quem estuda o assunto. No entanto, alguns aspectos de sua perspectiva passaram a ser questionados por sobrevalorizarem o papel da prensa em detrimento da própria historicidade.

Esse é um debate que Adrian Johns, também historiador, fez diretamente com Eisenstein e de forma bastante contundente na revista *The American Historical Review*. Por sua vez, ela o respondeu com uma crítica a seu livro *The Nature of the Book* (1988), o que o levou a escrever “How to Acknowledge a Revolution” [Como reconhecer uma revolução]. Nesse texto, que ainda teve uma tréplica de Eisenstein, Johns trata da diferença entre a sua abordagem e a da autora, sintetizada na afirmação de que, para ele, a “prensa tanto condiciona quanto é condicionada pela história”<sup>3</sup> (JOHNS, 2002, p. 124). Assim, os resultados dessa invenção não seriam consequências apenas de seus potenciais técnicos. O contexto cultural teria um papel tão ou mais importante, construindo um cenário favorável ou não para os acontecimentos que sucederam essa tecnologia. Tal cenário seria produto da atuação humana em sua complexidade histórica.

Sem nos prolongar na polêmica entre os autores, a visão de Johns parece relevante para pensar as tecnologias de comunicação em geral e as relativas ao livro em especial, evitando cair na armadilha de enxergar apenas as rupturas e novidades técnicas revolucionárias. Trata-se, mais do que isso, de observar o que permanece dos períodos anteriores e como se manifesta, além de considerar o contexto social e a ação humana.

Essa discussão serve também, portanto, quando consideramos os e-books. Por um lado, as transformações trazidas pelo livro digital podem ser consideradas mais significativas que as da prensa, pois, como na passagem do *volumen* ao códice, muda-se mais uma vez a materialidade do objeto livro, com consequências para as formas de ler. Por outro lado, não se pode dizer o quanto, quando ou se o novo formato vai substituir o antigo, menos ainda que tipos de desdobramentos isso trará. É possível, no entanto, buscar uma compreensão do contexto e da relação dessa realidade com a produção das editoras analisadas, as necessidades, os usos e a procura dos leitores.

Além das transformações materiais e na relação do leitor com o novo objeto, são

---

<sup>3</sup> Tradução livre de “print is conditioned by history as well as conditioning it”.

significativas as potencialidades de aumento de público e da disseminação do conhecimento. Assim, os dois aspectos se encontram imbricados nesse desenvolvimento técnico atual.

## 1.2 Sobre universidades, conhecimento científico e livros

As universidades como conhecemos hoje têm origem na Idade Média e são típicas da cultura ocidental: nasceram no início do século XIII, quase simultaneamente na Itália, na França e na Inglaterra – Universidades de Bolonha, Paris e Oxford, respectivamente, seguidas de Montpellier. Desde seu início, havia dois modelos de universidade, ambos muito marcados pelo associativismo e pela influência da Igreja (CHARLE; VERGER, 1996).

De um lado, estavam as universidades da Região Norte da Europa (Paris e Oxford), que eram associações de mestres ou federações de escolas, de forte caráter eclesiástico, cujas disciplinas dominantes eram as artes liberais e a teologia; de outro lado, as mediterrâneas, associações de estudantes com o predomínio do direito e, secundariamente, da medicina. Mesmo que um controle eclesiástico também se impusesse nesse último modelo, permanecia exterior à própria universidade (CHARLE; VERGER, 1996, p. 18-19).

Nesse contexto, pode-se notar já no princípio da criação dessas instituições, independentemente de sua natureza ou do modelo adotado, certa relação entre o ensino superior, os livros e a leitura a partir do próprio processo de ensino e aprendizagem. “O surgimento das universidades na Europa – final do século XII, início do século XIII – contribuiu para o aparecimento de um público leitor diferenciado: professores que buscavam textos, obras de referência, comentários [...], e alunos em busca de material de estudo” (MARQUES NETO; ROSA, 2010, p. 333). Ou, como ressalta Leilah Bufrem (2001, p. 31), “o livro universitário está intimamente ligado ao contexto medieval e ao momento em que surgiram as primeiras *universitas*”.

Essa demanda do novo público leitor estimulou o desenvolvimento de oficinas de copistas nas universidades. Dividia-se o livro manuscrito em partes, que eram copiadas por pessoas diferentes. Tal prática, conhecida como *pecia*, possibilitou que a reprodução se tornasse mais rápida e barata, numa espécie de linha de produção rudimentar.

No século XV, com a introdução da imprensa na Europa, o processo de reprodução dos textos foi facilitado, permitindo um aumento na disponibilidade de impressos para atender a demandas crescentes. As universidades começaram então a ter as primeiras máquinas de



imprimir em suas dependências, o que originaria as editoras universitárias. Em 1478, a Oxford University já tinha uma, produzindo seu primeiro livro, e em 1534 foi fundada a Cambridge University Press (MARQUES NETO; ROSA, 2010, p. 334).<sup>4</sup>

Segundo Jézio Gutierre, no debate “Produção do conhecimento e políticas editoriais em universidades”,<sup>5</sup> com base na reflexão de Paolo Rossi, historiador da ciência, o *geist* científico tem como característica ser democrático. Assim, o século XV veria o advento de uma nova forma de pensar. As universidades, que eram centros endógenos, se perceberam como centros de difusão e começou a haver maior interesse de publicação.

As universidades, portanto, criaram um novo público leitor e a reprodutibilidade técnica do livro, por meio da prensa, fez o conhecimento se difundir em outro patamar, mesmo convivendo com manuscritos, copistas, entre outros aspectos. Traçando um paralelo com a situação atual, o livro digital segue o caminho de uma reprodução com potencial de alcance ainda mais amplo, além das mudanças nos modos de leitura. A publicação desse tipo de livro por editoras universitárias merece ser analisada, buscando compreender esse processo em sua complexidade.

No Brasil a história das universidades é bastante posterior. Na época colonial houve muita resistência à fundação de universidades – principalmente por parte de Portugal, mas também de brasileiros que consideravam um caminho natural que as elites fossem cursar o ensino superior na Europa. Apesar das várias tentativas de criação da instituição, como no século XVI pelos jesuítas e com a Inconfidência Mineira em 1789, essa resistência atravessou o século XIX, quando foram criadas as primeiras escolas superiores, e persistiu ainda durante a República. As universidades brasileiras datam do início do século XX e, embora seja difícil precisar qual foi a pioneira, considera-se a Universidade do Rio de Janeiro (URJ) a primeira criada legalmente pelo governo federal, em 1920, de acordo com Maria de Lourdes Fávero (2000, v. 1, p. 17-18).

De maneira similar à fundação das universidades, o aparecimento da imprensa no país também aconteceu tardiamente. Portugal proibiu o estabelecimento da atividade na colônia até 1808 – ainda assim, tem-se notícia da primeira impressão de um livro numa prensa doméstica em 1807, em Vila Rica, atual Ouro Preto (HALLEWELL, 2012, p. 135) –, quando a transferência de d. João para o Brasil trouxe a necessidade de um instrumento para publicar

---

<sup>4</sup> Jézio Gutierre, atual diretor-presidente da Editora Unesp, em debate realizado no Cedem, em 16 de junho de 2016, afirma que as primeiras editoras universitárias, na verdade, foram da Universidade de Paris (1480) e Coimbra (1530).

<sup>5</sup> Esse debate ocorreu no Cedem/Unesp em 16 de junho de 2016. A gravação, no entanto, ainda não estava disponível em novembro de 2016.

seus atos e proclamações. “Até 1822, a Imprensa Régia deteve o monopólio da impressão no Rio de Janeiro” (HALLEWELL, 2012, p. 113).

Guardadas as diferenças, a relação entre universidades e livros no Brasil, de certo modo, se assemelha à das origens das universidades medievais. Lajolo e Zilberman destacam alguns exemplos que ilustram o aumento da demanda por livros já nas primeiras escolas superiores, antes mesmo da fundação das universidades.

Escola superior e imprensa dão-se as mãos neste primeiro momento de construção das instituições da cultura moderna – logo, da leitura – no Brasil. A Real Academia Militar, a Academia Naval e os cursos de medicina careciam de livros apropriados e abastecidos com os tratados de Legendre, Lacroix, Francoeur e outros autores, traduzidos e editados pela Imprensa Régia. A inclinação a editar obras destinadas ao ensino visando atender demandas inesperadas parece ter-se incorporado à história do livro didático em circulação no país, com consequências visíveis no modo como se desenvolveram as práticas de leitura nos arredores da escola. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 128)

No entanto, como veremos, essa demanda foi inicialmente suprida por editoras comerciais que se voltaram para esse público. A criação das primeiras editoras universitárias só veio a acontecer nas décadas de 1950 e 1960.

### **1.3 Origem e desenvolvimento das editoras universitárias brasileiras**

Boa parte das editoras universitárias no Brasil surgiu a partir das oficinas de impressão dentro das universidades. Em depoimento na Feira Internacional do Livro de Guadalajara em 1988, Edison Lima afirma que “as editoras universitárias brasileiras nasceram, quase sempre, de um pequeno serviço ou oficina de artes gráficas: a imprensa universitária. Poucas foram criadas separadamente desse serviço ou independentemente de sua existência” (LIMA, 1989, p. 13). Já Leilah Bufrem, ao admitir que algumas editoras universitárias teriam evoluído a partir da imprensa universitária, sugere que outras podem ter sido criadas de maneira diversa ou mesmo que algumas continuaram como imprensa ou gráfica por mais tempo. Isso explica, em parte, por que durante muito tempo se confundiu gráfica e editora – o que eventualmente ocorre ainda hoje, quando chamam o setor de impressão (ou a atividade industrial), sem conselho editorial ou trabalho de edição, de editora; ou quando, ao contrário, confundem editora com local onde necessariamente se imprimem livros.

O surgimento das editoras universitárias brasileiras, segundo Bufrem, foi uma

experiência da década de 1960, tendo refluído logo após a criação das primeiras editoras em 1961 e 1962 (UnB e USP, respectivamente). O período estacionário corresponde à época de radicalização da ditadura militar, quando as publicações universitárias se restringiram aos materiais administrativos pelas imprensas e gráficas universitárias (BUFREM, 2001, p. 34).

A Editora da UFPE, no entanto, afirma ter sido a pioneira no ramo. De acordo com o histórico em seu site, a editora, “cujo nome inicial era Imprensa Universitária, foi criada em 1955 e instalada definitivamente no ano seguinte como parte da estrutura da reitoria da então Universidade do Recife”. E, com uma pequena diferença de informação, acrescenta que, “em 2007, completou 50 anos de existência, consolidando-se como a mais antiga editora universitária do país”.<sup>6</sup> Nota-se que era chamada de imprensa quando foi fundada, mas se considera editora universitária desde então.

Assim como é difícil precisar na história das universidades qual foi a pioneira, não é simples a identificação da primeira editora universitária brasileira. Faltam critérios comuns que definam suas características no momento de seu surgimento e para determinar suas diferenças em relação aos serviços gráficos simplesmente. Ficou muito a cargo das próprias “editoras universitárias” se afirmarem como tal. Na UFRJ, por exemplo, há casos de publicação de livros já em 1959, apesar de a Editora UFRJ só haver sido criada formalmente e com conselho editorial em 1986.<sup>7</sup>

Essa dificuldade também foi verificada por Hallewell, em seu tópico sobre as editoras universitárias (§ 190) em *O livro no Brasil*:

Parece que o mérito de ter criado a primeira editora universitária cabe à Universidade Federal de Pernambuco, cuja EUPe data de 1955. Muito mais conhecida é a Editora da Universidade de Brasília, criada por decreto em 15 de dezembro de 1961 e com 713 títulos editados até 1988 e uma média atual de sessenta livros ao ano. Foi logo seguida pela Edusp, fundada em 1962 e com 1955 títulos coeditados até 1988 (HALLEWELL, 2012, p. 698).

Imprensa, gráfica ou editora universitária, no caso da Editora UnB verifica-se uma particularidade que a distingue das outras: o nome de um intelectual do peso de Darcy Ribeiro ligado a ela, o que, de algum modo, reforçaria o argumento de pioneirismo da UnB, incluindo o de sua editora com projeto definido.

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.ufpe.br/edufpe/index.php?option=com\\_content&view=article&id=80&Itemid=145](http://www.ufpe.br/edufpe/index.php?option=com_content&view=article&id=80&Itemid=145)>. Acesso em: 8 jul. 2014.

<sup>7</sup> Para mais detalhes, ver entrevista com Fernanda Ribeiro em minha monografia de graduação *Editoras universitárias: um estudo sobre o público e o privado com ênfase no caso da Editora UFRJ* (ECO/UFRJ, 2004).

Entre as editoras universitárias, “a mais antiga e prestigiosa é a da Universidade de Brasília, fundada em 1961, simultaneamente com a criação da própria universidade, dentro de uma concepção moderna do ensino superior”, nos moldes do projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro para a UnB (BUFREM, 2001, p. 274).

Bufrem (2001, p. 36) afirma que, no período de autoritarismo a partir de 1964, embora algumas imprensas universitárias tenham se desenvolvido apoiadas em conselhos editoriais, outras não possuíam linha editorial ou mesmo compromisso com a universidade. Após esse impulso inicial por volta da década de 1960, não apareceram mais editoras em instituições de ensino superior entre 1963 e 1970. Nessa época, algumas editoras funcionaram mais como financiadoras da impressão de livros de editoras particulares “travestidos de ‘coedições’” (CASTILHO NETO; ROSA, 2010, p. 332), como é o caso da Edusp, ficando com uma pequena parte da tiragem para vender apenas dentro do *campus*.

Apesar da criação da Editora UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em 1971, a retomada das editoras universitárias só acontece na década de 1980, quando ocorre uma mudança em direção à definição da política editorial, do projeto de cada editora e da profissionalização, passando-se a pensar na edição como setor estratégico. Ganha corpo também um movimento por uma política geral de editoração, com importantes iniciativas em nível nacional como: o primeiro Seminário Nacional de Editoras Universitárias (Sneu) em Niterói, em 1984; a criação do Programa de Estímulo à Editoração do Trabalho Intelectual nas Instituições de Ensino Superior (Proed); e o Programa Interuniversitário de Distribuição do Livro (PIDL) (BUFREM, 2001, p. 36). Este último, criado em 1982 e atualmente vinculado à Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu), foi fundamental para a distribuição e venda dos livros pelo território brasileiro a partir da cooperação entre as próprias editoras universitárias.

### 1.3.1 Caráter associativo

Para a melhor definição das editoras universitárias, de sua política editorial e profissionalização, e para a viabilização da distribuição e inserção em livrarias, o caráter associativo parece ter sido determinante. Os seminários nacionais, o PIDL, feiras em conjunto e por fim a criação de uma associação, sem eliminar as muitas diferenças e particularidades, se destacam para a visibilidade nacional que alcançaram essas editoras, vide a presença em

estande coletivo nas bienais.

Fundada no 3<sup>a</sup> Sneu, em 1987, atualmente a Abeu tem em torno de 120 editoras universitárias filiadas.<sup>8</sup> Seis importantes – Edusp, Editora UFMG, Editora da Unicamp, Editora da UFPA, Editora UnB e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo –, no entanto, anunciaram em fevereiro de 2010 a criação de outra entidade, a Liga de Editoras Universitárias (LEU).<sup>9</sup> Essa separação merece ser mais bem estudada para se compreender até que ponto se trata de diferenças sobre concepção de editora universitária e seu papel, até que ponto se deve a divergências quanto à sucessão na Abeu.

Uma das motivações declaradas das dissidentes era que as editoras menores ou de universidades privadas se beneficiavam com a associação em detrimento das maiores, que, apesar de mais reconhecidas pelo público, não tinham a visibilidade merecida, por exemplo. Em entrevista ao *Jornal Universitário* em novembro de 2012, Paulo Franchetti, então diretor da Editora Unicamp, discorre sobre a atuação das editoras universitárias diante do mercado e de acordo com a instituição que integram. Franchetti relaciona essas diferenças, por fim, com a LEU, que, em sua visão, seria mais voltada para as editoras de universidades públicas e catálogos considerados relevantes.

As editoras universitárias não são um conjunto homogêneo. Há vários tipos, com objetivos e funções diferentes. Há, em primeiro lugar, as editoras pertencentes às grandes universidades públicas. Essas têm um trunfo inestimável, que é a aferição rigorosa da qualidade do que publicam. Num mundo de produtos abundantes, de crescimento enorme na oferta de títulos, essas editoras funcionam como filtros: como têm, as melhores, conselhos editoriais deliberativos compostos por especialistas, que se apoiam, por sua vez, em pareceres de mérito emitidos pelos melhores especialistas, tudo o que publicam e chega às prateleiras das livrarias vêm com a marca da excelência acadêmica. [...]

Há, porém, vários outros tipos de editoras universitárias (isto é, ligadas a universidades), que têm objetivos mais modestos, tais como dar vazão à produção local, que não encontraria guarida fora do seu âmbito, ou mesmo servir de ferramenta de divulgação e propaganda da marca, como é o caso de algumas editoras ligadas a universidades privadas. De modo que não creio ser possível falar em editoras universitárias como um conjunto. Foi essa constatação, aliás, que originou a criação de uma nova associação de editoras, a LEU (Liga de Editoras Universitárias), como alternativa à já existente Abeu (Associação Brasileira de Editoras Universitárias).

No caso da Abeu, para ser associado basta ser editora e estar vinculada, de alguma forma, a uma universidade. É indiferente que a editora ou a universidade sejam públicas ou privadas, bem como são indiferentes a importância do catálogo e as políticas de difusão do livro. A LEU, por sua vez, só admite editoras mantidas pelo poder público, possuidoras de catálogo relevante e que implementem políticas definidas de incentivo à circulação, produção e difusão do livro universitário. A LEU, eu creio, mostra o caminho de afirmação da singularidade e da relevância das

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.abeu.org.br/EditorasAssociadas.aspx>>. Acesso em: jul. 2014.

<sup>9</sup> Para mais detalhes, ver matéria “Editoras universitárias buscam maior público” no jornal *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2202201011.htm>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

editoras universitárias públicas: sua participação em feiras nacionais e internacionais não visa à venda de livros. Visa à divulgação do que é produzido no Brasil e, sobretudo, à divulgação da cultura brasileira, levando para os eventos, além dos livros, autores, professores e profissionais do livro, que realizam palestras, minicursos e debates.

Ou seja, o diferencial da editora universitária de primeira linha é não buscar a inserção indiferenciada no mercado, mas sim pautar discussões e desenvolver ações que só a universidade pode conduzir. Por isso, os movimentos puramente corporativos e comerciais não ocupam lugar muito relevante nas minhas preocupações como editor.<sup>10</sup>

Das seis dissidentes, entretanto, quatro já aparecem de novo no site da Abeu como associadas, em 2016, incluindo a própria Editora Unicamp, além da Editora UFPA, da Editora UnB e da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Certamente a discussão sobre pontos importantes das especificidades – alguns deles levantados por Franchetti, como a valorização das editoras universitárias públicas e a preocupação não apenas com a inserção no mercado – não é facilmente superada.

Para Marques Neto e Rosa (2010, p. 331), as editoras universitárias não deixam nada a dever às comerciais hoje em dia, tendo “tanto espaço e reconhecimento quanto as outras – há alguns anos, no entanto, provavelmente não caberia uma afirmação assim”. Apesar de ser notável a mudança no papel das editoras universitárias a partir da década de 1980, entre outros motivos, pelo salto de qualidade de seus livros, algumas diferenças parecem persistir, principalmente quanto à natureza das instituições a que se ligam e seus objetivos, diante da concorrência com empresas que atuam no mercado editorial, como Elsevier, Martins Fontes e Civilização Brasileira (do Grupo Record), por exemplo.

---

<sup>10</sup> No topo da edição Universitária. *Jornal da Unicamp*, ano 2012, n. 545, 5-11 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/545/no-topo-da-edicao-universitaria>>. Acesso em: jun. 2016.

## 2 IDEIAS DE PODER, PODER DE IDEIAS

Este capítulo procura refletir sobre a relação entre tecnologia e difusão de conteúdos não apenas nos marcos das tecnologias de comunicação, como se fossem algo descolado da realidade ou como se houvesse neutralidade em seus usos. Busca-se, antes, discutir o tema inserido no contexto da cultura, a partir da historicidade, com referência no materialismo cultural e no conceito de hegemonia de Antonio Gramsci. Nossa tentativa, por fim, é relacionar tal abordagem mais geral com a questão específica da edição de livros universitários e as possibilidades que se abrem com os livros digitais para a divulgação e a democratização do acesso ao conhecimento.

Antes da primeira geração dos estudos culturais (EC), Gramsci trouxe importantes contribuições ao materialismo, valorizando o aspecto dialético de Marx e desenvolvendo uma perspectiva crítica no campo cultural, ao mesmo tempo materialista e dialética. Seu pensamento caracteriza-se, assim, pela profunda vinculação aos aspectos da luta social. Não se trata de uma teoria idealista ou sem relação com a prática; ao contrário, está organicamente relacionada aos problemas de sua época, em especial às questões culturais. Segundo Marcelo Badaró Mattos, “Gramsci localiza cultura na vida material justamente por vislumbrar a importância da cultura para a superação do estágio atual das relações sociais” (MATTOS, 2012, p. 175).

A principal questão que movia Gramsci – de grande centralidade em seu tempo – era compreender por que nas sociedades mais complexas, de tipo ocidental, não foi possível uma simples tomada do poder pelas camadas populares quando as condições econômicas eram favoráveis. Isso o levou a pensar na importância da batalha de ideias, da disputa cultural para a manutenção – ou transformação – dessas relações. Ele percebeu, ainda em seus escritos prè-carcerários, que, além das condições objetivas, as ideias também importavam e influenciavam decisivamente na própria situação objetiva. Assim, num desses textos, “Socialismo e cultura”, afirma que

toda revolução foi precedida por um intenso e continuado trabalho de crítica, de penetração cultural, de impregnação de ideias em agregados de homens que eram inicialmente refratários e que só pensavam em resolver por si mesmos, dia a dia, hora a hora, seus próprios problemas econômicos e políticos, sem vínculos de solidariedade com os que se encontravam na mesma situação (GRAMSCI, 2011, p. 55).

Nos *Cadernos do cárcere*, ele desenvolve uma nova compreensão de Estado, a

chamada teoria ampliada, que consiste numa superação dialética do Estado em sentido estrito de Marx. Assim, distingue duas esferas no interior das superestruturas: a sociedade política e a sociedade civil. Tais esferas servem e se complementam para manter ou promover determinada base econômica de acordo com interesses de classe. O Estado, para Gramsci, além de ter a função de coerção, por meio das burocracias ligadas às forças armadas e a aplicação das leis, conta também com aparelhos privados de hegemonia que constroem a visão de mundo. Nas sociedades de tipo ocidental a dominação pela força não se basta, mas é complementada pela construção de consensos, pela persuasão. Por isso não era possível tomar o poder se não se conquistasse a hegemonia cultural, ou seja, a liderança intelectual e moral (ou ético-política), na sociedade civil.

Nesse sentido, Gramsci compreende a cultura como espaço de entrelaçamentos de concepções de mundo e também como parte da realidade social, econômica e política. O grupo que alcançar a hegemonia sobre os demais exercerá então o poder, não apenas através da dominação baseada na coerção, mas também por meio do consenso no âmbito ideológico. Em contrapartida, para transformar as relações sociais existentes, seria preciso organizar a contra-hegemonia (termo posterior a Gramsci), uma nova visão de mundo, própria das camadas subalternas. Não existe hegemonia sem contra-hegemonia e vice-versa, sendo um processo vivo e não estático.

Ao trabalhar mais especificamente do ponto de vista da comunicação, buscamos então inseri-la no todo que a define como parte da organização material da cultura, viabilizando a produção e a difusão de ideias, saberes e conteúdos culturais diversos. Eduardo Granja Coutinho relaciona, de modo mais explícito, a contribuição de Gramsci com o campo comunicacional em geral, uma vez que comunicação é ao mesmo tempo cultura em movimento e mediação, portanto algo fundamentalmente político e ligado às disputas de poder. Segundo o autor,

a “potencialidade original” das reflexões de Gramsci sobre a comunicação consiste, justamente, em relacioná-la com a totalidade da vida social, compreendendo-a como *cultura*, práxis interativa, mediação entre sujeito e objeto. E, como tal, estará associada, no pensamento gramsciano, à problemática do Estado, das relações de poder, da hegemonia, isto é, da liderança intelectual e moral de um grupo social sobre o conjunto da sociedade. Em última análise, todo processo de hegemonia é, necessariamente, um processo comunicacional. [...] Pela comunicação, formam-se e transformam-se as ideologias que agem ética e politicamente na transformação da história.” (COUTINHO, E. G., 2014, p. 15)

Gramsci – que desde jovem se dedicou ao jornalismo e à política e criou o semanário contra-hegemônico *L’Ordine Nuovo* para difundir a cultura socialista – já apontava a



importância de se estudar o chamado setor editorial para compreender a sustentação do poder de determinada classe, do ponto de vista intelectual. Assim, ressalta a necessidade – que se renova ao longo da história da comunicação – de

Um estudo de como se organiza de fato a estrutura ideológica de uma classe dominante: isto é, a organização material voltada para manter, defender e desenvolver a “frente” teórica ou ideológica. A parte mais considerável e mais dinâmica dessa frente é o setor editorial em geral: editoras (que têm um programa implícito e explícito e se apoiam numa determinada corrente), jornais políticos, revistas de todo tipo, científicas, literárias, filológicas, de divulgação etc., periódicos diversos até os boletins paroquiais. [...] A imprensa é a parte mais dinâmica desta estrutura ideológica, mas não a única: tudo o que influi ou pode influir sobre a opinião pública, direta ou indiretamente, faz parte dessa estrutura. Dela fazem parte: as bibliotecas, as escolas, os círculos e os clubes de variados tipos, até a arquitetura, a disposição e o nome das ruas. (GRAMSCI, 2011, p. 341-342)

Tudo que de certa maneira contribui com a formação de uma visão de mundo e sua aceitação como verdade pela sociedade em geral constitui a frente teórica e essa espécie de acordo dá sustentação ao projeto político dominante.

Assim, nesse importante campo de disputa, não há como ignorar o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação ao longo do tempo, influenciados e influenciando na constituição das sociedades capitalistas contemporâneas. Tais meios ampliam exponencialmente as possibilidades de alcance da linguagem e do discurso dominante. Por outro lado, e concomitantemente, criam possibilidades de brechas para o pensamento contra-hegemônico, sobretudo com a internet e as redes sociais (apesar de suas limitações democráticas). Hoje temos muitos veículos, dos mais tradicionais aos digitais e eletrônicos, que atingem público vasto, em vários pontos do planeta, e ganham novo peso na batalha de ideias e na hegemonia.

No contexto de globalização capitalista, o lugar da mídia na construção do que Gramsci chama de “vontade coletiva” é repensado por Octavio Ianni, em seu texto “O príncipe eletrônico”. Ianni compara as mudanças de ênfase da liderança das principais instituições políticas, seja pessoal ou aparelho hegemônico, considerando o desenvolvimento do modo de produção, acompanhado de transformações socioculturais e político-econômicas, bem como das tecnologias ou técnicas sociais. Assim, o destaque não estaria no príncipe *condottiero*, liderança pessoal, de Maquiavel, superado pelo partido político, o “moderno príncipe”, como apontara Gramsci, mas teria se deslocado mais uma vez para o que Ianni chama de “príncipe eletrônico”, ou seja, a mídia – em especial a televisão. Para ele,

esse é o novo, imenso, difícil e complexo palco da política, como teoria e prática. Aí,

as instituições “clássicas” da política estão sendo desafiadas a remodelar-se, ou a ser substituídas, como anacronismos, já que outras e novas instituições e técnicas da política estão sendo criadas, praticadas e teorizadas. Em lugar de *O príncipe* de Maquiavel e de *O moderno príncipe* de Gramsci, assim como de outros “príncipes”, pensados e praticados no curso dos tempos modernos, cria-se *O príncipe eletrônico*, que simultaneamente subordina, recria, absorve ou simplesmente ultrapassa os outros. (IANNI, 1999, p. 12)

Mais do que avaliar em que medida a influência da mídia superou a do partido político, embora essa seja uma questão relevante, nos interessa ressaltar que o alcance dos meios de comunicação de massa os torna ainda mais decisivos na construção dos consensos necessários para se governar ou garantir que a classe dominante se mantenha no poder.

Ainda que o livro – sobretudo em papel, mas também digital – não tenha a audiência da televisão ou da internet, é uma das principais indústrias da comunicação, como veremos no tópico a seguir.

## 2.1 Mercado editorial, concentração e livros digitais

É difícil tratar brevemente do mercado editorial, tanto em nível nacional quanto internacional, e dar conta de toda a sua engrenagem, que se modifica com frequência para, paradoxalmente, manter sua atual característica mais geral: a concentração. Semelhante a toda a indústria da comunicação, as editoras estão cada vez mais no controle de poucos grupos em nível mundial no contexto do capitalismo contemporâneo.<sup>11</sup>

Tal tendência à concentração já fora observada por autores como André Schiffrin, em *O negócio dos livros* (*The Business of Books*), originalmente lançado em 2000 e publicado no Brasil em 2006. O autor, que atuou no mercado editorial, na Pantheon, e também como editor independente, discute a relação entre o controle da indústria pelas grandes corporações e os tipos de livro publicados e conteúdos veiculados. Segundo Schiffrin,

---

<sup>11</sup> Conforme dados da Wischenbart Consulting de 2013, citados por Carlo Carrenho na palestra “De olho no mercado: um panorama da indústria de livros no Brasil” em 2015, na Uerj (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SeZStjy7I8I#t=149>>. Acesso em: set. 2015.), os dez maiores grupos eram: 1. Pearson, da Grã-Bretanha; 2. Reed Elsevier, de Grã-Bretanha, Holanda e Estados Unidos; 3. Thomson Reuters, dos Estados Unidos; 4. Reuters Kluwer, da Holanda; 5. Penguin Random House, da Alemanha, empatado com Elsevier Science; 6. Hachette Livre, da França, empatado com Lexis Nexis, da Holanda; 7. Holtzbrinck, da Alemanha; 8. Grupo Planeta, da Espanha; 9. Cengage, dos Estados Unidos; 10. McGraw/Hill Education, dos Estados Unidos. Nas 54<sup>a</sup> e 55<sup>a</sup> posições, estão, respectivamente, os grupos brasileiros Abril Educação e Saraiva.

É seguro dizer que o mercado editorial mudou mais nos últimos dez anos do que em todo o século anterior. Essas mudanças são mais óbvias nos países de língua inglesa, que, sob muitos aspectos, são modelos indicadores do que provavelmente vai acontecer no resto do mundo nos anos seguintes. Até pouco tempo atrás, as editoras eram em sua maioria pequenas e familiares, satisfeitas com os lucros modestos de um negócio que se considerava ainda ligado à vida intelectual e cultural. Recentemente, os editores foram colocados em um leito de Procusta e obrigados a se ajustar a um desses dois padrões: ou fornecedores de entretenimento ou produtores de informação. Isso deixou pouco espaço para livros com ideias novas e controvertidas ou com estilos literários questionadores. (SCHIFFRIN, 2006, p. 24)

Além de Schiffrin, Jason Epstein se dedicou a pensar o mercado editorial em língua inglesa a partir de sua experiência pessoal como diretor editorial na Random House por quarenta anos e cofundador do *New York Review of Books*. O livro, de título praticamente idêntico, *O negócio do livro (Book Business)*, data da mesma época, início dos anos 2000. Além de considerar também a questão da concentração, Epstein ressalta um aspecto em aparente contradição com esse funcionamento dos conglomerados, em especial com a implantação das novas tecnologias, que é o papel dos editores. Apesar de todas as transformações, seu trabalho não desaparece e consiste, na verdade, no que há de humano e não substituível, sobretudo em se tratando de produções intelectuais. Assim, Epstein assinala que, em um momento inicial de sua implantação,

as novas tecnologias modificarão de forma radical o modo como os livros são distribuídos, mas não eliminarão o trabalho essencial de edição e divulgação. Os manuscritos são transformados em livros por um processo manual, um passo de cada vez. Esse trabalho pode levar anos, os autores elaborando seus manuscritos com o auxílio dos editores, de forma que quando por fim o livro fica pronto – se ficar, pois alguns nunca são concluídos; o processo é repleto de acasos e desapontamentos –, as emoções do editor de texto estão quase tão presentes no resultado final quanto as do autor. (EPSTEIN, 2002, p. 46)

Mesmo com o crescimento da autopublicação, como veremos, o trabalho de edição é um diferencial na qualidade final dos livros. Não se pode afirmar que a tecnologia digital eliminou a intermediação, mas certamente modificou as relações profissionais ou criou novos intermediários, já que é possível, por exemplo, o autor lançar seu próprio livro por meio de serviços como o da Amazon, sem passar por uma editora. Ainda assim, o trabalho de seleção de originais, de design editorial, de revisão, transformando de fato texto em livro, não desaparece, embora nem sempre se siga esse tradicional modelo profissional. Alguns livros autopublicados são posteriormente editados, numa espécie de seleção pelos próprios leitores que leva ao interesse de editores.

Outro tipo de análise, de quem não trabalha no mercado editorial, que complementa as visões de dentro, é a de John Thompson. Ele aponta que o mercado editorial anglo-saxão

começou a se transformar desde a década de 1960, com a entrada em cena das redes varejistas (THOMPSON, 2013, p. 33). Segundo ele,

No início dos anos 1960, o panorama de publicações comerciais nos Estados Unidos e Reino Unido, que até então se caracterizara por uma pluralidade de editoras independentes, começou a mudar. Grandes empresas começaram a se interessar pela indústria editorial ao mesmo tempo que muitos dos proprietários de editoras se mostravam interessados em vendê-las. Uma onda de fusões e aquisições espalhou-se rapidamente pela indústria, começando no início da década de 1960 e continuando até os dias de atuais. No anos 1990, o perfil da indústria era radicalmente outro: num campo em que, anteriormente, havia dezenas de editoras independentes, cada qual refletindo os gostos, estilos e idiossincrasias de seus proprietários e editores, havia agora cinco ou seis grandes empresas, cada qual operando como uma organização “guarda-chuva” para vários selos, muitos dos quais ainda mantinham os nomes das editoras independentes, que agora eram parte de uma organização maior, operando com variados graus de autonomia, dependendo das estratégias e políticas adotadas pelos proprietários corporativos. (THOMPSON, 2013, p. 115-116)

No blog *SciELO em Perspectiva* (<http://blog.scielo.org>) uma recente série de três reportagens escritas por Ernesto Spinak<sup>12</sup> tratou dessa questão do mercado editorial e acrescentou elementos novos que confirmam ou atualizam as tendências apontadas por esses autores, trazendo também informações do mercado brasileiro.

De acordo com Spinak (2016a), a edição de livros é a segunda principal indústria de conteúdo em nível global, com faturamento anual de 150 bilhões de dólares, perdendo apenas para a televisão. Spinak se baseia no informe *Global ebook: a report on market trends and developments, 2016*. Com relação aos livros eletrônicos, há um crescimento sobretudo nos de língua inglesa, sendo os principais países consumidores, respectivamente, Estados Unidos, China, Alemanha, Japão, Reino Unido e uma série de países europeus. O Brasil está na décima posição, porém os seis primeiros no ranking dominam 60% do consumo global. Apesar do crescimento na última década, as vendas de e-books apresentaram queda nos últimos três anos. Nos Estados Unidos e no Reino Unido, a penetração maior se dá nos *best-sellers* de ficção e nos livros publicados pelo próprio autor (*self-publishing*), com a não ficção muito atrás (SPINAK, 2016a).

No Brasil, um mercado antes dominado por empreendimentos com características familiares que se tornaram grandes grupos nacionais ao incorporar outros selos, como a

<sup>12</sup> Ver: Livros eletrônicos – mercado global e tendências

Parte I: <<http://blog.scielo.org/blog/2016/06/22/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-i-a-publicacao-imprensa-e-digital-no-contexto-mundial/>>;

Parte II: <[http://blog.scielo.org/blog/2016/07/13/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-ii-a-publicacao-do-livro-impreso-e-digital-no-contexto-mundial/#.V\\_-p4RRQ3Cc](http://blog.scielo.org/blog/2016/07/13/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-ii-a-publicacao-do-livro-impreso-e-digital-no-contexto-mundial/#.V_-p4RRQ3Cc)>;

Parte III: <[http://blog.scielo.org/blog/2016/07/27/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-iii-final-a-publicacao-do-livro-impreso-e-digital-no-contexto-mundial/#.V\\_-p9xRQ3Cc](http://blog.scielo.org/blog/2016/07/27/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-iii-final-a-publicacao-do-livro-impreso-e-digital-no-contexto-mundial/#.V_-p9xRQ3Cc)>.

Record – com *Civilização Brasileira*, Best Seller, José Olympio, entre outros – e a Ediouro – com *Agir*, *Nova Fronteira*, *Desiderata*, Thomas Nelson e *Relume Dumará* –, observa-se a participação crescente de grupos internacionais. A Ediouro teve o selo Thomas Nelson Brasil comprado pela HarperCollins em 2011 e posteriormente, em 2015, todo o grupo Ediouro se tornou a HarperCollins Brasil a partir da junção internacional com a Harlequin.

Outra consolidação recente foi a compra da Objetiva pela Companhia das Letras, ambas já com sócios internacionais. O grupo Santillana era dono de 76% da Objetiva desde 2005 e a Penguin comprou 45% da Companhia das Letras. Em 2011, Penguin e Random House se fundem e, em 2014, compram selos de interesse geral da Santillana, incluindo alguns da Objetiva. Em 2015 a Companhia das Letras (Penguin Random House – PRH) compra os 55% da Objetiva também sob controle da Penguin Random House (MEIRELES, 2015). Além disso, Sextante e Intrínseca – com perfil de eficiência no lançamento de *best-sellers* – se destacam e caracterizam o mercado brasileiro.<sup>13</sup> E tornam a sobrevivência de pequenas e médias casas editoriais uma aventura bastante arriscada, sobretudo em tempos de crise.

A pesquisa *Produção e vendas do setor editorial brasileiro*, realizada pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros (Snel), pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe),<sup>14</sup> aferiu um faturamento anual de pouco mais de 5 bilhões de reais em 2015, demonstrando queda em relação aos anos anteriores (-3,27%), possivelmente em virtude dos impactos da crise econômica. A queda se verificou mais acentuada no setor de vendas no mercado do que no de vendas ao governo. O número de exemplares vendidos também foi menor em 2015 do que em 2014 (-10,65%). E a mesma lógica seguiu o número de títulos publicados (-13,81%, ou -10,87% em exemplares), que teve redução maior entre os infantojuvenis.

Quanto aos e-books, a pesquisa da Fipe/Snel/CBL não faz muitas inferências estatísticas, mas demonstra que as 189 editoras que responderam totalizam um acervo de 45.838 títulos, sendo 3.866 novos ISBNs em 2015. O número de unidades vendidas foi de aproximadamente 1,2 milhão, alcançando um faturamento de mais de 20 milhões de reais. Como veremos mais adiante, esse número de e-books vendidos não se compara ao dos baixados livremente a partir da plataforma SciELO também em 2015, que se aproximava dos

<sup>13</sup> As dez principais editoras brasileiras são Sextante, Companhia das Letras (Penguin Random House), Record, Intrínseca, Globo, Ediouro (HarperCollins), Rocco, Leya Brasil, Planeta Brasil e Novo Conceito. Já no setor de educação superior, as Big Four são Elsevier, Somos, Grupo Gen e Grupo A (Spinak, 2016).

<sup>14</sup> Disponível em: <[http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Apresentacao-pesquisa-2015-Imprensa\\_OK.pdf](http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Apresentacao-pesquisa-2015-Imprensa_OK.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2016.

16 milhões (ver anexo A). Essa comparação, que certamente precisa de mais elementos para se chegar a qualquer conclusão, apenas evidencia que, apesar de bem menos destacadas que as editoras do mercado e do baixo interesse por e-books de não ficção, os downloads gratuitos de alguma forma alteram essa perspectiva.

As editoras e seus livros são parte da construção do pensamento em uma sociedade, da disputa pela hegemonia. Não à toa em períodos de ditadura ou de cerceamento de opiniões há uma perseguição a determinados títulos e a seus possuidores, queima de obras e mesmo de autores. No século XXI, não estamos em época de proibições dessa natureza. Ao contrário, aparentemente há uma disponibilidade de diversos livros acerca dos mais diferentes assuntos, impressos e sobretudo eletrônicos.

Num mercado com as características já mencionadas, no entanto, alguns títulos se repetem ao redor do planeta, publicados por editoras comerciais, e influenciam padrões de gosto, comportamento e visões de mundo, ajudando a construir consensos que garantem a hegemonia de determinado setor da sociedade sobre os outros. Isso é percebido sobretudo com alguns títulos de ficção e entretenimento que figuram nas listas de *best-sellers* e nas vitrines de livrarias em vários países quase simultaneamente. Quando se viaja para o exterior, é comum vermos os principais títulos que encontramos aqui, em outras línguas. Boa parte destes tem como idioma original o inglês. Com frequência se trata de uma demanda criada, que explora um nicho de mercado e/ou cumpre a função de veicular determinadas visões de mundo. Esse funcionamento vai na direção do que Octavio Ianni diz do príncipe eletrônico:

O que singulariza a grande corporação da mídia é que ela realiza limpidamente a metamorfose da mercadoria em ideologia, do mercado em democracia, do consumismo em cidadania. Realiza limpidamente as principais implicações da indústria cultural, combinando a produção e a reprodução cultural com a produção e reprodução do capital; e operando decisivamente na formação de “mentes” e “corações”, em escala global (IANNI, 1999, p. 17).

De certa forma, o best-seller passou a ser o principal objetivo dos grandes grupos editoriais, pressionados pelos acionistas, independentemente do gênero literário ou do assunto tratado. Tal meta compete até mesmo com o próprio interesse de difusão de determinado conteúdo. Ainda que haja a preocupação com a formação de um catálogo de qualidade, a caça pelos mais vendidos ocupa boa parte das preocupações e do trabalho dos *publishers*.

Nesse sentido, segue-se ainda a lógica do mercado e do lucro, da mesma forma que, por exemplo, no século XVIII, como demonstra Robert Darnton ao escrever sobre os livros proibidos em *Edição e sedição*. Não importa se o livro é em papel ou na tela, liberado ou

proibido, para editores e livreiros seu objetivo é o mesmo: ter boas vendas e quiçá figurar em listas de *best-sellers*.

Para todos os homens do livro no século XVIII, o princípio que governa seu mundo, desde a escolha dos textos pelo editor até o recebimento do dinheiro pelos varejistas é, axiomáticamente, o desejo do lucro. Estão persuadidos que o livro – legal ou proibido – participa de um sistema simples no qual a qualidade física e o conteúdo intelectual da mercadoria só devem ser privilegiados na medida em que aumentem os ganhos. (DARNTON, 1990, p. 125)

Às vezes essa lógica está menos evidente, quando se pensa, por exemplo, em dar acesso para depois cobrar ou controlar um acervo. Robert Darnton, em outra obra, *A questão dos livros: passado, presente e futuro*, identifica os problemas da atuação do Google no processo de digitalizações das principais bibliotecas de pesquisa. De acordo com o autor, o Google deveria dar uma contrapartida no que se refere à democratização, algo que não vem acontecendo.

O livro digital, assim como o impresso, é uma mercadoria. Conforme a teoria de Marx, tem seu valor de uso e seu valor de troca. “O valor de uso só tem valor para o uso, e se efetiva apenas no processo de consumo” (MARX, 1982, p. 31). E é uma “pressuposição necessária para a mercadoria, mas não reciprocamente, pois ser mercadoria parece ser determinação indiferente para o valor de uso” (MARX, 1982, p. 31-32). Por outro lado, o valor de troca é a atribuição de um preço a esse valor de uso. Os valores de troca de mercadorias com diferentes valores de uso podem ser equivalentes, o que significa que é uma “relação quantitativa”, que independe da função do objeto (MARX, 1982, p. 32). Assim, nas sociedades capitalistas, podemos dizer que o livro-mercadoria (valor de troca) está acima do livro-leitura (valor de uso).

A política das principais editoras comerciais para os digitais, vendidos pela web, em livrarias on-line ou outros sites, em geral indica preços de capa 30% menores que os de suas versões impressas. No entanto, há muitas possibilidades de se estabelecer esse valor de troca, com alguns títulos sendo comercializados a preços bem baixos, como faz a Amazon, por exemplo, para desbancar a concorrência. Há ainda aqueles que são disponibilizados gratuitamente na internet, seja profissionalmente ou por pirataria. Essas possibilidades podem ser consideradas um funcionamento mais favorável à democratização da informação e do acesso a conteúdos, por um viés contra-hegemônico em relação às práticas mercadológicas, embora diversos aspectos precisem ser considerados, como os custos de produção do livro profissionalmente ou quem controla esses acessos.

No caso das editoras universitárias tornou-se um debate corrente a publicação de livros para acesso livre, como será aprofundado mais adiante, e é como algumas universidades pelo menos iniciam suas publicações em meio digital. Ainda que não envolva todo o seu catálogo, mas apenas títulos pontuais, ou mesmo que não signifique muito para o mercado, as editoras universitárias contrariam a hegemonia do livro como mercadoria nesse aspecto. Ao lado da autopublicação (*self-publishing*), o livre acesso ou acesso aberto é outra tendência do livro digital que faz repensar o papel dos editores profissionais e da apropriação do conhecimento. Assim, inverte-se a relação da mercadoria e seus valores e o livro-leitura passa a ter mais peso que o livro-mercadoria.

## 2.2 Editoras universitárias, diferentes realidades e projetos em disputa

John B. Thompson, ao discorrer sobre o mercado editorial norte-americano e inglês em seu livro *Mercadores de cultura*, situa as editoras universitárias na periferia do que ele chama de campo das publicações comerciais, ou seja, algo separado (mesmo que não totalmente) do mercado. Com base no conceito de campo de Bourdieu, o autor classifica as editoras como integrantes de diversos campos de publicações: comerciais, para o ensino superior, profissionais, de livros ilustrados de arte, entre outros. O campo das publicações comerciais engloba, segundo ele, tanto as grandes corporações quanto editoras pequenas e de médio porte. Já as editoras universitárias não estão propriamente nesse campo, mas em seu limite, ou, em suas palavras: “Há também uma grande variedade de editoras que se situam à margem do campo e que, com regularidade, publicam livros comerciais, mesmo que não sejam seu negócio principal. As editoras universitárias se inserem nesse contexto” (THOMPSON, 2013, p. 198).

Por esse entendimento, as editoras universitárias integrariam outro campo, o das publicações acadêmicas, com obras escritas por estudiosos, para divulgar resultados de pesquisas científicas. Mas, por vezes, entrariam no campo das publicações comerciais com alguns títulos e autores que em geral “tomam todos de surpresa, inclusive elas próprias” (THOMPSON, 2013, p. 202). Isso porque seu principal objetivo é menos o lucro que a transmissão do conhecimento. “Para elas, publicações comerciais são uma atividade secundária; não são sua razão de existir, e elas não dispõem dos recursos necessários para competir em níveis mais altos” (THOMPSON, 2013, p. 201).



Apesar das diferenças, podemos afirmar que as editoras universitárias brasileiras também têm certa autonomia e ambiguidade em relação ao mercado. Para circular, como qualquer mercadoria, seus livros dependem das vendas – tanto nas livrarias universitárias, como também nas demais. Muitos títulos têm carência nessa distribuição e não são encontrados nos principais pontos de venda. O PIDL, mencionado no capítulo 1 (p. 34), é uma das formas de diminuir os problemas de distribuição, porém não tem o alcance dos grandes distribuidores do mercado.

Cabe aqui lembrar a contextualização quanto à emergência dessas editoras. Se as universidades brasileiras são relativamente novas, pela nossa experiência de colônia, mais ainda o são as editoras universitárias em nosso país. Como vimos, apesar do surgimento de algumas por volta das décadas de 1950 e principalmente 1960, como a Editora da UFPE, a Edusp e a Editora UnB, as editoras universitárias com o destaque que têm hoje, com padrão de qualidade que se compara ao dos livros do mercado, se firmaram nos anos 1980. Entre 1963 e 1970, período de radicalização do regime militar, nenhuma foi criada, e as publicações universitárias se restringiram a materiais administrativos pelas imprensas e gráficas universitárias (BUFREM, 2001, p. 34). Esse funcionamento durante a ditadura, em termos gramscianos, as aproximaria mais da esfera da sociedade política do que da sociedade civil.<sup>15</sup> Em outros momentos predomina o inverso.

Na época da instauração das universidades brasileiras, no início do século XX, algumas editoras comerciais desempenharam também a função de editoras universitárias, aproveitando a demanda e formando catálogos voltados para o público leitor das universidades. As editoras das instituições ainda não existiam e as primeiras funcionaram sobretudo como financiadoras de editoras particulares, por meio das coedições, ou mesmo como gráficas, sem conselho editorial ou profissionalização da produção (MARQUES NETO; ROSA, 2011).

Ainda hoje há diversas editoras do mercado que se voltam para o público acadêmico, como as citadas *Big Four* da educação superior (ver nota 13 neste capítulo) e outras menores interessadas no financiamento por órgãos de fomento à pesquisa, porém as editoras de

---

<sup>15</sup> Como debatido no início deste capítulo, sociedade política é a esfera do Estado que funciona pela coerção, ligada às forças armadas e à lei, enquanto a sociedade civil é a esfera que compreende a disputa de hegemonia, a construção de consensos. “No âmbito da sociedade civil, a cujos organismos se adere voluntariamente (não sou obrigado a fazer parte de um partido, de um sindicato, de uma igreja etc.), as classes buscam exercer sua *hegemonia*, isto é, buscam ganhar aliados para suas posições através da *direção político-intelectual* e do *consenso*. Por meio da sociedade política, ao contrário, exerce-se sempre uma ditadura, ou seja, uma *dominação* mediante *coerção* (e por coerção não se deve entender apenas a violência pura e simples, mas todos os atos governamentais que sou obrigado a cumprir, ainda que não concorde com eles, como, por exemplo, pagar impostos, prestar serviços militares etc.)” (COUTINHO, 2011, p. 26, grifos do original)

instituições se desenvolveram, tornando-se parte indispensável das universidades, e ocupam um lugar importante na divulgação do conhecimento científico, publicando, além de obras de relevância para o público universitário, estudos e pesquisas que não seriam viáveis em editoras preocupadas principalmente com seu retorno financeiro.

Assim, editoras universitárias ligadas a instituições de ensino e/ou pesquisa, por definição, não têm fins lucrativos e costumam trabalhar basicamente em duas vertentes, com destaque variável para uma e/ou outra: 1. títulos de autores com reconhecida relevância acadêmica, sobretudo traduzidos de outros idiomas; 2. títulos de professores universitários, da própria instituição ou de uma coirmã, divulgando o conhecimento produzido nestas. Com frequência, mesmo contando com a aprovação de conselhos editoriais, dificilmente esses livros representam toda a diversidade da instituição ou de seus principais pesquisadores.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que as características também são bastante variáveis de uma editora para outra, pois se relacionam com o tipo de instituição (mais regional ou central, federal, estadual ou privada) à qual pertence; o órgão da instituição ao qual está vinculada (reitoria ou algum outro, ligada à fundação, etc.); o projeto editorial mais ou menos definido; o momento de sua criação e/ou de transformação de suas atribuições de serviços gráficos em editora; a equipe; o fluxo de trabalho, entre outros aspectos. Essas editoras são atravessadas por muitas disputas, assim como acontece na universidade, que se refletem em seu modelo, na política editorial ao longo do tempo – ao passarem, por exemplo, por mudanças de direção na universidade ou nelas próprias – e, conseqüentemente, em seu catálogo.

José Paulo Netto, na apresentação ao livro *Velhas histórias, memórias futuras*, de Eduardo Granja Coutinho, faz uma breve reflexão sobre o espaço dos livros de professores universitários, que acaba por dar conta também da função que desempenham – ou pelo menos podem ter – as editoras universitárias:

Salvo poucas exceções, livros de acadêmicos brasileiros, que saem à luz por editoras universitárias, não ganham o favor da grande divulgação – ainda que tenham, e em geral as têm, qualidade e importância. Este fato não deve causar impressão; afinal, supõe-se que uma parte significativa da função das editoras universitárias consiste precisamente em *tornar acessíveis materiais diferenciados, que as editoras que operam para o mercado, este ícone do pensamento conservador contemporâneo, não demonstram interesse em publicar*. (NETTO, 2011, p. 9, grifos nossos)

Netto ressalta a contradição entre mercado e editoras universitárias no que se refere à seleção de conteúdos, que nestas últimas seria feita com mais liberdade. Em consequência, a divulgação e a venda encontrariam dificuldades por não fazer parte do jogo dos *best-sellers*.

Em entrevista recente para nossa dissertação, Jézio Gutierre, diretor da Editora Unesp, manifestou visão um pouco diferente, que tem a ver com a política editorial adotada e o modelo de editora – a natureza fundacional da Editora Unesp a coloca numa posição de maior inserção no mercado. Ele acredita que as editoras universitárias devem ter a preocupação com o público e com as vendas dos livros. Assim, para Gutierre, publicar livros já sabendo que não vendem é um equívoco. Na mesma entrevista, deixa clara, entretanto, a contradição em que vive a Editora Unesp, a principal editora universitária atual, tanto em termos de número de títulos lançados (publica uma média de duzentos títulos por ano) quanto pela reputação de seu catálogo, com autores como Adorno, Roger Chartier, Terry Eagleton, Habermas, entre tantos outros, ao lado de diversos pesquisadores nacionais:

Não vejo de jeito nenhum formato único a ser aplicado em todos os casos, é o tipo da coisa que você tem que ver muito a situação, o perfil da universidade, o apoio que a universidade está disposta a dar... e as pessoas mesmo. É uma questão de retrato político da universidade naquela hora que isso é estabelecido. Agora tem enormes vantagens, mesmo, do sistema fundacional. A editora, acho que é a única que tem de fato um sistema fundacional funcionando. Porque aquilo que acontece com a UnB, e com outras, é fundacional, *pero no mucho*, porque você também tem que, no final das contas, ficar na dependência de finanças da universidade. O que a gente consegue fazer aqui, e que eu acho muito legal, é que você tem total independência administrativa, financeira e editorial, especialmente. Quer dizer, a gente recusa tranquilamente livro de reitor, pró-reitor, vice-reitor... [...] Por outro lado, é [por] isso que muitas vezes somos atacados, [por] que a gente tem que ficar completamente preocupado com o mercado. A Editora Unesp, se por acaso a gente não vende, fecha. É tão simples assim. Se a gente de repente fica sem vender os nossos livros, a gente fecha. É como uma empresa privada. Isso para a grande maioria – eu imagino que vocês partilham alguma coisa disso – pode trazer mal-estar, crise, etc. e tal, mas a editora não fecha se não vender. Nós não. A gente fecha, a gente fica sem folha. A folha inteira quem paga somos nós. (Apêndice B, p. 139)

Com o objetivo declarado de divulgar o conhecimento científico e sendo parte de estabelecimentos educacionais, pode-se dizer que as editoras universitárias têm relevância na batalha de ideias, na disputa por hegemonia, e ao mesmo tempo sofrem a pressão de se enquadrarem nos modelos do mercado. Em alguns momentos, podem veicular pensamentos contra-hegemônicos por seu menor atrelamento, ou liberdade relativa, em relação ao mercado. Entretanto, isso não quer dizer que as editoras universitárias sejam necessariamente grandes divulgadoras de ideias críticas. Ao contrário, com frequência, cumprem o papel de manutenção da hegemonia das ideias da classe dominante no âmbito acadêmico. Mas cabe destacar que são espaços atravessados por disputas, como acontece na própria universidade e na educação. Por meio de diferentes gestões e conselhos editoriais e de projetos para a universidade em questão, mais ou menos democrático, o catálogo de uma editora costuma revelar essas disputas.

Um caso que merece ser considerado é o período em que Carlos Nelson Coutinho esteve à frente da Editora UFRJ (2003-2011). Principal tradutor e especialista em Gramsci no país, além de profundo conhecedor e divulgador da obra de Lukács, Carlos Nelson é notadamente um dos principais responsáveis pela renovação do pensamento marxista brasileiro. Ao mesmo tempo preocupado com o pluralismo e coerente com sua trajetória de intelectual orgânico, sua gestão, além de reeditar autores de diversas orientações teóricas que já eram do catálogo da editora, teve como principais marcas duas coleções: História, Cultura e Ideias e, em especial, Pensamento Crítico. Essa última, tendo publicado obras clássicas e de novos autores do pensamento marxista, algo que pouco se vê na academia e no mercado, apresentou uma demanda significativa, com diversos títulos reimpressos e alguns esgotados.

Por outro lado, pelas dificuldades encontradas e para ampliar a produção e a divulgação do conhecimento, assim que assumiu a direção, ele chegou a cogitar transformar a editora em uma fundação. Como explicou em entrevista ao *JB* em 29/5/2004:

Existem no Brasil mais de 100 editoras universitárias. Nem todas funcionam do mesmo modo. Há as que publicam 100 livros por ano (caso da Editora Unesp) e as que publicam um ou dois, quando publicam. A Editora UFRJ tem publicado cerca de 20 títulos por ano. Essa diferença de porte dificulta uma política unitária, malgrado os esforços da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu). Decerto, todas têm muitos problemas em comum, entre os quais se destaca a questão da distribuição. Os livros que publicamos chegam com muita dificuldade, quando chegam, às livrarias, até mesmo àquelas dos grandes centros. Independentemente do modo de funcionamento (umas terceirizam todo o trabalho, outras utilizam uma equipe de funcionários estáveis, etc.), este problema da distribuição é um dos obstáculos à ação de todas as editoras universitárias. A má distribuição nos obriga a ter tiragens pequenas, o que encarece os livros, levando a maioria destas editoras a trabalharem no vermelho. Dependemos assim da generosidade de quem controla os recursos, os quais, como se sabe, são muito escassos. Não sabemos previamente de quanto vamos dispor, não temos um orçamento, o que impede que planejem o trabalho. Quando as editoras universitárias são fundações – e há algumas que o são, precisamente as mais bem-sucedidas –, isso permite dispor de recursos próprios, o que possibilita ter pelo menos algum planejamento e um mínimo de previsibilidade. Estamos tentando transformar a Editora UFRJ numa fundação.<sup>16</sup>

No entanto, esse plano inicial, que encontrava resistência, por exemplo, entre o quadro de funcionários estáveis – que teria de ir para outras unidades, substituído em grande parte por terceirizados –, não foi levado adiante, possivelmente porque, para se livrar da burocracia, seria necessário pagar o preço de uma maior sujeição às leis do mercado. Alguns anos depois, a Editora UFRJ não conseguiu ampliar muito a média de publicações citada na entrevista, por outro lado em 2014 uma de suas conquistas foi a inauguração de uma grande livraria num

<sup>16</sup> Entrevista de Carlos Nelson Coutinho no caderno Ideias do *Jornal do Brasil*, 29 maio 2004. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv358.htm>>. Acesso em: jul. 2016.

terreno retomado pela UFRJ, ao lado do antigo Canecão, em Botafogo, área nobre do Rio de Janeiro. A livraria tornou-se um dos mais relevantes pontos de venda de livros universitários.

Tudo isso demonstra que a discussão sobre as editoras universitárias é profunda e complexa, precisa considerar também a comunidade acadêmica, o papel da universidade pública e da produção e divulgação de conhecimento na sociedade. É difícil chegar a um modelo adequado às funções sociais da universidade e ao mesmo tempo eficiente, porém essa busca pode ser um caminho para tornar o conhecimento algo mais democrático.

Algumas iniciativas procuraram dar conta das principais dificuldades e de uma discussão mais conjunta dessas editoras. Uma das mais marcantes, por envolver um grande número de participantes, é o já mencionado Programa Interuniversitário de Distribuição de Livros (PIDL), com o objetivo de garantir entre elas a distribuição de seus livros num país com a extensão do Brasil. Aliás, o PIDL é considerado um dos principais fatores que contribuíram com o processo de profissionalização dessas editoras.

Outro projeto mais recente é a plataforma SciELO Livros, que publica e-books de editoras universitárias para acesso aberto ou venda. Embora não se restrinja a elas – o portal também aceita editoras do mercado voltadas para o público acadêmico –, atualmente fazem parte do portal apenas universitárias, sócias da Abeu e em pequeno número (9).

### **2.3 Editoras universitárias, livros digitais e e-books**

A produção acadêmica se insere na discussão dos livros digitais de maneira bastante peculiar, tendo em vista as múltiplas possibilidades para a leitura, a pesquisa, a disseminação do conhecimento e para a própria viabilização de edições, pois com frequência muitos originais têm público bastante restrito, encarecendo ou inviabilizando sua impressão.

Existe uma grande necessidade por parte do meio acadêmico e universitário de publicação de seus estudos e pesquisas. Atualmente mecanismos de controle da produtividade dos docentes os pressionam ainda mais nesse sentido ao impor a necessidade de publicação de artigos e livros numa quantidade crescente – na lógica do *publish or perish* (publique ou pereça). Assim, cria-se uma fábrica de textos dos mais variados tipos, muitos repetidos, sem aprofundamento, com o objetivo de contribuir para progressões na carreira docente e voltados para os pares ou para pequenos grupos. Diversos trabalhos importantes, no entanto, têm público bastante restrito e específico. Desse modo, os e-books podem vir a ser uma alternativa

para a demanda de publicação de livros não comerciais, mas de relevância para o conhecimento, como em geral se definem as publicações de editoras universitárias.

Robert Darnton (2010) refletiu sobre essa questão e chegou a criar um projeto denominado Gutenberg-e, voltado para monografias premiadas na área de história, que, entretanto, não justificariam sua publicação impressa por seus altos custos. Nesse caso, pelo aprofundamento e especificidade dos temas, e, conseqüentemente, por interessarem apenas a seus pares, os e-books foram considerados uma solução possível para diminuir os custos e viabilizar a publicação. Em suas palavras,

A dificuldade de publicar trabalhos em áreas como América Latina colonial e Europa no início da era moderna tornou a maldição do publique-ou-pereça um peso nos ombros da geração mais jovem de historiadores. Eles sem dúvida enfrentaram desvantagens demográficas, econômicas e de muitas outras naturezas na competição por cátedras. Porém, o momento em que um PhD precisava converter sua tese num livro parecia ser o ponto de convergência dos pontos mais prementes. Concentrando nossos esforços nesse momento crítico, talvez pudéssemos desenvolver uma nova maneira de difundir conhecimento, legitimar e-books acadêmicos e promover carreiras, tudo ao mesmo tempo (DARNTON, 2010, p. 98).

Na prática, no entanto, revelaram-se alguns problemas, nos quais os livros acadêmicos, não só os digitais, esbarram, como a transformação de teses em livros pelo autor, a compra de imagens para ilustrar e os prazos para essa tarefa, além das questões mais específicas do meio digital, como a cultura de orientadores que desestimulam a publicação nesse formato por não considerarem livro, entre outros aspectos (DARNTON, 2010, p. 100-101).

Quanto ao acesso, não há dúvida de que com o e-book se pode alcançar com muito mais facilidade grande quantidade de pessoas em diversos pontos do planeta. Ao mesmo tempo, também se atingem públicos mais específicos. Nesse sentido, Carlo Carrenho, na palestra “De olho no mercado: um panorama da indústria de livros no Brasil”, realizada na Uerj em 16 de junho de 2015,<sup>17</sup> faz uma afirmação forte mas pertinente sobre os digitais: “A verdadeira revolução está na distribuição e no acesso ao produto, não na plataforma de leitura”. No entanto, não se deve desconsiderar a possibilidade de passagem da quantidade à qualidade em um período mais longo.

O livro impresso, apesar de todas as inovações que facilitam sua produção, continua tendo custos de impressão relativamente altos. Nas editoras universitárias, em geral, as tiragens variam de quinhentos a mil e quinhentos exemplares – em média, mil –, podendo para alguns títulos chegar a três mil exemplares. Essas tiragens pequenas tornam os custos relativamente mais altos.

<sup>17</sup> Para mais informações, ver: <https://www.youtube.com/watch?v=SeZStjy7I8I#t=149>. Acesso em: 1 jul. 2015.

Mesmo as editoras do mercado, com tiragem média de três mil exemplares, quando fazem tiragens maiores ou de livros de arte, por exemplo, procuram soluções mais em conta, como gráficas da China. Em um contexto de capitalismo globalizado, buscam um país com mão de obra mais barata, tanto para assegurar seu lucro quanto para garantir preços mais atrativos ao leitor/consumidor. Nesse caso, a relação custo-benefício é mais favorável – apesar de o prazo ser um limitador – e tem impactos no preço final do livro, chamado preço de capa.

A matéria “Com preços até 50% menores do que no Brasil, gráficas chinesas seduzem editoras nacionais”, de Cristina Tardáguila e Mauricio Meireles, publicada em 2013 no jornal *O Globo*, chama a atenção pelo volume de livros impressos na China, revelando o aumento dessa demanda das editoras brasileiras.

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o Brasil importou da China 13,5 mil toneladas de livros no ano passado – o equivalente, em peso, a quase 3,5 milhões de exemplares de “Cinquenta tons de cinza”, da Intrínseca. Foram cerca de 2 mil toneladas a mais do que em 2011. O total de 2012 supera em quatro vezes o volume de livros que veio da Europa, região que ocupa o segundo lugar no ranking das importações de livro (TARDÁGUILA; MEIRELES, 2013).

Ainda no mesmo texto, um editor explica a economia nesse tipo de impressão, incluindo até mesmo custos de transporte, que podem ser equivalentes ao frete nacional mesmo em pequena distância:

– Tenho quatro livros prontos para serem impressos lá. Vale muito a pena – conta o editor. – Trazer da China, de navio, um livro de arte que pese mais ou menos 1,5 quilo custa US\$ 0,40, ou R\$ 1. É o mesmo valor cobrado no trajeto de caminhão entre São Paulo e Rio. A vantagem fica no custo da impressão. Na China, ele é 50% menor (TARDÁGUILA; MEIRELES, 2013).

Outro fator que pesa no preço do impresso é sua distribuição e venda: como é conhecido no ramo editorial, 50% do preço de capa fica com livreiros e distribuidores (em geral, respectivamente, 40% e 10%). Abaixo vê-se uma tabela extraída do livro *Economia da cadeia produtiva do livro*, de Fábio Sá Earp e George Kornis, com os elementos que formam o preço de capa de um livro e quanto representam nesse total.

Tabela 1 – Distribuição percentual do preço de capa de um livro no Brasil

Direitos autorais	10%
-------------------	-----

Custos editoriais e manufatureiros	25%
Lucro da editora	15%
Distribuidor	10%
Livreiro	40%
<b>Total</b>	<b>100%</b>

Fonte: Entrevistas realizadas por Earp; Kornis, 2005, p. 24

Emanuel Araujo, no clássico da edição *A construção do livro*, também se refere ao peso da distribuição para a constituição do preço, com certa variação em relação aos percentuais mencionados. De qualquer forma, ao definir “distribuição”, seu texto deixa claro que a maior parte fica de “comissão para a revenda do livro”, já que as editoras até podem fazer venda direta, mas dificilmente alcançarão um público mais amplo só com esta. Assim, o principal percentual desse preço é

a distribuição, i.e., a comissão para a revenda do livro, esta dividida entre o distribuidor e o livreiro, os quais ficam com ‘a maior e melhor fatia do lucro, 30 a 40% ao livreiro, 20 a 30% ao distribuidor (dos 50/60% do distribuidor é que são retiradas as comissões do livreiro, contra 10% do autor e uma média de 15% do editor’ (ARAUJO, 2008, p. 358-359).

Para driblar o preço dos livros, os estudantes universitários costumam se utilizar muito de xerox como meio de obter os textos necessários à sua formação. Afinal, são muitas disciplinas com bibliografia contendo diversas obras, e com frequência indica-se a leitura de apenas uma parte ou capítulo destas. Mais recentemente os livros digitais passaram a ser mais uma opção de acesso a textos.

#### 2.4 E-books, acesso aberto e produção de conhecimento

A tecnologia digital e a convivência entre livro eletrônico e impresso é assunto sempre polêmico e qualquer previsão é arriscada, ainda com poucas evidências que a sustentem. Estudar um fenômeno num momento de consolidação não é tarefa fácil e está fadada a desatualização a todo o tempo. Nas palavras de Thompson, é como “atirar em um alvo móvel” (THOMPSON, 2013, p. 1). Ainda assim, vale o esforço para compreender o presente, de maneira contextualizada e em relação com outros momentos da história do livro, numa reflexão teórica e prática pronta a ser superada. Essa tentativa se encontra com a visão de



Roger Chartier:

Entre juízos apocalípticos que identificam essa mudança como a morte da escrita e avaliações otimistas que apontam continuidades reconfortadoras, outro caminho tanto é possível como necessário. Ele se apoia na História, não para fornecer profecias incertas, mas para chegar a um melhor entendimento da coexistência corrente (e talvez durável) de diferentes modalidades da palavra escrita – manuscrita, impressa e eletrônica – e, acima de tudo, anotar com maior rigor como e por que o mundo digital desafia as noções que sustentavam a definição de obra como obra, a relação entre a escrita e individualidade e a ideia de propriedade intelectual. (CHARTIER, 2014, p. 14)

O e-book criou muita expectativa quanto às transformações nos modos de leitura, com a não linearidade, os hyperlinks e outros fatores dessa materialidade. Realmente está em curso uma mudança ainda não plenamente assimilada, que, do ponto de vista da materialidade, pode ser comparada à passagem do *volumen* ou rolo ao códice, como já visto. Sem desconsiderar esse aspecto, nosso olhar, entretanto, tem agora outro foco: a ampliação do acesso e a difusão do conhecimento, que por esse viés se assemelha ao aumento do alcance a partir da imprensa de Gutenberg, no século XV. Em ambos os casos a receptividade da tecnologia ainda é uma questão em aberto e a convivência entre os suportes papel e tela parece ter longa estrada pela frente. Ignorar essas potencialidades tecnológicas e seus usos sociais, por mais incipientes que sejam, e esperar para ver, parece algo tão ingênuo quanto exacerbar seu papel.

Os livros eletrônicos trouxeram para as editoras universitárias, entre outras discussões, a possibilidade não apenas de ampliar seu alcance, como também de veicular pesquisas sem os custos de impressão. O trabalho profissional do pesquisador, sobretudo ao ser financiado com verba pública, pressupõe um compromisso social de divulgação. Mesmo com a produção editorial, que também tem custo, e sobretudo se esta também for bancada por recursos públicos, o resultado final poderia ser um livro gratuito, acessível a quem interessar. Algo que parecia impossível começou a tomar forma, primeiro com os periódicos eletrônicos em acesso aberto, depois também como livros eletrônicos.

Esse debate é feito de maneira organizada pelo chamado Movimento Open Access (Acesso Aberto), que, se não teve início com a Declaração de Budapeste (<http://www.budapestopenaccessinitiative.org/read>), em 2002, deu um salto de qualidade após esta e se espalhou para diversas partes do mundo, incluindo o Brasil. Na verdade, considera-se que a ideia mais antiga de acesso aberto foi o Projeto Gutenberg de Michael Hart, primeira biblioteca digital de livros em domínio público, que data de 1971.<sup>18</sup> No entanto, a partir da

---

<sup>18</sup> Uma linha do tempo com acontecimentos marcantes para o acesso aberto pode ser encontrada em: [http://blog.scielo.org/blog/2013/10/21/evolucao-do-acesso-aberto-breve-historico/#.WDQ\\_rRRQ3Cc](http://blog.scielo.org/blog/2013/10/21/evolucao-do-acesso-aberto-breve-historico/#.WDQ_rRRQ3Cc). Acesso

Iniciativa de Acesso Aberto de Budapeste (BOAI) foram definidas as chamadas Via Verde e Via Dourada, além de um protocolo de interoperabilidade de fontes on-line. Segundo um texto de dez anos depois,

esta iniciativa não criou a ideia do AA. Pelo contrário, procurou deliberadamente reunir projetos já existentes para explorar como poderiam “trabalhar em conjunto para conseguir o mais amplo, profundo e rápido sucesso”. Mas a BAAI foi a primeira iniciativa a usar o termo *open access* para este propósito, a primeira a articular uma definição pública, a primeira a propor estratégias complementares para atingir o AA, a primeira a generalizar o apelo ao AA a todas as disciplinas e países e a primeira a ser acompanhada por financiamento significativo.<sup>19</sup>

O movimento defende a disponibilização on-line e sem limitação de resultados de investigação científica, aliando, portanto, a ideia antiga de alguns cientistas de divulgar gratuitamente o resultado de suas pesquisas em periódicos às novas tecnologias de comunicação. No começo mais voltado para os periódicos científicos, o debate se estendeu para os livros e envolve especialmente o resultado das pesquisas que recebem financiamento público, pois seria razoável não transformar essa informação em mercadoria, tendo em vista que sua produção foi incentivada para promover o conhecimento, e não para comercializá-lo ou patentear-lo.

Outras duas importantes declarações que se seguiram foram as de Bethesda (abril de 2003) e de Berlim (outubro de 2003), que vieram nessa direção e procuraram implementar o acesso aberto à literatura científica com recomendações de depósito de trabalhos em repositórios.

No Brasil, uma instituição considerada pioneira na discussão do acesso aberto/livre é o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), que em 2005 lançou um manifesto aderindo ao movimento internacional, em conformidade com a Open Archives Initiative (OAI).<sup>20</sup> Em 2016, o Ibict amplia esse apoio com o Manifesto de Acesso Aberto a Dados da Pesquisa Brasileira para Ciência Cidadã, dirigido a diversas instituições como universidades, institutos de pesquisa, editores, cursos de pós-graduação, pesquisadores, entre outros.<sup>21</sup> Destaca-se ainda a atuação dos professores Pablo Ortellado e Jorge Machado, da

---

em: out. 2016.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.budapestopenaccessinitiative.org/boai-10-translations/portuguese-brazilian-translation>>. Acesso em: out. 2016.

<sup>20</sup> O manifesto está disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/Manifesto.pdf>>. Acesso em: ago. 2016.

<sup>21</sup> O novo manifesto na íntegra está disponível em: <<http://www.ibict.br/Sala-de-Imprensa/noticias/2016/ibict-lanca-manifesto-de-acesso-aberto-a-dados-da-pesquisa-brasileira-para-ciencia-cidada/>>. Acesso em: set. 2016.

USP, no movimento que defendia o acesso a artigos de pesquisa principalmente através de meios digitais, mas procurava se estender também à fotocópia para uso pessoal.<sup>22</sup>

Não se vê facilmente esse tipo de publicação gratuita em editoras ou livrarias comerciais. Quando encontradas, em geral são obras em domínio público, que ficam disponíveis mais para divulgar dispositivos de leitura do que algum conteúdo, já que a propriedade intelectual e a venda de livros são regras do mercado editorial. Entretanto, como veremos no próximo capítulo, as obras do SciELO Livros em acesso aberto são também disponibilizadas gratuitamente nas livrarias parceiras do portal. Há ainda outras exceções de obras gratuitas ou, pelo menos, a preços bem baixos, como acontece com alguns livros da editora Boitempo na Amazon, por exemplo. O título *Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil*, por exemplo, já esteve gratuito no site e em 30/9/2016 custava R\$ 5,75. Já o livro *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*, organizado por Emir Sader, podia ser baixado de graça na Amazon no início de outubro.<sup>23</sup>

Em episódio recente uma professora procurou a Editora UFRJ, pois queria publicar um e-book gratuito, em acesso aberto, e relatou que não tinha sido possível em uma editora comercial. O livro era sobre ortodontia preventiva e o único interesse da organizadora era divulgá-lo, o que entrou em choque com o funcionamento de uma editora do mercado. Mesmo que a autora – com sua verba de financiamento – bancasse os custos de produção, o livro não poderia ser distribuído gratuitamente, segundo seu relato.<sup>24</sup>

José Castilho Marques Neto e Flávia Garcia Rosa – ex-presidente da Editora Unesp e diretora da Edufba, respectivamente –, no texto “Editoras universitárias: academia ou mercado? Reflexões sobre um falso problema” no livro *Impresso no Brasil*, alertaram para a questão do financiamento público das pesquisas e a necessidade de pensar a gratuidade do acesso.

---

<sup>22</sup> O site do movimento Acesso Aberto Brasil estava disponível em <http://www.acessoaberto.org> pelo menos até julho de 2016. No entanto, nova pesquisa ao final da redação desta dissertação, em novembro de 2016, não mais encontrou o conteúdo anterior nesse domínio, que já estava no ar há alguns anos como comprova reportagem da revista Trip de 2008. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/trip/a-academia-liberou-geral>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

<sup>23</sup> Disponível em: <[https://www.amazon.com.br/s/ref=sr\\_pg\\_1?rh=i%3Aaps%2Ck%3Aboitempo&keywords=boitempo&ie=UTF8&qid=1475687552](https://www.amazon.com.br/s/ref=sr_pg_1?rh=i%3Aaps%2Ck%3Aboitempo&keywords=boitempo&ie=UTF8&qid=1475687552)>. Acesso em: 4 out. 2016.

<sup>24</sup> Apesar de ainda no prelo até novembro de 2016, está previsto para ser o primeiro livro digital da Editora UFRJ.

Os desafios da textualidade eletrônica e os novos suportes das culturas escritas somam-se, principalmente em editoras de universidades públicas, com outras reivindicações contemporâneas que envolvem também o leitor do século XXI. Trata-se do debate em ascensão sobre financiamento público à pesquisa e acesso gratuito aos resultados. Mais que representar um impacto tecnológico dos novos suportes, essa possibilidade de gratuidade na distribuição do conhecimento gerado em espaços de pesquisa públicos vai ao encontro do modo de fazer e distribuir o livro universitário, conforme aprendido dos últimos cinco séculos. (MARQUES NETO; ROSA, 2011, p. 347)

Essa discussão, por outro lado, é algo longe da realidade das editoras comerciais, que precisam pensar em primeiro lugar na manutenção do sistema no qual se sustentam, com base nos lucros por meio de direitos autorais. A não ser por uma estratégia combinada para vender exemplares físicos ou de outra obra, dificilmente se vê políticas de gratuidade com o objetivo de ampliar e democratizar o acesso à cultura e ao conhecimento. Como explica Naomi Baron, em *Words Onscreen*,

opções de educação gratuita são um passo importante na direção da igualdade de acesso. Entretanto, quando se trata de publicações protegidas por *copyright*, é uma situação totalmente diferente. Se você é um *publisher* de um periódico comercial, hesita em deixar os artigos disponíveis para quem quiser, uma vez que cobra taxas substanciais para bibliotecas (e menores para os indivíduos) por assinaturas anuais. Se você é um autor, pode estar contando com os *royalties* para comprar gêneros de primeira necessidade. (BARON, 2015, tradução nossa)<sup>25</sup>

Assim como as próprias editoras universitárias já têm características diversas umas das outras, sua produção de e-books é algo bastante desigual; por se tratar de uma tecnologia relativamente nova, há todo tipo de situação: as que não produzem e-books, as que produzem, as que terceirizam a produção, diversos formatos, se são gratuitos ou não, entre outras. Nesse sentido, a criação da rede SciELO Livros (<http://books.scielo.org>), em 2012, contribui com certa centralização e padronização das publicações dessas editoras e, num outro movimento, ajuda nas experiências individuais, como será visto em mais detalhes no próximo capítulo.

#### 2.4.1 Repositórios institucionais

---

<sup>25</sup> No original em inglês: “Options for free education are an important step toward equity access. However, when it comes to published written materials that are under copyright, it’s a different ball game. If you are the publisher of a commercial journal, you hesitate to make articles available to whoever wants them, given that you are charging substantial fees to libraries (and lesser ones to individuals) for annual subscriptions. If you are an author, you may be relying upon royalties to pay for groceries.”

A questão do acesso aberto e da disseminação do conhecimento produzido nas universidades, sobretudo públicas, vem sendo discutida no meio acadêmico em diversas partes do mundo. Muitas universidades implantaram repositórios institucionais em acesso aberto – outras estudam fazê-lo –, com o objetivo de disponibilizar todo o conhecimento produzido em seu interior, ainda que isso não ocorra de uma hora para outra. Por não ser objetivo desta pesquisa, não aprofundaremos a discussão acerca dos repositórios. Sobre esse assunto, há trabalhos relevantes, como o da diretora da Edufba, Flávia Goulart Garcia Rosa, que analisa a implantação do RI na Ufba.<sup>26</sup> No entanto, algumas reflexões de quem participou ativamente da implantação destes, como Rosa ou Darnton, de pontos de vista e realidades distintos, nos ajudam a pensar a questão do acesso aberto, do RI e também do SciELO Livros.

Robert Darnton escreveu, em 2008, um texto em favor da aprovação do RI do Instituto de Artes e Ciências (IAC) de Harvard. Essa moção, além de aprovada por unanimidade, inspirou outras unidades e universidades nesse sentido. Seus argumentos resumem algumas questões do debate sobre a produção de conhecimento, entre as quais: 1. a questão da cobrança dos periódicos ser alta; 2. o fato de isso afetar não só a aquisição de periódicos pelas bibliotecas, mas diminuir também a compra de monografias pelo impacto financeiro, no que ele chamou de efeito em cascata; 3. o alto preço ser pago também por professores, que são pareceristas, constituem conselhos editoriais e que por vezes atuam como editores sem custo – “Nós, acadêmicos, fornecemos conteúdo para os periódicos científicos. Avaliamos artigos, fazemos parte de conselho editorial e trabalhamos até mesmo como editores. Ainda assim, somos forçados a recomprar nosso próprio trabalho, em forma publicada, a preços absurdos” (DARNTON, 2010, p. 120).

A principal dificuldade identificada são os altos preços cobrados por conteúdos fundamentais para o desenvolvimento de novas pesquisas e a produção de novos saberes, com consequências objetivas vistas nas bibliotecas. Darnton explica como se deu esse processo nos Estados Unidos:

O aumento desregrado no custo dos periódicos científicos infligiu sérios danos às bibliotecas de pesquisa, criando um efeito em cascata: para comprar os periódicos, as bibliotecas precisaram reduzir suas aquisições de monografias; a diminuição da demanda por monografias nas bibliotecas forçou as editoras acadêmicas a reduzir o volume de publicação desses trabalhos; e, como publicar suas teses se tornou quase impossível, toda uma geração de acadêmicos de diversas áreas teve suas carreiras ameaçadas. (DARNTON, 2010, p. 120)

Há, portanto, uma disputa pela forma de difundir o conhecimento em que a questão

---

<sup>26</sup> Ver Rosa (2011).

tecnológica está também imbricada. De um lado, há posições mais voltadas para uma conciliação com as formas de funcionar do mercado, buscando inserir as universidades e a comunicação científica nas regras da sociedade capitalista. E, por outro lado, uma necessidade de compartilhar descobertas relevantes. Assim, na defesa do repositório institucional, o autor se posiciona:

A moção apresentada ao IAC fornece uma maneira de reorganizar os modos de difusão do conhecimento de uma maneira que favorecerá o saber. Será um primeiro passo para libertar a produção acadêmica do jugo das editoras comerciais, disponibilizando-a de forma livre num repositório da nossa própria universidade. Em vez de sermos vítimas passivas do sistema, podemos tomar a iniciativa de assumir o controle. (DARNTON, 2010, p. 121)

Muitas universidades brasileiras já implementaram seus repositórios institucionais ou estão nesse processo. Para esta dissertação, notamos que a Ufba e a Fiocruz se diferenciam não só por terem repositórios institucionais implementados, mas pela discussão mais ampla sobre estes e sobre a questão do acesso aberto, envolvendo as respectivas comunidades e incluindo suas editoras com papel de destaque. A Ufba inclusive começou seu projeto piloto com a Edufba, como podemos ver pela já mencionada tese de doutorado de Flávia Garcia Rosa (2011), diretora da editora.

A Portaria nº 24/2010, que trata do Repositório Institucional da Ufba, em seu artigo 4º, define as regras para o depósito da produção intelectual. Como podemos notar, a orientação é priorizar a divulgação científica, por meio de material armazenado no RI em acesso aberto. No entanto, respeitam-se as limitações das regras da propriedade intelectual, por meio das cláusulas contratuais de editoras e periódicos.

Art. 4º A comunidade científica institucional deverá publicar os artigos de sua autoria ou coautoria, preferencialmente, em publicações periódicas científicas de acesso livre.

§ 1º o aludido depósito deverá ser realizado imediatamente após a comunicação de sua seleção para publicação na revista científica. Em caso de impossibilidade de depósito imediato, o autor ou coautor terá um prazo máximo de 6 (seis) meses a partir da data de publicação do referido artigo, para depositá-lo no RI;

§ 2º na impossibilidade de realização do depósito devido às cláusulas contratuais mantidas pelo autor com a(s) revista(s) onde seu trabalho foi publicado, recomenda-se que se deposite uma cópia da versão original do trabalho, ou seja, a versão que foi submetida à revista científica (*pre-prints*), assim como as alterações propostas pela revista que o publicou;

§ 3º ficam desobrigados de depósito no RI os livros ou capítulos de livros que são publicados com fins comerciais ou que tenham restrições contratuais relativas a direitos autorais;

§ 4º ficam desobrigados de depósito no RI os artigos publicados em revistas científicas que estabelecem em seus contratos com os autores cláusulas que impedem o depósito de artigos publicados em suas revistas, em repositórios de acesso livre;

§ 5º ficam desobrigados de depósito no RI os documentos cujo conteúdo integra resultados de pesquisa passíveis de serem publicados em livros ou capítulos de livros que serão publicados com fins comerciais.<sup>27</sup>

A Fiocruz vai em sentido semelhante com sua Portaria 329/2014, que incentiva o depósito e a ampliação do acervo em acesso aberto, porém reconhece os direitos autorais de propriedade intelectual:

A Fiocruz reconhece e respeita os direitos autorais, sejam eles morais ou patrimoniais, e demais direitos de propriedade intelectual em relação ao conhecimento produzido e também reconhece que é dever das instituições públicas assegurar que a sociedade tenha acesso ao conhecimento por elas produzido, refletindo o estabelecido na Declaração Universal dos Direitos do Homem, em seu artigo XXVII:

O acesso às obras intelectuais depositadas no Repositório Institucional Arca deverá observar as hipóteses legais de sigilo obrigatório vigentes, em especial as presentes nas leis:

- nº 9.279/96 (regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial)
- nº 9.609/98 (dispõe sobre a proteção da propriedade intelectual de programa de computador)
- nº 10.973/2004 (dispõe sobre a inovação e a pesquisa científica e tecnológica)
- nº 12.527/2011 (regula o acesso a informações).

Assim, qualquer obra intelectual somente será considerada como de acesso aberto caso não esteja sujeita a qualquer determinação legal de sigilo ou restrições para disponibilização ao público geral. A obra intelectual, para fins da política institucional de acesso aberto da Fiocruz, é compreendida como toda a produção científica, técnica, tecnológica, cultural e didático-educacional da Fiocruz.<sup>28</sup>

Nota-se que ambas as editoras têm promovido o debate sobre acesso aberto e estão mais organicamente ligadas aos respectivos repositórios institucionais. No site da Edufba, por exemplo, há link que leva ao RI para baixar seus livros digitais. A Editora Unesp, de maneira diferente, tem no próprio site os e-books e, mesmo sendo parte também do repositório da universidade, não o divulga diretamente.

## 2.5 Livros digitais e o leitor: novas tecnologias, velhos dilemas

Nesse tópico, por fim, fazemos uma breve reflexão sobre como tem sido a experiência do leitor com o livro digital e seu significado. Essa discussão visa balizar a análise sobre a

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/about/politica%20institucional.pdf>>. Acesso em: ago. 2016.

<sup>28</sup> Disponível em: <[https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/portaria\\_-\\_politica\\_de\\_acesso\\_aberto\\_ao\\_conhecimento\\_na\\_fiocruz.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/portaria_-_politica_de_acesso_aberto_ao_conhecimento_na_fiocruz.pdf)>. Acesso em: ago. 2016.

edição pelas editoras universitárias, já que não existe publicação sem o leitor.

Desde o final dos anos 1990, verificam-se mudanças no mercado editorial relacionadas ao crescente processo de digitalizações. John Thompson identifica sinais mesmo antes de as editoras e os empresários começarem a investir mais substancialmente nessa tecnologia:

[...] ocorria uma revolução tecnológica que, inicialmente, começou a se fazer sentir na indústria de livros em meados da década de 1980 e que, a partir dos anos 1990, tornou-se uma fonte crescente de especulação e preocupação. Na época, a revolução digital já havia convulsionado a indústria da música e parecia determinada a causar ruptura semelhante em outros setores de indústrias criativas. O rápido crescimento da internet a partir de meados dos anos 1990 serviu apenas para exacerbar as especulações. No final da década muitas editoras despejavam milhões de dólares em projetos de publicação eletrônica de vários tipos, e investidores de capital de risco abriam novas companhias voltadas para a digitalização do conteúdo de livros, disponibilizando-os em diversos formatos. (THOMPSON, 2013, p. 241)

Entre os diversos conteúdos disponíveis na internet, encontram-se inúmeros livros escaneados para *download*, com frequência por trabalho de pirataria, mas também por produção profissional. Nesse sentido, como Robert Darnton destaca em sua obra *A questão dos livros*, uma iniciativa merece destaque por seu porte e sua importância: a digitalização em massa do acervo das principais bibliotecas de pesquisa realizada pelo Google – o Google Book Search, que se tornou o Google Books.

De início, isso ocorreu apenas com títulos em domínio público, mas posteriormente incluiu obras protegidas por *copyright*. Esse enorme acervo virtual constituiria a maior biblioteca do mundo, acessível mediante assinaturas institucionais ou para o consumidor. Se por um lado parece um grande avanço na ampliação do acesso ao conhecimento, por outro, o controle de todo esse material cultural por uma única empresa suscita problemas, como observou Robert Darnton: “Bibliotecas existem para promover um bem público [...]. Empresas existem para gerar lucro para seus acionistas” (DARNTON, 2010, p. 29).

Além desse processo de digitalização de livros impressos já existentes, as editoras, por sua vez, têm investido cada vez mais na produção de e-books. Tal aumento das publicações já pensadas para o meio digital deve-se ao desenvolvimento e à disseminação de dispositivos para leitura, como e-readers, *tablets* e celulares, além dos computadores de mesa e laptops.

### 2.5.1 Disseminação do e-book e o leitor



O incremento do mercado de livros eletrônicos pensados como tais coincide nos Estados Unidos com o lançamento do primeiro Kindle, leitor de tinta eletrônica desenvolvido pela Amazon, em 2007. Antes já havia o Sony Reader, que, apesar de dar início ao crescimento da procura por e-books no final de 2006 e em 2007, não chegou a ter o mesmo significado de seu sucessor. Os números comprovam esse aumento, uma vez que, a partir da disseminação do Kindle, “a mesma editora que havia visto suas vendas crescendo em 50% em 2007 agora via suas vendas saltarem em 400% em 2008” (THOMPSON, 2013, p. 347). Por isso diversos autores<sup>29</sup> apontam o Kindle como um divisor de águas nas vendas, consolidando o livro eletrônico a partir de 2008 naquele país e com influência no resto do mundo.

Nessa esteira vieram o Nook, da Barnes & Nobel, em 2009; o canadense Kobo, cujo nome é um anagrama de *book*, em 2010; o iPad, da Apple, que teve sua primeira versão em 2010, seguido pelo iPad 2, em março de 2011, e mais recentemente pelo chamado tela retina – procurando aprimorar a experiência visual – e pelo iPad mini, de tamanho semelhante ao do Kindle. Alguns outros e-readers menos conhecidos e diversos *tablets* com sistema Android começaram a surgir. Esses últimos, com sua multifuncionalidade à semelhança do iPad, têm conquistado a preferência dos leitores brasileiros, como demonstram pesquisas de mercado (MELO; TAVARES, 2012). Na citada palestra “De olho no mercado: um panorama da indústria de livros no Brasil”, Carlo Carrenho<sup>30</sup> confirma que os *tablets* com sistema Android são os mais vendidos por aqui. A quarta edição da pesquisa *Retratos da Leitura*, do ano-base 2015, entretanto, aponta os celulares como dispositivos mais usados na leitura de livros digitais. Porém não temos como afirmar se as pesquisas que indicam que os *tablets* são os dispositivos mais vendidos consideram seu uso para a leitura de livros.

De acordo com os profissionais do mercado de e-books Melo e Tavares (2012), no Brasil, a entrada das editoras na era digital é perceptível sobretudo a partir de 2011. No entanto, em 2012 a oferta ultrapassou os 16 mil títulos disponíveis em livrarias. Em seis meses foram colocados à venda mais de cinco mil novos e-books, quase 50% do total de livros oferecidos até fevereiro de 2012. Atribui-se a baixa vendagem de 2011 à pequena oferta de títulos, que até então não ultrapassava a marca de sete mil em nenhuma livraria (MELO; TAVARES, 2012).

Apesar do crescimento do número de livros digitais no mercado, não se observa uma diminuição dos títulos publicados em papel. Ao contrário, alguns indícios demonstram que as

---

<sup>29</sup> Ver, por exemplo, Thompson (2013); Baron (2015).

<sup>30</sup> Para mais informações, ver: <https://www.youtube.com/watch?v=SeZStjy7I8I#t=149>. Acesso em: 1 jul. 2015.

vendas de e-books têm sido acompanhadas pelo aumento nas vendas de livros impressos. Mesmo para os chamados nativos digitais,<sup>31</sup> a oferta exclusiva de e-books não é uma realidade. Em matéria da Agência Brasil de 5 de junho de 2013, por ocasião do XV Salão do Livro Infantil e Juvenil, Elizabeth Serra, secretária-geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), destacou que

o livro em papel ocupa mais espaço do que antes com o leitor juvenil, por incrível que pareça. É um período em que a mídia eletrônica se fortaleceu, mas os livros para crianças aumentaram muito mais e os autores se multiplicaram. Todas as nossas escolas públicas hoje têm livros de literatura, por compras de governo ou de projetos. Os professores se preocupam muito mais com a formação leitora das crianças (PLATONOW, 2013).

### 2.5.2 Pesquisas de comportamento

Trazemos, neste tópico, dados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, promovida pelo Instituto Pró-Livro e aplicada pelo Ibope Inteligência, referentes à 3ª e à recém-divulgada 4ª edições, realizadas respectivamente nos anos de 2011 e 2015. Trata-se de um levantamento em nível nacional a respeito do comportamento e do perfil do leitor brasileiro, com o objetivo de “traçar um histórico de indicadores, relacionando resultados a investimentos, políticas de governo e ações da sociedade voltadas ao fomento à leitura e o acesso ao livro em nível nacional. Assim, conheceremos o impacto regional e local dessas políticas a fim de trabalharmos na construção de caminhos que nos levem a melhores indicadores” (FAILLA, 2012, p. viii).

Na 3ª edição da pesquisa (2011), quando perguntados a respeito de seu conhecimento sobre e-books e livros digitais, 30% dos entrevistados responderam que já ouviram falar, 25% nunca ouviram falar mas têm interesse em conhecê-los e 45% nunca ouviram falar (FAILLA,

---

<sup>31</sup> A expressão “nativos digitais”, bem como “imigrantes digitais”, foi criada pelo educador Marc Prensky. A primeira se refere aos jovens que nasceram já em contato com as tecnologias digitais, a partir da década de 1980; já a segunda define as pessoas que precisaram passar a esse novo mundo, tendo experiência anterior com os meios de comunicação analógicos. Assim, em entrevista à *Folha de S.Paulo*, Prensky resume: “Nativos digitais são aqueles que cresceram cercados por tecnologias digitais. Para eles, a tecnologia analógica do século XX – como câmeras de vídeo, telefones com fio, informação não conectada (livros, por exemplo), internet discada – é coisa velha. Os nativos digitais cresceram com as tecnologias digitais e usaram isso brincando, por isso não têm medo dela, a veem como um aliado. Já os imigrantes digitais são os que chegaram à tecnologia mais tarde na vida, e por isso precisaram se adaptar. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/international/Leia%20entrevista%20do%20autor%20da%20expressao%20imigrantes%20digitais.pdf>>. Acesso em: maio 2016.

2012, p. 325).

Dos que já tiveram acesso a livros eletrônicos ou digitais, 13% afirmaram ter pagado pelo download, enquanto 87% não pagaram. A maior penetração dos e-books se dá entre leitores dos ensinos médio e superior, com entre 18 e 24 anos, e habitantes da região Sudeste (FAILLA, 2012, p. 326-329).

A edição mais recente da pesquisa, de 2015, foi divulgada em maio de 2016, embora a publicação do livro estivesse prevista para a Bienal do Livro em São Paulo, em agosto do mesmo ano. Os números voltaram a indicar que a maioria dos brasileiros não conhece os livros digitais. O índice de entrevistados que já ouviram falar em e-book aumentou de 30% para 41%, porém o percentual daqueles que não ouviram falar também continua alto: 59%. Desses, apenas 7% dizem querer conhecer a nova tecnologia.

Não se trata de uma pergunta sobre preferência por algum dos suportes, mas simplesmente para verificar quem sabe o que é um e-book. O resultado das duas edições da pesquisa demonstra que os brasileiros não estão familiarizados com o novo suporte e que o conceito de livro, de certa forma, permanece muito associado ao impresso e ao códice. É possível que isso venha a mudar relativamente rápido em virtude do aumento da produção desse tipo de livro pelas editoras, o que também é bastante recente e não está estabilizado.

Em 2015, apenas 26% (539 pessoas) afirmaram já ter lido um e-book e, entre estes, 88% declararam ter baixado gratuitamente, enquanto 15% pagaram pelo livro. Não fica muito claro, entretanto, se os 3% de interseção são as pessoas que fizeram ambas as coisas, como parece. Dos 18% (270 pessoas) que afirmaram ter lido na edição anterior da pesquisa, não dá para saber se há pessoas que baixam tanto gratuitamente quanto mediante pagamento, tendo em vista que os percentuais somados dão 100% (87% x 13%).

Ainda com relação aos downloads gratuitos, a pesquisa de 2011 aferiu que 38% destes eram advindos da pirataria. No entanto, a própria análise oficial admite que esse número pode ser maior, tendo em vista constrangimentos que essa questão pode gerar aos entrevistados.

Essa é a informação a ser considerada neste estudo. O número dos que pagam é bastante baixo, mas já estão disponíveis *downloads* de muitas obras em domínio público. É possível que o número de cópias “piratas” seja maior, pois muitos dos entrevistados podem ter ficado receosos de informar que foi essa a forma de acesso às cópias. É uma pista a ser mais bem investigada, pois revela uma tendência que deve crescer com a multiplicação de *tablets* e de livros digitalizados, disponibilizados na internet e pelo interesse demonstrado pela maioria daqueles que já acessaram ou têm interesse em conhecer. (FAILLA, 2012, p. 33)

A pesquisa de 2015 indica que os leitores de e-books preferem ler em celulares e

smartphones, como já mencionado, e poucos leem nos e-readers de tinta eletrônica, objetos mais específicos e considerados apropriados para essa leitura.<sup>32</sup> Isso, entretanto, não havia aparecido em 2011, quando os leitores afirmaram em sua maioria ler no computador. Os dados de 2011, segundo Failla, demonstram que: “Entre os usuários de internet [45% dos entrevistados], 7% informam que já baixaram ou leram livros pela internet. Já ouviram falar de livros digitais, 18% dos entrevistados, entre eles, 17% informam que já leram algum livro no computador e 1% no celular” (FAILLA, 2012, p. 32). Possivelmente a pergunta mais direta sobre dispositivo de leitura foi incluída em 2015, chegando-se ao seguinte resultado, pela ordem: celular ou smartphone (56%), computador (49%), *tablet* ou iPad (18%), leitores digitais como Kindle, Kobo e Lev (4%).

Por outras fontes já citadas, os *tablets* aparecem como dispositivos preferenciais. Resta saber se estes perderam espaço para os celulares após 2012 ou se eram apenas consideradas as vendas, sem levar em conta o uso para leitura.

No ambiente universitário, os índices de leitura costumam ser mais elevados e a necessidade de livros parece ser uma questão indissociável dos fins da educação, haja vista a relação entre as universidades e os livros desde a Idade Média. No atual contexto dos livros eletrônicos, a produção das editoras universitárias merece ser considerada quanto a esse suporte.

Embora cresçam as possibilidades para o livro universitário, o hábito de estudar em e-books e mesmo a preferência pelo suporte tela ainda não se confirmam. Pelo contrário, nos Estados Unidos uma recente pesquisa do Direct Textbook revelou que “72% dos estudantes disseram preferir livros didáticos impressos, 27% mencionaram preferir e-books e 2% afirmaram não ter preferência”.<sup>33</sup> De qualquer modo, o percentual de 27% não é tão desprezível assim, representando quase um terço dos entrevistados. Os motivos citados para a preferência pelo impresso foram: facilidade de leitura, poder destacar trechos fisicamente, preços mais baixos e não ser necessário acesso a internet. Para os que preferem os e-books, as vantagens apontadas incluem ser mais baratos e mais leves, não precisar devolver e não agredir o meio ambiente. É curioso notar que ambas as preferências apontam a questão do preço, não ficando tão claro, como à primeira vista poderia parecer, que os digitais são mais baratos. Provavelmente se considera também o preço do dispositivo.

---

<sup>32</sup> Sobre este assunto, ver: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,pesquisa-indica-que-maioria-dos-brasileiros-ainda-nao-conhece-o-livro-digital,10000052303>>. Acesso em: jul. 2016

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://ebooknews.com.br/72-dos-universitarios-preferem-livros-impressos-a-ebooks/>>. Acesso em: 22 de set. 2015.

Entendendo que a leitura é um ato particular, e que os leitores têm preferências bastante específicas, as pesquisas são uma referência de aspectos mais gerais. No livro *Words Onscreen*, Naomi Baron lista os principais fatores que desestimulam a leitura digital:

- ler textos mais longos;
- releitura;
- leitura profunda;
- a memória do que foi lido (com frequência facilitada por anotações à mão);
- encontro individual (mais do que principalmente social) com os livros;
- possibilidades de encontrar coisas ao acaso;
- envolvimento emocional intenso. (BARON, 2015, tradução nossa)<sup>34</sup>

Com base em diversas pesquisas, a autora confirma a preferência dos estudantes universitários pelo livro impresso para os estudos. Como Jézio Gutierre nos contou em entrevista para esta dissertação, citando Baron, muitos estudantes chegam a mencionar queda no rendimento e na aprendizagem na leitura digital. O principal motivo seria a dispersão, principalmente quando o dispositivo de leitura é um iPad, *tablet* ou outro com múltiplas funções, o que certamente é algo por que todos já passamos em nossa experiência pessoal até mesmo nos computadores. Diversas tarefas concorrem com a leitura, os estudos ou a escrita nesses aparelhos. Se, por um lado, há facilidade para a pesquisa, por outro as portas para a distração são infinitas.

Em meu estudo de 2013, entre os estudantes americanos, 74% relataram que apenas “raramente” ou “nunca” executam multitarefas ao ler no impresso, comparado com apenas 15% que apenas raramente ou nunca os fazem quando leem na tela. Do mesmo grupo, 92% disseram que se concentram melhor na leitura no papel. (A maioria dos participantes japoneses e alemães concordou.) Considerando esses achados, só posso me perguntar por que o sistema educacional conduz os estudantes à leitura digital. (BARON, 2015, tradução nossa)<sup>35</sup>

Esses dados fazem perceber como a prática de estudo e a mentalidade ainda estão associadas ao livro em papel e mesmo à escrita manual. Por mais que se redijam trabalhos diretamente na tela de computador e também se leia muito em diversos tipos de tela, em algum momento o impresso, o papel e as anotações aparecem com bastante destaque no processo de ensino-aprendizagem e nos hábitos culturalmente adquiridos e difundidos.

<sup>34</sup> No original em inglês: “- Reading longer texts; - Rereading; - Deep reading; - Memory of what you have read (which is often aided by handwritten annotation); - Individual (rather than primarily social) encounters with books; - stumble-upon possibilities; strong emotional involvement” (BARON, 2015).

<sup>35</sup> No original em inglês: “Among the American students in my 2013 study, 74 percent reported they only ‘occasionally’ or ‘never’ multitask when reading in print, compared with just 15 percent who only occasionally or never multitask when reading onscreen. Of the same group, 92 percent said they concentrate best when reading in hardcopy. (The Japanese and German participants overwhelmingly agreed.) Given these findings, I can only wonder why educational establishment is pushing students toward digital reading” (BARON, 2015).

Com toda a expectativa que se criou em torno dos e-books, não há um simples crescimento progressivo dessa tecnologia em detrimento da outra, até um momento em que a antiga seria completamente substituída. Como demonstra a matéria “Com retorno ao papel, livreiros perdem o medo do apocalipse digital”, publicada na *Folha de S.Paulo*, o cenário é bem mais complexo e precisa de uma análise de diversos fatores. Nos Estados Unidos, país pioneiro na produção de e-books, o que se observa é um aumento inicial e progressivo na venda de livros digitais, que acompanha o crescimento das vendas dos dispositivos de leitura, como acontecia na época das festas de fim de ano, quando o crescimento da venda de e-readers impulsionava a de livros eletrônicos. Porém, apesar de algumas previsões mais apocalípticas que diziam que as vendas de livros digitais superariam as de impressos em 2015, esse número declinou e já se anuncia um novo aumento da venda de livros em papel. No entanto, não seria correto dizer agora que a revolução digital naufragou (ALTER, 2015). Para compreender esse quadro, a referida matéria considera aspectos como queda nas vendas de e-readers em relação aos *tablets* e smartphones, aumento dos preços dos livros eletrônicos, entre outros. Chama a atenção também para a possibilidade de que as pessoas estejam comprando e lendo mais e-books porém não de editoras tradicionais, já que essa queda não leva em conta os autopublicados, por exemplo (ALTER, 2015). Certamente também não considera os e-books gratuitos.

As matérias com pesquisas de mercado citadas se referem aos Estados Unidos, não ao Brasil, porém podem ser consideradas tendências de influência, como vem acontecendo no contexto do capitalismo globalizado, ou simplesmente dados para comparação.

### 3 ANÁLISE DE DADOS

Nosso objeto de estudo, a publicação de e-books por editoras universitárias, é algo relativamente novo e em fase de consolidação, com poucos estudos que tratam dessa temática e de difícil apreensão pelas mudanças ainda em processo. Buscamos compreender como essa implantação vem acontecendo, tendo a referência dos livros impressos e de outros momentos da história do livro para comparar com o presente, trabalhos sobre editoras universitárias, sobre livros digitais em geral, e pensar as possibilidades, com o cuidado de não fazer previsões sem evidências.

Assim, neste capítulo descrevemos a metodologia adotada para a coleta de dados e em seguida passamos à análise. O objetivo da pesquisa empírica, portanto, é complementar a discussão teórica, testar sua validade na prática, retornar à teoria. Porém reconhecemos as limitações com as quais esbarramos em termos de aprofundamento e levantamos novas questões quando não é possível uma reflexão mais conclusiva. Nesse sentido, nossa preocupação acompanha Martino ao afirmar que: “Dados empíricos não podem ser tomados como finalidade, mas tampouco podem ser tomados por meras ilustrações das ideias do autor, cuidadosamente selecionadas e voltadas para a exemplificação de suas ideias e não para a confrontação com a realidade ou com outras teorias” (MARTINO, 2010, p. 158).

Num primeiro momento, realizamos pesquisas em sites de editoras universitárias brasileiras para verificar se publicam livros digitais, quais os formatos escolhidos, se são vendidos ou disponibilizados livremente, entre outros aspectos. A ideia era buscar exemplos de diversas partes do país, entendendo também que existem diferenças em uma mesma região, e posteriormente definir a amostra. Essa investigação inicial serviu como exercício de selecionar, analisar para poder selecionar de novo, mais apropriadamente (BAUER; AARTS, 2002, p. 55), fornecendo uma visão geral sem pretensão representativa. Nessa etapa, foram pesquisados os seguintes sites: Editora UFRJ, Eduff, Edusp, Editora Unesp, Editora da UFPE, Editora Unicamp e Edufba. Entre diversas questões interessantes, chamou a atenção o fato de duas serem parte do portal SciELO Livros, espécie de biblioteca de e-books on-line: a Editora Unesp e a Edufba.

A partir desse ponto, o estudo se direcionou para a edição de livros digitais e o uso da plataforma SciELO por editoras universitárias, por ter o aspecto de interação editoras-biblioteca on-line e por ser uma maneira de encontrar informações mais centralizadas, sistematizadas. Entendemos, no entanto, que não podemos tomar essa parte pelo todo,

portanto essas editoras não representam o conjunto das universitárias e com frequência o que publicam no portal é apenas uma parte de sua produção digital. Por outro lado, para as editoras universitárias – ainda que o número de participantes por ora não seja muito grande –, o portal é o que há de mais coletivo no que tange aos livros digitais.

Passamos então a investigar o portal ([www.books.scielo.org](http://www.books.scielo.org)), que por si só apresenta muitas informações, como número de títulos, de downloads, de autores, de capítulos, quantidade em acesso aberto e à venda – tanto números totais quanto por editora –, páginas específicas das editoras, página de cada livro – com informações como sumário, sinopse, capa, etc. –, entre outros elementos. O site permite ainda diversos filtros, como, por exemplo, isolar os títulos em acesso aberto ou os comerciais de determinada editora, selecionar por ano de publicação, além das buscas por meio de palavras. Na lateral direita, exibe ainda uma coluna de notícias, que informa sobre lançamentos, a entrada de novos títulos, quando alguns passam de uma modalidade à outra, como anda o mercado editorial, etc.

Em paralelo, elaboramos um questionário para obter informações diretamente das editoras universitárias que participam do SciELO (apêndice A). Construído como formulário do Google Drive, o link foi enviado para as nove editoras em fevereiro de 2016. Nesse formulário, as respostas são direcionadas para uma planilha compatível com Excel ou software livre como o Spreadsheet. Não incluímos as coleções por estarem além dos objetivos de pesquisar as publicações de editoras universitárias.

Ainda com o objetivo de compreender a participação no SciELO e a publicação de e-books pelas editoras universitárias, enviamos outro questionário (apêndice C), também via formulário do Google, às editoras que não fazem parte da plataforma. Nesse caso, foram poucas perguntas, para um breve contraponto com as que estão fora do projeto, que constituem a maioria. Assim, esse questionário foi enviado a pouco mais de cem editoras filiadas à Abeu – por meio dos contatos obtidos no site da associação –, incluindo também as não filiadas Edusp e Editora UFMG (A Editora da Unicamp, que chegou a sair com essas duas para formar a LEU, como abordado no final do capítulo 1, estava entre os contatos da Abeu). De 110, obtivemos 18 respostas. Nesse caso, não insistimos, pelo pouco tempo hábil no âmbito do mestrado e por não se tratar do nosso foco ou da principal ferramenta para a pesquisa empírica.

Como não recebemos, de imediato, respostas das participantes, fizemos também contato por telefone e procuramos outros endereços de e-mail. O que funcionou relativamente bem foi mandar e-mails mais direcionados para os diretores da editora, editores executivos e/ou para o setor editorial. Após diversas tentativas, quatro das nove – Edufba, Editora



Fiocruz, Eduem e EDUEPB – responderam o questionário e uma, a EdUFSCar, retornou, porém se disse sem tempo para participar da pesquisa. Chegamos a propor outra forma de aplicar o questionário, para tomar menos tempo, mas não houve interesse da EdUFSCar.

Com relação à Editora Unesp, optamos pelo método da entrevista com o diretor-presidente, Jézio Gutierre. Tal decisão foi tomada pois não tínhamos recebido essa resposta<sup>36</sup> e por ser uma das três editoras que estão no projeto desde o início – as outras duas, Edufba e Fiocruz, já haviam respondido –, além de uma das principais editoras universitárias brasileiras. Aproveitamos então a oportunidade de um debate relacionado ao tema, “Produção do conhecimento e políticas editoriais em universidades”, promovido pelo Centro de Documentação e Memória (Cedem), da Unesp, na Praça da Sé, em que ele estaria na mesa, junto com Marisa Lajolo e Jiro Takahashi. O evento era no mesmo prédio da Editora Unesp, onde funcionou na década de 1920 a editora de Monteiro Lobato.

Para a entrevista, seguimos as perguntas do questionário, constituindo um guia, semiestrurado. Como é de se esperar, essa técnica revelou-se mais aprofundada e rica do que os questionários pela internet, por dar oportunidade de esclarecer alguns temas e entrar em assuntos que não haviam sido previstos, mas que se fazem importantes para contextualizar e melhor compreender as principais questões da pesquisa. A conversa rendeu portanto além das perguntas iniciais, com uma fala mais livre e completa, narrando tanto êxitos quanto dificuldades encontradas pelo diretor de uma das maiores editoras universitárias do país. Além de ser usada ao longo da dissertação, a transcrição completa está no apêndice B, para mais esclarecimentos e possíveis aprofundamentos futuros.

Outro momento profícuo surgiu a partir da aplicação do questionário à Editora Fiocruz. Por meio da última pergunta – Gostaria de acrescentar algo? –, foi indicada pessoa responsável pelas estatísticas no SciELO Livros. A partir desse contato foram gentilmente cedidas algumas planilhas, mais precisas e completas no que diz respeito aos números, incluindo dados do próprio portal, mas também da Kobo Books, do Google Play e da Amazon. Esses dados passaram a ser utilizados como principal fonte dos aspectos quantitativos da pesquisa, mais do que os fornecidos pelas editoras. Vale dizer que, para responder o questionário, algumas pediram informação ao SciELO, como soubemos ao também solicitar.

O questionário e a entrevista demonstraram, desse modo, ser mais úteis na análise

---

<sup>36</sup> Na entrevista em 16/6/2016, o diretor-presidente disse ter respondido o questionário, mas não recebemos sua resposta (ver apêndice B). Não foi possível averiguar se foi algum problema técnico no formulário do Google ou se ele respondeu e teve alguma falha ao enviar.

qualitativa, principalmente após essa obtenção de dados diretamente do SciELO, das impressões dos dirigentes das editoras sobre a participação no programa. Se conhecer um pouco da visão dos diretores e editores sobre a experiência na plataforma não nos leva a nenhuma conclusão definitiva, alguns pequenos achados importam para testar a hipótese levantada – de que o SciELO, em especial por meio do acesso aberto, contribui para a ampliação do público de parte do conhecimento produzido nas universidades e para a disseminação do próprio livro digital pelas editoras universitárias – e para sugerir questões a aprofundar ou desenvolver.

O *corpus* de nossa pesquisa não se fecha nas cinco editoras a que tivemos acesso mais diretamente – quatro que responderam o questionário e uma entrevistada. Nossa tentativa inclui analisar as outras mais brevemente a partir de informações na internet e dos dados quantitativos fornecidos pelo SciELO, compreendendo também que a ausência de resposta pode ter várias motivações.

Quanto às não participantes, não as consideramos parte do *corpus* desta dissertação. No entanto, uma breve análise de suas respostas, sem aprofundamento por ora, ao abordar as diversas razões para não integrarem a plataforma, trazem uma compreensão geral das principais questões que o SciELO enfrenta e que afetam também as editoras participantes.

Assim, partimos do seguinte cenário a ser analisado:

1. Questionários respondidos (apêndice A):

- Edufba
- Editora Fiocruz
- EDUEPB
- Eduem

2. Entrevista presencial (apêndice B):

- Editora Unesp. Além das perguntas do questionário, outras questões foram trabalhadas a partir da interação com o entrevistado.

3. Recusa por falta de tempo:

- EdUFSCar

4. Sem retorno:

- Fap-Unifesp
- Eduel

- Editora Mackenzie

#### 5. Planilhas fornecidas pelo SciELO:

a) Estatísticas do portal SciELO Livros, atualizadas até 5/7/2016, com as seguintes abas:

Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto | ePub e PDF (anexo A).

Total de acessos a página do livro | mês a mês | acesso aberto e comerciais (anexo B).

Média de downloads por livro (anexo C).

b) Estatísticas da Amazon, atualizadas em 26/7/2016

Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto e comerciais (anexo D)

Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto (anexo E)

Total de títulos baixados | mês a mês | acesso comercial (anexo F)

Livros mais baixados | por país | acesso aberto e comerciais (anexo G)

c) Estatísticas da Google Play, atualizadas em 15/7/2016

Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto e comerciais (anexo H)

Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto (anexo I)

Total de títulos baixados | mês a mês | acesso comercial (anexo J)

Livros mais baixados | por país | acesso aberto e comerciais (anexo K)

d) Estatísticas da Kobo Books

Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto, atualizada em 8/1/2016 (ou seja, mais defasada em relação às outras) (anexo L)

Total de títulos comerciais baixados | mês a mês, atualizada em 25/7/2016 (anexo M)

Livros mais baixados | por país, atualizada em 25/7/2016 (anexo N)

Todas essas tabelas estão nos anexos. No entanto, elas são bastante minuciosas, com campos que podem ou não ser visualizados ao clicar para abrir ou fechar tais detalhamentos no Excel. Por exemplo, na aba do total de títulos baixados, pode-se visualizar o total por ano, mas também por mês e por editora ou de cada título. Esse tipo de planilha não cabe numa impressão A4. Assim, deixamos a visualização geral e destacamos alguns exemplos mais específicos, quando necessário.

A partir das planilhas, foram feitos alguns gráficos para facilitar nossa visualização de informações de interesse desta pesquisa, sem pretender esgotar as possibilidades de análise de cada planilha.

### **3.1 SciELO Livros (ou SciELO Books): navegando por entre e-books acadêmicos em espaço circunscrito**

A Scientific Electronic Library Online (SciELO) é uma conhecida biblioteca eletrônica de periódicos brasileiros, criada em 1998, com revistas e artigos científicos de diversas áreas em acesso aberto, que já se estende para outros países. O SciELO Livros, por seu turno, é uma ramificação do projeto voltada para livros eletrônicos de editoras universitárias ou para o público acadêmico, que teve início mais recentemente, em 2012. Navegar no portal (<http://books.scielo.org>) e ler o guia *SciELO Livros – O que é e como participar*<sup>37</sup> começou a nos familiarizar com a biblioteca e suas possibilidades. Muitos dados, com atualização constante, podem ser visualizados de maneira transparente e elucidativa.

O projeto começou como consórcio autofinanciado entre três editoras, a Editora Unesp, a Edufba e a Editora Fiocruz, com cerca de duzentos títulos em acesso aberto (MENDES, 2013, p. 75). Seu desenvolvimento, à semelhança da biblioteca de periódicos, se realizou no âmbito do Programa SciELO da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme), com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e que, no caso do portal de livros, conta também com a Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu) e com o apoio da Fap-Unifesp. Até julho de 2016, no final desta pesquisa, participavam, além das três fundadoras, que continuam na liderança, mais seis – EDUEPB, Eduel, EdUFSCar, Fap-Unifesp, Eduem e Editora Mackenzie –, totalizando nove editoras universitárias. Há também cinco coleções de instituições diversas que fazem parte da plataforma: Centro Edelstein, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, A Saúde no Brasil em 2030, Zoologia (Sociedade Brasileira de Zoologia) e ReBentos. Com relação às coleções, sua participação não será analisada em detalhes aqui, já que tratamos das editoras universitárias. Eventualmente comentaremos alguns dados para

---

<sup>37</sup> Disponível em: <[http://books.scielo.org/wp-content/uploads/2015/06/Guia\\_SciELO\\_Livros.pdf](http://books.scielo.org/wp-content/uploads/2015/06/Guia_SciELO_Livros.pdf)>. Acesso em: set. 2015. A maioria das informações sobre o funcionamento da plataforma neste item foram retiradas do Guia.

comparação com as editoras.

Quanto à organização e à governança, o SciELO Livros possui duas instâncias das quais participam principalmente as editoras envolvidas e os órgãos de apoio. São elas: 1. conselho gestor, responsável pelo planejamento e pela sustentabilidade do projeto, ou seja as atividades de desenvolvimento do modelo de negócio, metodologias e tecnologias de publicação. Tem representantes das três fundadoras; 2. conselho consultivo, instância de caráter científico, que se ocupa da atualização e da aplicação dos critérios de qualidade para a inclusão e permanência das editoras e coleções. É formado por pesquisadores com experiência editorial indicados pelas editoras, que atuam por dois anos renováveis, e por representantes indicados pela Capes, pelo CNPq, pela Abeu e pelo SciELO (SCIELO, 2012, p. 10-11).

Os livros são publicados nos formatos PDF e ePub, para download livre ou para venda, de acordo com a decisão das editoras participantes. Percebe-se que são obras originalmente publicadas em papel que foram convertidas para esses formatos digitais. A publicação no portal inclui esse serviço, porém algumas editoras, como a Edufba, já faziam a conversão mesmo antes de participarem do projeto.

As obras em acesso aberto são regidas pela licença Creative Commons que permite o uso desde que creditado, não comercial e compartilhado sob a mesma licença, definida pelo código CC BY-NC-SA 3.0.

No caso das obras comercializadas, o SciELO tem parceria com as lojas Google Play, Amazon e Kobo Books. Do portal, mais especificamente da página do livro em acesso controlado, é possível acessar o link para cada loja, à escolha do leitor. Segundo o referido guia, existem planos de fazer vendas, quando essa modalidade se consolidar, diretamente por meio do portal: “Quando a coleção do SciELO Livros alcançar um número adequado de livros comercializados, a venda será feita também pelo SciELO Livros com uma opção no portal” (SCIELO, 2012, p. 7). As lojas, por sua vez, disponibilizam também os e-books que estão em acesso aberto nessas mesmas condições, como veremos adiante.

Ser parte do SciELO Livros, no entanto, não impede que as editoras tenham seus canais de oferta dos livros eletrônicos, por meio do próprio site, de repositório institucional ou de outra parceria qualquer.

Podem participar também do projeto editoras acadêmicas não universitárias – não ligadas a nenhuma instituição –, que tenham publicações voltadas para o público acadêmico. Entretanto não havia, até julho de 2016, nenhuma na base de dados. Iniciativas sem relação

direta com as editoras universitárias integrantes<sup>38</sup> são encontradas, como é o caso das coleções citadas acima, algumas delas de instituições públicas, mas que não constituem editoras.

Para publicar cada título no portal, é necessário pagar um valor estipulado. O preço definido em 2013, em vigor em 2016, é mil reais por título, incluindo a conversão para ePub e PDF e os serviços do portal (SCIELO, 2012, p. 16). Embora comparativamente muito mais baixo que os custos de um livro impresso, é necessário, pelo modelo do SciELO, um investimento em cada título que entra na plataforma, o que para editoras universitárias menores ou com menos apoio institucional representa mais um desafio ou mesmo um impeditivo, como veremos na resposta de algumas editoras não participantes, como a Editora da Ufes e a Ediunesc, ao final deste capítulo.

A biblioteca on-line (SciELO, como mencionado, significa Scientific Electronic Library Online) acaba por funcionar também como uma espécie de híbrido de biblioteca e livraria, pois dá acesso gratuito a parte de seu acervo e, ao mesmo tempo, permite a venda de alguns livros, ainda que por ora indiretamente e que os preços não sejam muito altos. Isso não acontece com o portal de periódicos, todo em acesso aberto.

Segundo Abel Packer, um dos coordenadores do programa SciELO, o objetivo da venda, nesse caso, é “ser uma das fontes de recursos financeiros previstos na operação autossustentável do portal” (ALISSON, 2013). O Movimento Acesso Aberto no Brasil, por outro lado, já demonstrou preocupação devido ao fato de, apesar de funcionar com base no acesso livre, o SciELO não ser parte do movimento internacional Open Access, não tendo garantias de que permanecerá assim.<sup>39</sup>

O SciELO Livros é, portanto, um grande banco de dados de e-books: lá encontram-se índices de títulos e autores, havendo desde a quantidade de downloads total e por editora, os formatos disponíveis, se são vendidos ou baixados livremente até citações e referências bibliográficas, entre outros aspectos. Outra característica importante é o fato de que essa base de dados está interligada à de periódicos, uma vez que o projeto “interopera e compartilha objetivos, recursos, metodologia e tecnologias com a Rede SciELO de periódicos científicos, de modo a contribuir com o desenvolvimento da comunicação científica em ambos os meios de publicação” (SCIELO, 2012, p. 3).

Embora esta informação seja dinâmica, podendo se tornar desatualizada com maior ou

---

<sup>38</sup> A exceção é a coleção A Saúde no Brasil em 2030, da Fiocruz em parceria com o Ministério da Saúde a Secretaria de Assuntos Especiais da presidência e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que foi publicada com “apoio editorial” da Editora Fiocruz.

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://www.acessoaberto.org>>. Acesso em: jun. 2016. Em nova verificação, em novembro de 2016, percebemos que o movimento perdeu esse domínio na internet, pelo menos temporariamente.

menor velocidade de um acesso para outro, em agosto de 2016 a biblioteca de livros digitais contava com 752 títulos, de 2.464 autores, sendo 463 livros em acesso aberto (*open access*), além dos 6.254 capítulos que também podem ser lidos gratuitamente. No total, já se aproximava de 60 milhões de downloads (ver tabela 2 e anexo A).

Algo que de início chamou a atenção foi essa grande quantidade de downloads, que percebemos estar associada aos livros em acesso aberto, uma vez que as editoras que apenas vendem os livros, a Mackenzie e a EdUFSCar, não tiveram desempenho parecido. Essa impressão se confirma ao analisar os dados das lojas e do portal com relação a todas as participantes e também na fala do diretor-presidente da Editora Unesp em entrevista para esta dissertação, quando afirma que

o programa SciELO é extremamente bem-sucedido. Agora, onde ele mostra dados impressionantes é em cima de publicações gratuitas. Então aí isso não tem nenhuma dúvida, isso você tem realmente uma demanda, uma procura, que é notável. Agora, que exista o aumento de demanda de mercado pelos livros, isso ainda não está muito claro. (Apêndice B, p. 136)

A primeira vez que sistematizamos as informações do portal SciELO Livros foi em outubro de 2015. Com o passar dos meses, esses dados se desatualizaram, como provavelmente acontece agora, enquanto este texto é escrito, e a cada leitura. No entanto, é interessante um registro de dois momentos para referência e comparação. Assim juntamos, na tabela 2, as mesmas informações relativas a agosto de 2016.

Como evidencia a tabela 2, o número de downloads total no período aumentou de pouco mais de 40 milhões para cerca de 60 milhões, ou seja, um crescimento de quase 20 milhões em menos de um ano. Observa-se nos dois momentos que as editoras com livros em acesso aberto atingem número de leitores – por meio de downloads – praticamente inalcançáveis não só pelos e-books vendidos, mas também por boa parte das edições impressas nas mais diversas livrarias e nos pontos de venda.

Em contrapartida, os livros em acesso controlado, ou comerciais, têm números mais próximos ou menores do que o das vendas de títulos impressos, como acontece com a Editora Mackenzie e a EdUFSCar. Esta última, por exemplo, teve 260 downloads na primeira verificação e 516 na segunda, enquanto a EDUEPB, com títulos apenas em *open access*, chegou a 1.773.459, em outubro de 2015, e 2.429.244, em agosto de 2016. São ordens de grandeza completamente diferentes. Por outro lado, nota-se que a EdUFSCar dobrou seus downloads no período.

Tabela 2 – Informações da página inicial do SciELO Livros e das páginas das editoras e coleções, out. 2015 e ago. 2016

	Títulos disponíveis		Títulos em acesso aberto		Capítulos em acesso aberto		Autores		Downloads	
	10/2015	08/2016	10/2015	08/2016	10/2015	08/2016	10/2015	08/2016	10/2015	08/2016
<b>Editoras</b>										
Editora Fiocruz	178	179	87	127	1.521	1.908	589	782	23.237.575	33.600.915
Edufba	86	143	67	77	859	1.063	476	586	3.730.661	7.495.042
Editora Unesp	195	206	98	104	1.047	1.101	447	622	9.790.645	12.822.200
Eduepb	20	30	20	30	296	433	202	278	1.651.305	2.429.244
Eduel	10	10	2	2	25	25	11	13	25.816	96.171
Edufscar	19	21	0	0	0	0	28	30	260	516
Fap-Unifesp	12	12	4	4	99	99	24	28	239.357	435.454
Eduem	6	16	4	6	63	89	11	48	53.397	150.450
Editora Mackenzie	10	10	0	0	0	0	10	11	23	64
<b>Coleções</b>										
Centro Edelstein	112	114	112	114	não informado	não informado	não informado	não informado	não informado	não informado
Jardim Botânico	2	2	2	2	não informado	não informado	não informado	não informado	não informado	não informado
A Saúde no Brasil em 2030	5	5	5	5	não informado	não informado	não informado	não informado	não informado	não informado
Zoologia (SBZ)	3	3	3	3	não informado	não informado	não informado	não informado	não informado	não informado
ReBentos	–	1	–	1	–	não informado	–	não informado	–	não informado
<b>Total</b>	<b>658</b>	<b>752</b>	<b>404</b>	<b>463</b>	<b>5.417</b>	<b>6.254</b>	<b>2.357</b>	<b>2.981</b>	<b>40.160.727</b>	<b>59.761.778</b>

Fonte: Tabela construída a partir de informações do site *SciELO Books*. Disponível em: <books.scielo.org>. Acesso em: out. 2015 e ago. 2016.

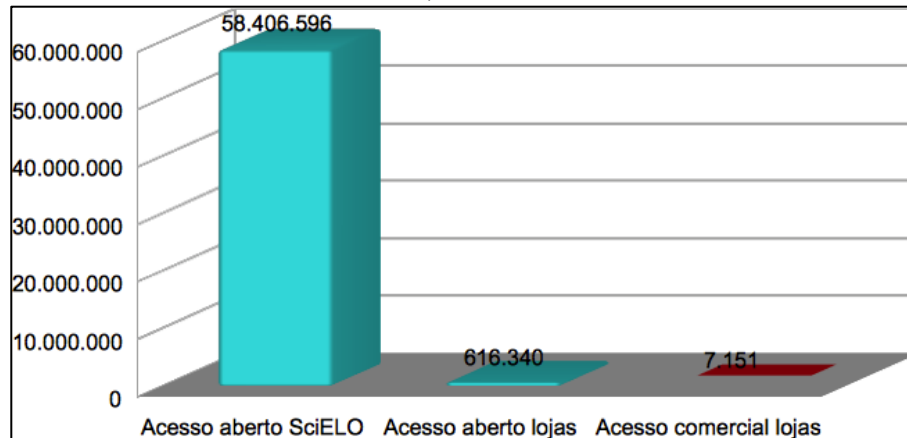
### 3.2 Alguns dados das planilhas do SciELO – panorama geral

Apesar de a tabela 2, acima, ter registrado números obtidos diretamente no portal, centraremos nossa análise nos dados de planilhas internas do SciELO fornecidas a esta pesquisa, como explicado na metodologia, com atualização até julho de 2016. Mais detalhes podem ser visualizados nos anexos A a N, que contêm as referidas tabelas com todos os seus elementos. Aqui, destacamos algumas informações e criamos gráficos para facilitar a visualização.

Começamos pelos downloads, separando-os entre acesso aberto e controlado ou comercial. O gráfico a seguir procura ilustrar o panorama geral de acessos, incluindo todas as editoras universitárias e as coleções que participam do SciELO. No caso do acesso aberto, dividimos também entre os livros baixados por meio do próprio portal SciELO e os acessados por sites das lojas Kobo, Amazon e Google Play, que, como visto, além das vendas, também oferecem os títulos em acesso aberto.



Gráfico 1 – Total de downloads | acesso aberto e comercial



Fonte: Gráfico construído a partir das planilhas do SciELO nos anexos A (acesso aberto SciELO), E, I, L (acesso aberto lojas), F, J e M (acesso comercial lojas).

O número de e-books em acesso aberto baixados pelo portal até julho de 2016 ficou em torno de 58 milhões (anexo A) e as três lojas totalizaram 616.340 downloads livres (anexos E, I e L). Em tal modalidade a que teve mais downloads foi o Google Play (365.118), seguida da Kobo (172.352) e da Amazon (76.870). Quanto ao acesso controlado, 7.151 exemplares foram vendidos no período, 3.593 na Kobo, 1.864 na Amazon e 1.694 no Google Play (anexos F, J e M).

Percebemos primeiramente que a procura por livros em acesso aberto por meio do portal SciELO é muito superior à dos sites das livrarias que fazem parceria com o portal. Ainda assim, os downloads gratuitos nas lojas superam com folga os dos livros em acesso comercial. O SciELO demonstra ser um canal eficiente, portanto, para quem procura obras acadêmicas em acesso aberto, tendo alcance significativamente maior do que os mesmos títulos disponibilizados nessas condições em livrarias on-line, como observamos no gráfico acima. Para quem não conhece os títulos – ou mesmo para quem conhece, mas não sabe onde encontrá-los – a busca de títulos no SciELO pode ser feita mais facilmente, por filtros como editora, palavras-chave do título, autor, por simples navegação em uma plataforma específica de e-books acadêmicos.

Com relação aos livros baixados no portal, o gráfico seguinte ilustra como se dá, por editora (e por coleção), a procura dos livros em acesso aberto. A Editora Mackenzie e a EdUFSCar, cabe lembrar, não aparecem pois não têm livros nessa modalidade. Mais do que fazer um ranking, nosso objetivo aqui é refletir sobre o número de downloads e seu significado para cada editora e cada instituição, com características próprias.

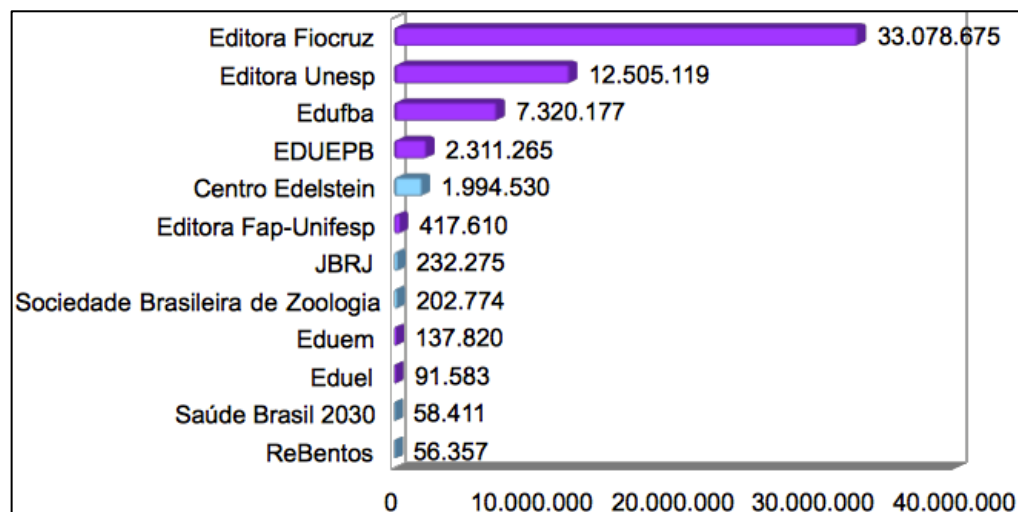
A Editora Fiocruz é a que tem mais downloads, provavelmente por seu catálogo se concentrar na área da saúde, pelo intercruzamento com periódicos e pelo destaque

institucional nos debates tanto da saúde quanto do acesso aberto à informação. Seu título *O recém-nascido de alto risco* atingiu a marca de quase 5 milhões de downloads até julho de 2015. Para fazer uma comparação, em 2015 esse título teve mais de 1,6 milhão de acessos pelo SciELO Livros, o que supera as vendas de todos os e-books pelas 189 editoras que responderam a pesquisa *Produção e vendas do setor editorial brasileiro*, da Fipe/Snel/CBL, que, como visto no capítulo anterior, ficou em cerca de 1,2 milhão no mesmo período. Outra facilidade é a busca na internet, que também leva aos livros do portal.

Os downloads de editoras menores também representam algo significativo se considerados nessa perspectiva, como veremos nas especificidades de cada uma, mais adiante.

Com relação ao acesso controlado, o título mais vendido foi *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*, de Epicuro, publicado pela Editora Unesp, que teve 713 downloads até julho de 2016. Mesmo que o preço não seja elevado, nesse caso custa apenas R\$ 3,60 nas três lojas,<sup>40</sup> o número de downloads não se compara ao dos mais procurados em acesso aberto.

Gráfico 2 – Downloads acesso aberto | SciELO



Fonte: Gráfico construído a partir da planilha do SciELO no anexo A, somando-se o total de downloads de PDFs e ePubs de cada editora e coleção.

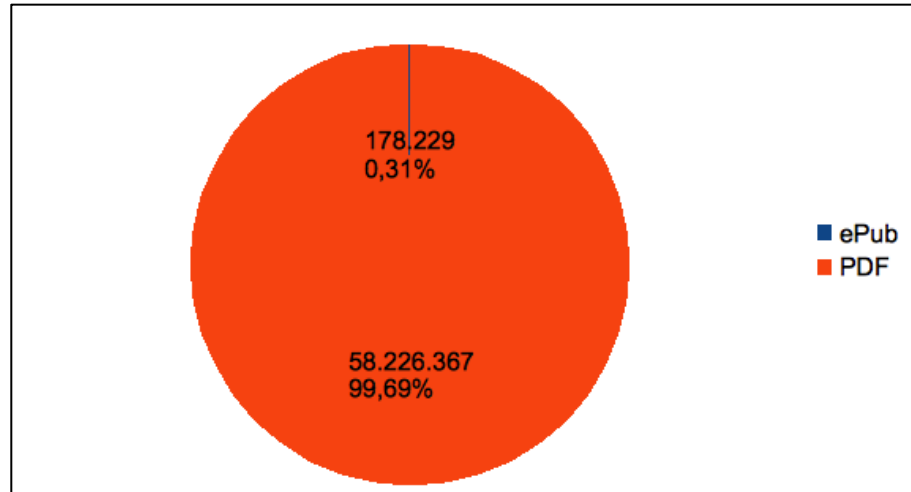
Com raríssimas exceções, os títulos gratuitos (acesso aberto) são publicados em dois formatos: ePub e PDF.<sup>41</sup> Ou seja, fica totalmente a cargo do leitor escolher entre o layout fixo do PDF, idêntico ao do livro impresso, ou o que se adapta ao dispositivo de leitura usado e às preferências pessoais, como é o caso do ePub. O número de downloads, como se pode

<sup>40</sup> Este preço foi verificado em novembro de 2016, a partir dos links para as lojas na página do livro no SciELO, quando no próprio site da Editora Unesp, na mesma data, o livro saía por 10 reais.

<sup>41</sup> Em 31/7/2016, apenas a Edufba tinha um PDF sem equivalente em ePub no SciELO.

visualizar abaixo, concentra-se majoritariamente no formato PDF (mais de 99%), enquanto o ePub tem apenas 0,31% do total.

Gráfico 3 – Downloads acesso aberto SciELO | ePub x PDF



Fonte: Gráfico construído a partir da planilha do SciELO no anexo A.

O ePub é considerado pelos profissionais do mercado editorial a extensão mais adequada aos dispositivos de leitura, como e-readers, *tablets* e celulares, por se ajustar a suas telas e ter ferramentas mais desenvolvidas de busca e anotação, por exemplo. Para abrir o arquivo, no entanto, é necessário baixar um visualizador – nada muito difícil tecnicamente, mas que parece ainda não ser habitual entre os brasileiros. O PDF, formato mais universal, pela difusão de softwares leitores, abre praticamente sem restrição para os usuários de computadores e internet.

Quando acessam livros com as duas opções de formato no SciELO, os leitores tendem majoritariamente a preferir o PDF – os chamados livros digitais, para Grau e Oddone<sup>42</sup> –, que, apesar de ter uso mais simples e direto, não se ajusta tão bem aos dispositivos de leitura como e-readers, *tablets* e celulares, com mais prejuízo no caso das telas pequenas. Essa forte preferência pelo formato PDF sugere que os leitores que baixam por meio do SciELO não estão familiarizados com o livro eletrônico pensado e produzido para leitura nos gadgets em geral. Pode significar também apego ao modo de leitura do livro impresso, mesmo com número de downloads total alto. Ao baixar PDFs, possivelmente se considera menos o

<sup>42</sup> Nesse sentido, retomamos a discussão de Grau e Oddone (2015) sobre a terminologia “livro digital e eletrônico (LDE)”, conforme visto. O SciELO e este estudo englobam ambos e seria mais apropriado utilizarmos essa nomenclatura ao longo de todo o trabalho, no entanto, optamos por apenas diferenciar pontualmente, como aqui, já que a procura maior por PDF destaca que os livros digitais no momento são mais utilizados que os eletrônicos.

formato digital do que seu conteúdo na leitura, importando mais a disponibilidade do texto do que a forma de leitura na tela.

Associando esse dado à tendência de pesquisas internacionais que apontam que universitários preferem estudar em livro impresso, como visto no capítulo 2, pode-se inferir que mais do que a leitura no novo suporte, mais do que uma mudança no modo de ler, pesaria no fundo a questão do acesso à informação em diferentes lugares, sem custo e de imediato.

Sobre esse assunto, artigo de Camila Cabete no *Publish News*, com base na sua experiência profissional e de leitora de livros digitais, numa linguagem bastante simples e direta, esclarece profissionais do livro a respeito dessas diferenças e mesmo do que é mais apropriado em termos de custo/benefício para o editor. Cabete faz uma avaliação voltada para quem atua no mercado que se aplica também – talvez ainda mais adequadamente – às editoras universitárias: “Pior do que ter um PDF sendo comercializado como e-book, é não ter seu livro em formato digital disponível para o seu leitor/consumidor” (CABETE, 2011). Ou seja, é preciso digitalizar profissionalmente, e o próprio processo pode levar ao aprimoramento, com o tempo. No caso das universitárias, o PDF tem se demonstrado uma forma de facilitar a divulgação do conhecimento.

Alguns leitores, no entanto, apenas acessam a página do livro, para conhecê-lo ou entender melhor o assunto abordado, sem baixá-lo. Essas páginas apresentam capa, título, autoria, informações técnicas, sumário e sinopse do livro, além de terem botões de interatividade com as redes sociais. Do lado direito, há links para as lojas ou para fazer download (ver figura 1).

As visualizações à chamada página do livro também nos dão algumas pistas do comportamento dos leitores. A seguir temos dois exemplos de página do livro no SciELO, um se refere a um título em acesso comercial, outro em acesso aberto, respectivamente.

Figura 1 – Exemplos de página do livro no SciELO Books

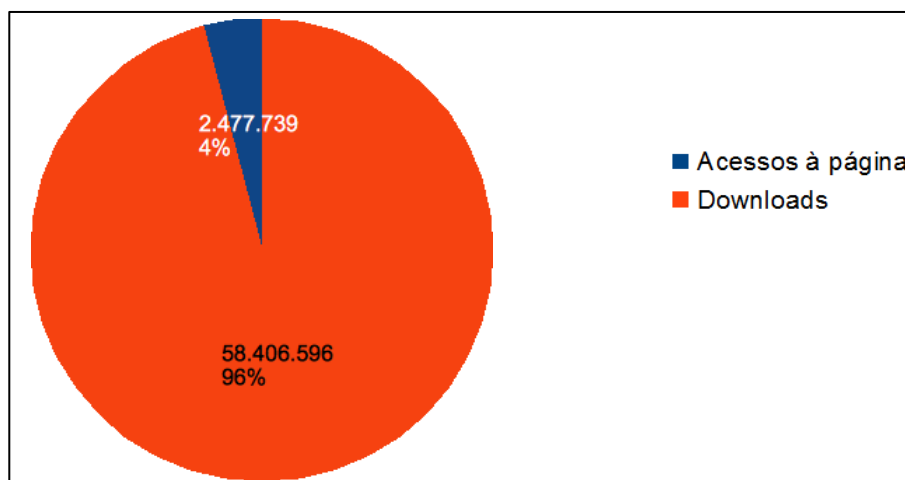
## Acesso comercial

The screenshot shows a Safari browser window displaying the SciELO Books page for the book "Caminhos da saúde pública no Brasil". The page is published by Editora FIOCRUZ. The book details include: Organizer: Finkelman, Jacobo; Publisher: Editora FIOCRUZ; Language: Portuguese; Year: 2002; Pages: 328; ISBN: 8575410172; eISBN: 9788575412848; DOI: http://dx.doi.org/10.7476/9788575412848. The page features a "Download" section with options for "Book in PDF" and "Book in EPUB". Below this is a "Synopsis" section and a "Table of Contents" section with links to preview various parts of the book, such as "Front Matter / Elementos Pré-textuais / Páginas Iniciais", "Prefácio", "Apresentação", "O Brasil e a Organização Pan-Americana da Saúde: uma história em três dimensões", "As condições de saúde no Brasil", "Evolução das políticas e do sistema de saúde", and "Imagens".

## Acesso aberto

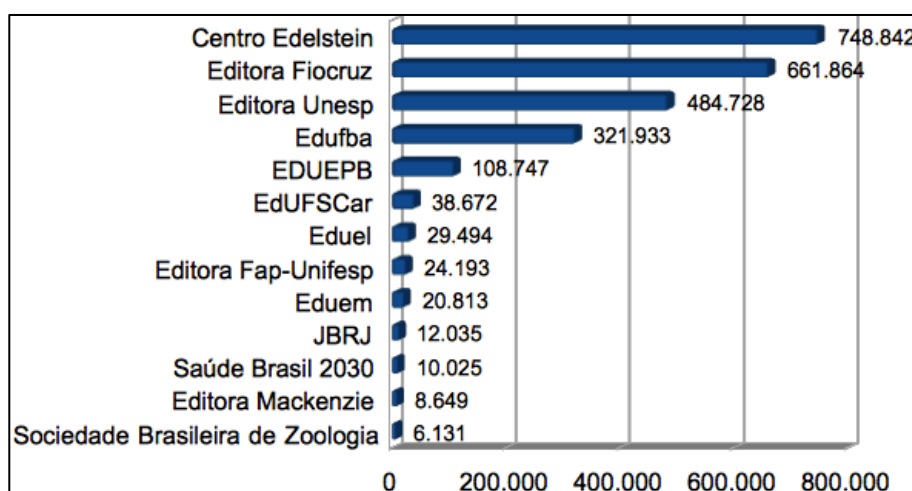
The screenshot shows a Safari browser window displaying the SciELO Books page for the book "Origens e evolução das idéias da física". The page is published by EDUFBA. The book details include: Organizer: Rocha, José Fernando; Publisher: EDUFBA; Language: Portuguese; Year: 2002; Pages: 372; ISBN: 852302544; eISBN: 9788523212124; DOI: http://dx.doi.org/10.7476/9788523212124. The page features a "Buy at:" section with options for Amazon, Kobo Books, and Google Play. Below this is a "Synopsis" section. At the bottom of the page, there is contact information for SciELO - Scientific Electronic Library Online, including the address: Avenida Onze de Junho, 269 - Vila Clementino 04041-050 São Paulo SP - Brasil, and contact details: Tel.: (55 11) 5083-3639 - Email: scielo.books@scielo.org. Logos for FAPESP and CNPq are also visible.

Gráfico 4 – Downloads e acessos à página do livro pelo site SciELO Livros



Fonte: Gráfico feito a partir das planilhas do SciELO nos anexos A (downloads | acesso aberto) e B (acesso à página | acesso aberto e comercial).

Gráfico 5 – Total de acessos à página do livro | Acesso aberto e comercial



Fonte: Gráfico feito a partir da tabela do SciELO no anexo B.

Nos acessos à página do livro, a coleção do Centro Edelstein – sem ligação com as editoras universitárias – supera até mesmo a Editora Fiocruz, que lidera os downloads e vendas. Essa visibilidade é uma forma de interesse inicial, tal como um leitor que analisa um livro impresso numa livraria ou biblioteca física, lendo sua orelha, quarta capa e sumário antes de adquiri-lo.

Nota-se que os downloads propriamente ditos superam esses acessos à página do livro. Talvez pela gratuidade, baixar o livro, mesmo sem tanta convicção, para analisá-lo somente depois, não seja uma questão para os leitores.

Outro fator que conseguimos visualizar nas planilhas do SciELO é a média de downloads por livro (anexo C). Como ocorre com toda média, trata-se de uma situação hipotética, mas que nos permite visualizar a ordem de grandeza muito superior às tiragens médias de títulos impressos. Em linhas gerais, pode-se dizer que um livro em papel de editora universitária tem tiragem em torno de mil exemplares. No caso dos livros em acesso aberto no portal, a média gira em torno de 135 mil downloads. A Editora Fiocruz, por exemplo, tem uma média de mais de 370 mil downloads por título, marca dificilmente alcançada até por alguns *best-sellers* do mercado.

Os livros digitais podem ser baixados em qualquer lugar do planeta e o SciELO também mensura os downloads por país a partir das lojas. Esse acesso em outros países, incluindo acesso aberto e controlado, no entanto, ainda é minoritário, sem grande peso, como se pode verificar nos anexos G, K e N. Entre as lojas, pela Google Play a distribuição atinge mais países – 66, além do Brasil (anexo K) – e com um número um pouco mais expressivo, em torno de 15 mil downloads, em Portugal. Na Amazon, além do Brasil, há apenas Estados Unidos, México e Canadá entre os países listados, sendo os EUA o país que, depois do Brasil (8.920), tem o maior número de acessos (anexo G). A Kobo teve pouca penetração em outros países até julho, sendo seu máximo 15 downloads em Portugal (anexo N).

### **3.3 Discutindo as editoras a partir dos dados das planilhas, dos questionários e da entrevista**

#### **3.3.1 Edufba**

Desde o final dos anos 1950 a Ufba teve publicações por algum setor da universidade, porém a editora foi oficialmente criada, por deliberação do conselho universitário, apenas em 1991; tornou-se realidade em 1993 e passou a funcionar com a estrutura de hoje, diferenciando-se da gráfica, em 1997. A Edufba tem catálogo diversificado e política institucional para livros eletrônicos. No site da editora não se encontram seus e-books, que estão, porém, no Repositório Institucional da Ufba em acesso aberto, conforme mencionado no capítulo 2. Assim, a editora procura disponibilizar gratuitamente obras sobretudo de pesquisadores da própria universidade, mas também de outros autores. Em suas normas de publicação existe um item que prevê que, depois de seis meses de lançada a versão impressa, o livro eletrônico será colocado nessa base de dados da universidade, em acesso aberto para o

público.<sup>43</sup>

A política de criação do RI teve como objetivos ampliar as possibilidades de disseminação do conhecimento produzido na universidade e, conseqüentemente, democratizá-lo. A diretora da editora, Flávia Garcia Rosa, teve papel de destaque nessa implantação. Como explica Rosa, em artigo que aborda essa experiência, intitulado “Adoção do acesso aberto por uma editora universitária: o caso da Editora da Ufba”, escrito em parceria com Suzane Barros e Rodrigo Meirelles e apresentado no XXXV Intercom, em 2011:

Passados vinte anos da criação da Editora da Ufba é possível afirmar que a sua produção é representativa das diversas áreas do conhecimento da Instituição, mas, embora com uma produção média anual nos últimos três anos de 100 novos títulos, sem contar com as reimpressões e reedições, há um descompasso entre a produção científica da Ufba e o que é de fato publicado. Foi pensando na *ampliação de canais para disseminação e democratização da produção científica da Universidade*, que em 2007 se pensou na implantação do Repositório Institucional da Ufba. Este sistema está direcionado para o acesso aberto à produção científica e acadêmica, tendo a Edufba sido definida como comunidade piloto, para disponibilizar a produção da Universidade, publicada através desta Editora. (ROSA; BARROS; MEIRELLES, 2012, p. 5, grifos nossos)

Dessa forma, além de estimular que a produção da Ufba como um todo esteja no RI, garantindo sua preservação e divulgação, a editora foi pioneira nesse sentido, com a inclusão de suas obras pouco tempo depois de lançadas, conforme a citada cláusula contratual.

A participação no SciELO Livros, outro canal de divulgação de seus livros digitais, veio após essa implantação do repositório. Assim, buscamos aprofundar o conhecimento por meio das respostas ao questionário, somadas e confrontadas com pesquisas na internet e dados das planilhas fornecidas pelo portal, considerando também elementos da política institucional.

A Edufba está no projeto SciELO Livros desde o lançamento do portal, em 30 de março de 2012, e o que motivou sua entrada foi a visibilidade e a qualidade do serviço SciELO, segundo aponta.

Com uma média de 90 títulos impressos por ano, a editora publica por volta de cinco títulos em formato ePub em acesso aberto, além dos PDFs dos impressos depositados no RI, como mencionado. A política editorial da Edufba para os digitais inclui então um edital específico para a coleção denominada e-Livro no formato ePub, também para acesso aberto.

Quando respondeu o questionário, em março de 2016, a Edufba tinha 60 e-books à venda (na opção “comercial”) a partir do portal; em julho estava com 66. Em outubro do ano anterior tinha metade disso, 33. Percebe-se um crescimento neste número de títulos à venda.

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/browse?type=type&order=ASC&rpp=20&value=Livro>>. Acesso em: set. 2015.



Em março, informou que havia vendido 13 exemplares na Amazon, 9 no Google Play e 125 na Kobo, totalizando 147. A partir dos dados oficiais do portal (julho de 2016, anexos F, J e M), no entanto, esses números estavam maiores, com um total de 367 e-books vendidos nas três lojas (ou, respectivamente, 133, 67 e 167). O número de exemplares vendidos, todavia, ainda é bem pequeno, sobretudo se comparado ao de downloads dos 76 títulos disponibilizados em acesso aberto (em outubro de 2015 eram 68), que alcançava mais de 7 milhões, segundo esses dados do SciELO (anexo A).

A Edufba não identifica desvantagens em participar da plataforma, como acontece com todas as demais que responderam o questionário, e destaca que até o momento não tem avaliação negativa. Desse modo, as principais vantagens do portal citadas foram: 1. presença nos principais índices e serviços internacionais de localização e distribuição de livros eletrônicos (o que significa visibilidade nacional e internacional); 2. publicação nos formatos ePub e PDF; 3. contrato de indexação, distribuição e venda de livros com os principais sistemas, empresas e serviços internacionais; 4. sistema de acompanhamento do desempenho das editoras e seus livros, segundo estatísticas de acesso, downloads, vendas e, futuramente, citações; 5. operação de um portal SciELO específico de cada editora, que complementa o portal institucional; 6. controle de qualidade e de desempenho orientados para o aperfeiçoamento das editoras, suas políticas e procedimentos editoriais. Os pontos listados se assemelham, ou são praticamente idênticos, ao que o portal diz oferecer em seu guia,<sup>44</sup> o que revela a sintonia da editora com o projeto, já que faz parte do conselho gestor do SciELO.

A partir dessas vantagens, podemos compreender que o SciELO funciona como uma espécie de intermediário para amplificar o alcance dos e-books da editora, e conseqüentemente a publicização e a difusão do conhecimento, seja pela integração com outros canais de distribuição, seja pelo papel de reunir os livros em sua base de dados e ter tecnologia para potencializar a divulgação desse conteúdo, dando um retorno sobre os impactos e o desempenho dos títulos.

Entre os títulos mais vendidos, de acordo com a resposta ao questionário, estão:

*Origens e evolução das ideias na física*, organizado por José Fernando Rocha (2002);

*Independência do Brasil na Bahia*, de Luís Henrique Dias Tavares (2005);

*Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas*, de Luiz Eduardo Dorea (2006);

*A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*, de Roberto Sidnei Macedo (2000);

---

<sup>44</sup> Ver nota 37.

*Políticas públicas e pessoa com deficiência: direitos humanos, família e saúde*, organizado por Isabel Lima, Isabela Pinto e Silvia Pereira (2011).

Figura 2 – Livros mais vendidos nas livrarias parceiras do SciELO Livros | Edufba



Verifica-se, no entanto, certa variação entre os títulos mais procurados de uma loja para outra e nenhum deles atinge número além de cem. *Origens e evolução das ideias da física*, com 84 downloads, foi o mais vendido até julho de 2016. Outros dois que aparecem entre os primeiros nas planilhas, mas não foram citados pela editora, são *Adoção do partido na arquitetura* e *Pele negra, máscaras brancas*.

O livros em acesso aberto listados como os que têm maior número de downloads, já com os números do portal, são:

*Produção do cuidado no Programa Saúde da Família: olhares analísadores em diferentes cenários*, organizado por Marluce Maria Araújo et al. (2010), com 654.942 downloads;

*Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas*, organização de Antonio Dias Nascimento e Tânia Maria Hetkowsky (2009), com 520.654 downloads;

*Cultura negra em tempos pós-modernos*, de Marco Aurélio Luz (2008, 3ª ed.), com 500.802 downloads;

*Manual básico para atendimento ambulatorial em nutrição*, de Nilze Barreto Vilela e Raquel Rocha (2008), com 237.838 downloads.

Figura 3 – Livros em acesso aberto com maior número de downloads no SciELO Livros | Edufba



De acordo com os dados do SciELO até julho de 2016, no entanto, verifica-se uma pequena diferença: o segundo mais baixado é *Avaliação educacional: desatando e reatando nós*, com 590.565 downloads, e *Manual básico para atendimento ambulatorial em nutrição* vem apenas na nona posição, com 237.838.

Ainda conforme resposta ao questionário, os livros completos são mais baixados que os capítulos. Quanto aos dados sobre os capítulos mais procurados, informa que não sabe o número de acessos nem a média de downloads. Esse padrão se repete entre as editoras, com todas afirmando não terem essa informação.

Além do SciELO e do site das lojas que fazem parte do projeto – Kobo, Google Play e Amazon –, os e-books da editora estão no repositório institucional da Ufba, como visto. No entanto, ainda segundo resposta ao questionário, no SciELO os “princípios norteadores são diferentes”, pois “o RI é um portal de conhecimento da universidade onde deve estar toda a sua produção”. Alguns dados sobre o repositório, no site da editora, justificam essa concepção:

Idealizado no âmbito da pesquisa de doutorado da diretora da Edufba, o RI foi lançado em setembro de 2010 e, hoje, registra uma média de 3.005 acessos diários. Inspirado no repositório da Universidade do Minho (Portugal) – primeira universidade a pôr no ar um repositório digital em língua portuguesa –, o RI dispõe as publicações por comunidades temáticas (atualmente, são 36), e adota a estratégia do autoarquivamento. “A atualização fica por conta de cada unidade da Ufba, que pode designar um profissional para fazer o *upload* dos textos, ou mesmo deixar essa tarefa a cargo de cada pesquisador”, explica Rosa, que acumula a função de membro do Grupo Gestor do RI.”<sup>45</sup>

Ao demarcar a diferença, nota-se que o entendimento não é de que tudo que é produzido deva estar no SciELO. Pelo menos até agosto de 2016, a participação na plataforma

<sup>45</sup> Disponível em: <<http://www.edufba.ufba.br/2016/01/em-cinco-anos-edufba-tem-mais-de-meio-milhao-de-downloads-de-livros-digitais/>>. Acesso em: jul. 2016.

não tem o mesmo propósito dos repositórios, e sim se pretende uma ferramenta diferente.

Cabe ainda reflexão sobre qual seria o papel e quais os limites do SciELO, uma biblioteca eletrônica on-line, com tanta visibilidade, conforme indicam os dados, financiada pelas próprias editoras. Não há impedimento para que todo o catálogo esteja no portal, no entanto os custos seriam altos e não é uma prática das participantes tampouco há um incentivo por parte do projeto. Mais uma vez esbarramos na questão de que o SciELO não faz parte do Movimento Acesso Aberto e tem essa liberdade de cobrar, ainda que, segundo consta, para financiar o próprio projeto.

Quando se pede para comparar o desempenho dos e-books pelo SciELO e por outros canais, a resposta vai em outra direção: os livros no formato ePub ainda têm número de downloads baixo em relação ao PDF, pelo desconhecimento da tecnologia para baixá-los. Ao perceber isso, relatam que a Edufba fez um pequeno tutorial, disponível no próprio RI, na tentativa de conquistar leitores para o formato.<sup>46</sup>

De qualquer modo, a informação sobre os PDFs é bastante significativa e confirmada pelos dados fornecidos pelo portal com relação aos downloads em acesso aberto de todas as editoras e coleções, como visto. Nessa resposta ao questionário obtivemos a primeira pista disso. A maioria dos downloads se concentra nos livros em acesso aberto e no formato PDF, conforme tabela abaixo:

Tabela 3 – Total de downloads | Acesso aberto | ePub e PDF

<b>Total de títulos baixados   Acesso Aberto ePUB e PDF</b>		
	<b>ePub</b>	<b>PDF</b>
Editora Fap-Unifesp	1.514	416.096
Editora FIOCRUZ	38.486	33.040.189
Editora UNESP	56.630	12.448.489
EDUEL	342	91.241
EDUEM	1.071	136.749
EDUEPB	35.376	2.275.889
EDUFBA	27.456	7.292.721
Centro Edelstein	13.550	1.980.980
JBRJ	1.526	230.749

<sup>46</sup> O tutorial *Como funciona a coleção eLivro* está no próprio Repositório Institucional da Ufba. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18052/1/colecao-eLivro-como-funciona.pdf>>. Acesso em: jul. 2016.

ReBentos	271	56.086
Saúde Brasil 2030	1.804	56.607
Sociedade Brasileira de Zoologia	203	202.571
<b>Total</b>	<b>178.229</b>	<b>58.228.367</b>

Fonte: SciELO Livros, detalhe da tabela do anexo A. Dados atualizados em 5 jul. 2016.

Com relação ao acesso aberto, a Edufba como uma das pioneiras com a referida experiência do repositório, reflete essa discussão que permeia, mais ou menos abertamente, as editoras universitárias públicas, e, no seu caso, não está apenas na teoria, mas também na prática. Assim, no site da editora é novamente a diretora Flávia Rosa quem explica:

Somos uma instituição pública, que pesquisa com recurso público. Liberar o acesso é uma forma de dar retorno à sociedade. Como editora universitária, é preciso dar acesso aos livros, principalmente às pessoas que têm mais dificuldade de pagar pelo exemplar impresso.<sup>47</sup>

Destaca, dessa forma, a relação entre a produção do conhecimento em instituições públicas e a necessidade de colocá-lo ao alcance do público, o que é facilitado pelo uso das tecnologias digitais associado a uma definição política nesse sentido. Isso contraria os modelos das editoras do mercado, como visto, que se sustentam pela venda de direitos para bibliotecas ou para indivíduos, independentemente da relevância social da informação.

Por outro lado, Rosa acredita que a disponibilização gratuita dos livros on-line não implica queda nas vendas de impressos, pois, “se isso fosse verdade, não teríamos vendido mais de 77 mil livros impressos. O fato de o livro estar on-line contribui para que ele se torne mais conhecido, e, muitas vezes, quem quer ou precisa ter o exemplar físico acaba comprando, mesmo já tendo tido acesso à edição digital”. A observação vai no mesmo sentido de algumas outras experiências como a de algumas pesquisas de comportamento já citadas ou a da Editora da UFPE, que não faz parte do SciELO. Neste último caso, sua diretora Maria José de Matos Luna relata em um vídeo para a TV universitária que,

diante do livro digital, a perspectiva do livro impresso não foi desanimadora. Quanto mais você divulga o livro digital, mais há uma procura pelo impresso. [...] Até o momento a experiência tem sido essa. Tanto é que nós colocamos o livro digital gratuitamente. E a experiência que nos chega é que as pessoas, quando leem o livro,

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://www.edufba.ufba.br/2016/01/em-cinco-anos-edufba-tem-mais-de-meio-milhao-de-downloads-de-livros-digitais/>>. Acesso em jul. 2016.

elas querem ter o livro impresso para continuar com essa produção junto delas, folheando, levando para todos os lugares, enfim tendo o conhecimento proximamente, independentemente das várias mídias em que possam ler o e-book.<sup>48</sup>

Esse depoimento parece revelar como os livros digitais universitários são vistos por boa parte dos leitores brasileiros no momento atual: como um coadjuvante do livro impresso. Confirma, portanto, as pesquisas que afirmam que o papel é o suporte de escolha para os estudos. Mas certamente essa não é uma relação imutável. A convivência sem concorrência, ou a supremacia do impresso, pode vir a mudar e influenciar a produção editorial a cada momento. O alto número de downloads parece estar formando um novo público, que pode até preferir a versão impressa, mas nem sempre tem acesso a esta. Daí também a relevância da discussão sobre as tecnologias e o acesso aberto.

Ainda quanto à relação entre impressos e digitais, tendo uma experiência mais consolidada do que a de outras editoras universitárias brasileiras na publicação de livros digitais, a Edufba afirma ter os impressos como formato preferencial. Porém ressalta que a amplitude alcançada com o RI e o SciELO demonstra que ambos os suportes precisam caminhar juntos. O público dos e-books no SciELO não foi definido claramente, mas pesquisa recente do perfil de acesso ao RI chegou ao percentual de 65% de professores, segundo o questionário. Além disso, o interesse tem crescido desde que a editora iniciou as publicações digitais.

Mesmo reconhecendo a relevância do portal, a participação no SciELO não foi considerada determinante para a editora se voltar para a publicação digital, pois o interesse já existia, inclusive tinham capacitado a equipe de designers para produzir os próprios e-books, independentemente do portal.

### 3.3.2 Editora Fiocruz

Criada em 1993, é bastante recente em relação às primeiras editoras universitárias, Edusp e Editora Universidade de Brasília, que datam da década de 1960, ou Editora da UFPE, de 1955.<sup>49</sup> Entretanto, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que a abriga, é uma instituição de

---

<sup>48</sup> Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=\\_GF2N73rWyk](http://www.youtube.com/watch?v=_GF2N73rWyk)>. Acesso em: 15 jul. 2014.

<sup>49</sup> Ver no capítulo 1 a discussão sobre o pioneirismo das editoras universitárias.

115 anos, que começou com a criação do Instituto Soroterápico Federal e ampliou suas atividades ao longo dos anos, merecendo o atual status de “mais destacada instituição de ciência e tecnologia em saúde na América Latina”.<sup>50</sup> Não se trata de uma universidade, mas entre suas diversas atividades na área da saúde destacam-se ensino e pesquisa, convergindo com as funções de uma universidade.

A editora possui quatro eixos temáticos: saúde pública; ciências biológicas e biomédicas em saúde; ciências clínicas; ciências sociais e humanas em saúde. Tinha 178 títulos no SciELO Books, 88 em acesso aberto e 90 à venda no momento em que respondeu o questionário, em março de 2016. Em 15 de julho do mesmo ano, dos 90 títulos comerciais, 26 passaram para acesso aberto.<sup>51</sup> Havia vendido 3.890 exemplares através das lojas parceiras do portal e tinha um total de mais de 33 milhões de downloads, de acordo com as planilhas de controle do SciELO (anexo A) em julho de 2016, demonstrando que as vendas ainda são pequenas em relação aos livros baixados livremente.

É a campeã em número de downloads pelo SciELO, o que provavelmente tem relação com a área e com o destaque da instituição. O apelo das pesquisas em saúde, a grande quantidade de periódicos on-line da área e a interoperação entre os portais de periódicos e de livros são possivelmente algumas das explicações para os e-books da Fiocruz serem mais procurados.

A editora informou que publica uma média de 40 títulos impressos por ano, sendo 20 lançamentos e 20 reimpressões. Já para os livros digitais não tem uma regularidade definida. Como já dito, faz parte do SciELO desde o início e entrou no projeto com o objetivo de

---

<sup>50</sup> Ver: [www.portal.fiocruz.br](http://www.portal.fiocruz.br).

<sup>51</sup> Títulos antes publicados em acesso comercial que estão disponíveis em acesso aberto: 1. *Aids na terceira década*; 2. *Antropologia, saúde e envelhecimento*; 3. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*; 4. *Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde*; 5. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*; 6. *Difíceis decisões: etnografia de um Centro de Tratamento Intensivo*; 7. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*; 8. *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade*; 9. *Epidemiologia nutricional*; 10. *Filhas do mundo: infração juvenil feminina no Rio de Janeiro*; 11. *Fundamentos da vigilância sanitária*; 12. *Humanização do parto: política pública, comportamento organizacional e ethos profissional*; 13. *Informação, saúde e redes sociais: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré*; 14. *Itinerários da loucura em território Dogon*; 15. *Labirinto de espelhos: formação da autoestima na infância e adolescência*; 16. *Missão prevenir e proteger: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro*; 17. *Obesidade e saúde pública*; 18. *Participação e saúde no Brasil*; 19. *Plantas medicinais: memória da ciência no Brasil*; 20. *Público e privado na política de assistência à saúde no Brasil: atores, processos e trajetórias*; 21. *Reforma sanitária brasileira: contribuição para a compreensão e crítica*; 22. *Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós*; 23. *O som do silêncio da hepatite C*; 24. *Urgências e emergências em saúde: perspectivas de profissionais e usuários*; 25. *Violência e saúde*; 26. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SciELOBooks/posts/624853751003136>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

ampliar o acesso aos livros.

Quando perguntada sobre as vantagens da participação, menciona a média de mais de 300 mil downloads por livro digital comparada à tiragem de mil exemplares da versão impressa. “Soma-se a isso a possibilidade de chegar a leitores em outros países ou em municípios brasileiros onde há carência de livrarias”, acrescenta no questionário. Esse alcance não seria possível somente com as tiragens impressas. Outra vantagem destacada é a possibilidade de aferir métricas acerca do impacto dos livros.

Os títulos mais vendidos, revelados no questionário e com o número de downloads das planilhas das lojas do SciELO,<sup>52</sup> foram:

*O que é o SUS*, de Jairnilson Paim (2009) (Coleção Temas em Saúde), com 378 downloads;

*Saúde mental e atenção psicossocial*, de Paulo Amarante (2007, 4ª ed.), com 333 downloads;

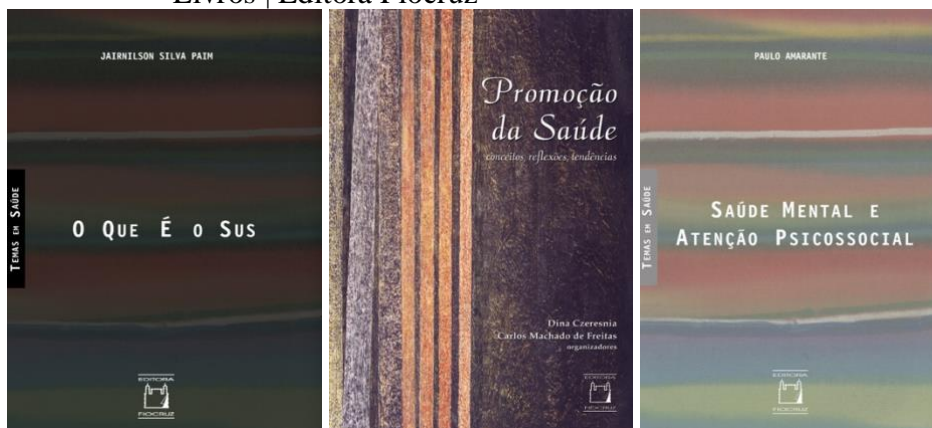
*Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*, organizado por Dina Czeresnia e Carlos Machado de Freitas (2009), com 249 downloads;

*O que é saúde?*, de Naomar de Almeida Filho (2011), com 231 downloads;

*Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*, Paulo Amarante (coordenador) (1998, 2ª ed.), com 231 downloads.

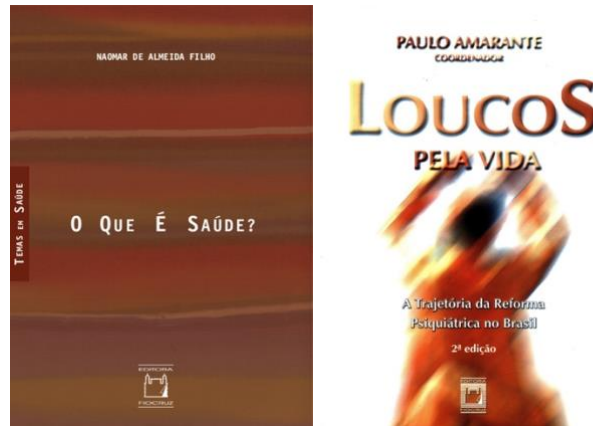
Como se observa, o número de downloads não ultrapassa 400 por título. Assim, confirma-se que as vendas de livros digitais não se comparam ao acesso aberto.

Figura 4 – Livros mais vendidos nas livrarias parceiras do SciELO  
Livros | Editora Fiocruz



<sup>52</sup> Os números de exemplares vendidos, no caso da Editora Fiocruz e também das editoras a seguir, foram obtidos pela soma dos downloads nas três lojas parceiras do SciELO – Kobo, Amazon e Google Play –, no detalhamento das respectivas planilhas.





No caso de *O que é o SUS*, existe outra versão digital no site da Fiocruz:<sup>53</sup> um e-book interativo em acesso aberto, resultado de um projeto multimídia apoiado pela Faperj. Com muitas imagens e alguns áudios, o livro contém também vídeos com o autor e outros estudiosos, além de alguns mais lúdicos, como uma peça sobre a Revolta da Vacina, que complementam o texto. Na página de créditos, uma nota explica as diferenças para o livro originalmente impresso:

Este e-book difere da versão impressa de *O que é o SUS* porque vai além da transposição do papel para o digital: baseados no livro de Jaimilson Silva Paim, os editores de conteúdo deste projeto, com a colaboração de diversas instâncias de informação e comunicação da Fiocruz, se utilizaram de uma variedade de mídias que ora complementam, ora substituem trechos do original. O resultado é de responsabilidade de seus editores, que agradecem a todos os colaboradores e, em especial, ao autor Jaimilson Silva Paim, pela generosidade de abrir e coletivizar sua obra.<sup>54</sup>

Diferentemente, as versões digitais que estão no portal SciELO nos formatos PDF e ePub – respectivamente, fixo e ajustável à tela – não são interativas e se originaram do impresso, com conteúdo exatamente igual ao deste. Em acesso controlado, é vendido via Kobo Books, Google Play e Amazon por 9 reais.<sup>55</sup> Certamente começou a ser comercializado antes do lançamento do e-book interativo, em 2015, e segue entre os mais vendidos. Seria interessante verificar, em outro momento, se essa situação permanece, como andam suas vendas e mesmo se se mantém em tal modalidade de acesso.

<sup>53</sup> O e-book interativo está disponível em: <[www.livrosinterativoseditora.fiocruz.br/sus/8/](http://www.livrosinterativoseditora.fiocruz.br/sus/8/)>. Acesso em: jul. 2016.

<sup>54</sup> Ver nota no próprio e-book interativo.

<sup>55</sup> Preço verificado entre outubro e novembro de 2016.

Entre os cinco títulos mais vendidos, três são da coleção Temas em Saúde, como se pode observar facilmente pelas capas acima. Com seu formato pequeno e semelhante à antiga Primeiros Passos da editora Brasiliense, essa coleção tem boa saída também em papel, com títulos reeditados ou reimpressos, como se pode ver em suas folhas de rosto e na dissertação *A saúde que se lê: uma reflexão a partir da trajetória da Editora Fiocruz*, de João Canossa, atual editor executivo da Editora Fiocruz. O campo da saúde mental também se destacou, com dois títulos, um de autoria e outro coordenado por Paulo Amarante, entre os mais vendidos.

A seguir, estão listados os mais baixados livremente, segundo o questionário e com o número de downloads das planilhas fornecidas pelo SciELO:<sup>56</sup>

*O recém-nascido de alto risco*, organizado por Maria Elisabeth Lopes Moreira, José Maria de Andrade Lopes e Manoel de Carvalho (2004), com 4.882.081 downloads;

*Animais de laboratório: criação e experimentação*, organizado por Antenor Andrade, Sergio Correia Pinto, Rosilene Santos de Oliveira (2006), com 4.137.293 downloads;

*Caminhos da saúde pública no Brasil*, organizado por Jacobo Finkelman (2002), com 3.905.908 downloads;

*Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*, organizado por Vera Portocarrero (1994), com 1.777.078 downloads.

Figura 5 – Livros em acesso aberto com maior número de downloads no SciELO Livros | Editora Fiocruz



É interessante notar que os mais baixados nas lojas, que constituem pequena parte dos downloads em acesso aberto se comparados aos números do SciELO, não necessariamente

<sup>56</sup> Os números de downloads dos livros em acesso aberto daqui em diante são obtidos a partir do próprio portal, no detalhamento da planilha do anexo A. Poderia ser somado ao número de downloads das livrarias, mas, no caso do acesso aberto, a parcela do SciELO é a maior parte do total – mais de 90% (anexos E, I e L). Vejamos o exemplo do livro *O recém-nascido de alto risco*: 4.882.081 do SciELO, 267 do Google Play, 171 da Amazon e 316 da Kobo, totalizando 4.882.835 downloads.

coincidem com os principais do portal. Assim, os primeiros nas lojas são: *Depressão: clínica, crítica e ética*, com 18.305 downloads, e *Filosofia, história e sociologia das ciências*, cuja soma de downloads fica em 14.605 e está também na lista de mais baixados no SciELO Livros, porém com números na casa do milhão.

Mesmo sem o total e a média de downloads dos capítulos, a editora afirma que ambos são igualmente procurados, livro completo e capítulo. O fato de não ter os dados a respeito dos capítulos confirma que as participantes não visualizam essa informação, como aparece nas respostas de outras editoras aos questionários.

Até março de 2016, os livros digitais estavam apenas no SciELO, mas existe um movimento para incluí-los no repositório institucional da Fiocruz, denominado Arca. A princípio seriam os mesmos títulos disponíveis, conforme resposta ao questionário.

A Fiocruz – assim como a Ufba – enquanto instituição de pesquisa tem um debate adiantado sobre a questão do acesso, incluindo a Portaria 329, de 2014, que criou a Política de Acesso Aberto ao Conhecimento,<sup>57</sup> para “garantir à sociedade o acesso gratuito, público e aberto ao conteúdo integral de toda obra intelectual produzida pela Fiocruz”. A instituição se alinha ao Movimento Internacional de Acesso Aberto ao Conhecimento e também a iniciativas nacionais, tendo os seguintes princípios:

A democratização e a universalização do acesso ao conhecimento nas ciências e humanidades é condição fundamental para o desenvolvimento igualitário e sustentável das nações. O seu estabelecimento objetiva garantir à sociedade o acesso gratuito, público e aberto ao conteúdo integral da produção intelectual desenvolvida pela Fiocruz. A Política está alinhada e reforça as iniciativas internacionais e nacionais de apoio ao Acesso Aberto e à Integridade em Pesquisa. (Portaria 329/2014)

A Editora Fiocruz, no entanto, difere da Edufba pelo fato de ter entrado no SciELO antes de ter seus livros no repositório Arca. Embora este tenha sido lançado em 2011, o debate institucional – e sobretudo a prática – não é tão rápido, e o repositório não oferece, por exemplo, as facilidades de conversão dos livros para o formato digital como no portal SciELO Livros.

A política editorial, dessa forma, tem como objetivo que todo o catálogo esteja disponível no RI em formato eletrônico após a publicação impressa ou concomitante a ela, embora isso ainda não ocorra.<sup>58</sup> Esse objetivo está de acordo com o artigo 29 da referida

<sup>57</sup> Para mais informações, consultar: [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/portaria\\_-\\_politica\\_de\\_acesso\\_aberto\\_ao\\_conhecimento\\_na\\_fiocruz.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/portaria_-_politica_de_acesso_aberto_ao_conhecimento_na_fiocruz.pdf)

<sup>58</sup> Em outubro de 2016, o Arca contava com apenas um livro da Editora Fiocruz, *Impactos da violência nas*

portaria: “A política editorial da Fiocruz, adotada pela Editora Fiocruz e pelos Periódicos Científicos e de Divulgação Científica, deverá estar alinhada às diretrizes estabelecidas nesta portaria”. Alguns desses títulos, por outro lado, já estão na plataforma SciELO.

No final de julho de 2016, houve o primeiro lançamento simultâneo de livro impresso, à venda, e digital, disponibilizado em acesso aberto no SciELO, *A erradicação do Aedes aegypti: febre amarela, Fred Soper e a saúde pública nas Américas (1918-1968)*, de Rodrigo Cesar da Silva Magalhães. Essa publicação traz o debate da divulgação do conhecimento relevante para a sociedade com agilidade, comprometimento e abertamente – uma pesquisa que, nesse caso, envolve a possibilidade de salvar vidas. Assim, no site da editora, vem a explicação sobre a política de acesso aberto para o referido título:

A medida se soma aos esforços da Fiocruz e de outras 32 entidades internacionais signatárias da Declaração sobre o compartilhamento de dados em emergências de saúde pública, na qual se comprometem a compartilhar, de forma rápida e aberta, dados e resultados relevantes de pesquisas que possam ajudar na crise com o vírus zika e em outras emergências de saúde pública.<sup>59</sup>

A editora entende que impressos e digitais coexistem sem competição entre si. A contar pelo número de downloads, avalia que os e-books têm tido ótima recepção pelo público. Porém não tem uma pesquisa que ajude a definir quem é esse público.

Com relação à pergunta sobre se a participação no SciELO influenciou no interesse da editora pelos livros digitais, diz que o caminho foi o inverso: o interesse da editora pelo segmento de e-books é que motivou sua participação no SciELO. Por sua vez, é a participação nesse projeto que viabiliza a produção e a difusão dos e-books da Editora Fiocruz.

A partir da questão aberta para acrescentar o que quisesse, sugeriu que entrássemos em contato com representante do SciELO para saber mais sobre as estatísticas e o desempenho do portal, o que acabou se demonstrando muito útil e a melhor opção para nossa pesquisa quantitativa, como já mencionados.

### 3.3.3 Eduem

---

*escolas: um diálogo com professores*, que também está em acesso aberto no SciELO Books. Disponível em: <<http://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/15110>>. Acesso em: 15 out. 2016.

<sup>59</sup> Disponível em: <[https://agencia.fiocruz.br/livro-da-editora-fiocruz-apresenta-historia-do-combate-ao-aedes?utm\\_source=Twitter&utm\\_medium=AFN&utm\\_campaign=campaign&utm\\_term=term&utm\\_content=content](https://agencia.fiocruz.br/livro-da-editora-fiocruz-apresenta-historia-do-combate-ao-aedes?utm_source=Twitter&utm_medium=AFN&utm_campaign=campaign&utm_term=term&utm_content=content)>. Acesso em: jul. 2016.

A Editora da Universidade Estadual de Maringá (Eduem) é bem recente, foi criada em 2006 como órgão suplementar da universidade, vinculado à reitoria.<sup>60</sup> Com uma média de 23 títulos impressos e um digital publicados por ano, a Eduem está na rede SciELO Livros desde 2014. Sua participação é motivada pela maior visibilidade que o SciELO pode trazer às publicações, sendo, além desta, a acessibilidade e a confiabilidade apontadas como principais vantagens. Por ora, não percebe desvantagens na plataforma.

A média de downloads informada foi 4.400 por ano, contabilizada de maneira diferente das demais editoras. Entretanto, na tabela do SciELO (anexo C), a Eduem aparece com uma média de 22.970 downloads por título.

Quando respondeu o questionário, em maio de 2016, tinha dez obras em acesso comercial, porém só vendera cinco unidades. Nos dados oficiais do SciELO, de julho, aparece com dez vendidos, não mudando significativamente essa situação – o número inicial era muito baixo. Entre os que mais se destacaram, apesar dessa baixíssima vendagem, estão *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*, de Thomas Bonnici (2012, 2ª ed.), com 4 downloads, e *Adolescência em foco*, organizado por Zaira F. R. G. Leal, Marilda G. C. Facci, Marilene P. R. de Souza (2014), com 2 downloads. Este último, nas planilhas do SciELO até julho, tinha o mesmo número de downloads que *Políticas de financiamento e gestão da educação básica (1990-2010): os casos de Brasil e Portugal*, que não foi citado na resposta ao questionário.

Figura 6 – Livros mais vendidos nas livrarias parceiras do SciELO Livros | Eduem



<sup>60</sup> Disponível em: <<http://www.eduem.uem.br/novapagina/>>. Acesso em: jul. 2016.

De seus seis livros disponibilizados gratuitamente, informou que os mais baixados são: *Histórias do Paraná: séculos XIX e XX*, de Angelo Priori et al. (2012), *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas*, organizado por Ismara Tasso e Pedro Navarro (2012), e *Políticas públicas para a educação infantil no Brasil (1990-2001)*, de Jani Alves da Silva Moreira e Angela Mara de Barros Lara (2012).

Figura 7 – Livros em acesso aberto com maior número de downloads no SciELO Livros | Editora Focruz



No entanto, nas planilhas do SciELO de 5/7/2016, há diferenças: além de *História do Paraná* (46.051) e *Políticas públicas* (20.874), *Peixes do baixo rio Iguaçu* vinha entre eles, na segunda posição, com 29.195 downloads. *Produção de identidades* (18.665) ocupava a quarta posição.

A editora informou que os livros são mais procurados do que os capítulos isolados. Como as demais, entretanto, a Eduem não tem acesso a dados sobre os capítulos pelos relatórios do SciELO.

O site da própria editora, na opção “Download de livros (Open Book)”, também apresenta alguns títulos em acesso aberto, no formato PDF, bastando que o leitor se cadastre com seu e-mail. Existem atualmente treze títulos ofertados nessas condições.<sup>61</sup> Apenas *Peixes no baixo rio Iguaçu* está tanto no site da editora (PDF) quanto no portal SciELO (PDF e ePub). Os demais não coincidem. Na resposta ao questionário, no entanto, foi dito que os títulos em acesso livre são os mesmos no SciELO e no site da editora.

<sup>61</sup> Ver: <http://www.eduem.uem.br/novapagina/livros/listadelivros.php>. A lista dos livros no site da Eduem até outubro de 2016 era: 1. *O artista do povo: Mazzaropi e Jeca Tatu no cinema do Brasil*; 2. *Os Annales e a historiografia francesa: tradições críticas de Marc Bloch a Michel Foucault*; 3. *O Brasil imperial (1808-1889): panorama da história do Brasil no século XIX*; 4. *Gudin Bulhões Furtado: matrizes do pensamento econômico brasileiro*; 5. *Introdução aos estudos sobre alimentação natural em peixes*; 6. *Juventude de papel: representação juvenil na imprensa contemporânea*; 7. *O nascimento da ciência moderna e a América. O papel das comunidades científicas, dos profissionais e dos técnicos nos estudos do território*; 8. *Práticas com crianças, adolescentes e jovens: pensamentos decantados*; 9. *Peixes do baixo rio Iguaçu*; 10. *Catálogos dos Processos Cívicos da Comarca de Campo Mourão*; 11. *Dança: dilemas e desafios na contemporaneidade*; 12. *Práticas educativas em questão*; 13. *Temporalidades em imagens de imprensa*.

Os livros à venda estão apenas no SciELO em razão das dificuldades relacionadas à segurança digital para comercialização na internet. Isso demonstra que o SciELO, para algumas editoras, pode ajudar tecnicamente na inserção de seus livros digitais também no mercado. Nesse caso, mais do que pela questão da sustentabilidade, parece ser pelo interesse da editora em vender e-books mas não conseguir fazê-lo sem uma parceria que lhe dê suporte técnico para lidar com as “dificuldades relacionadas à segurança digital para comercialização na internet”.

Comparando o desempenho entre o site da editora e o SciELO, a Eduem percebe que os livros em acesso aberto têm maior visibilidade no SciELO. O portal tem mais destaque do que muitas editoras no que concerne aos livros digitais, sobretudo do que as regionais e/ou menos conhecidas nacionalmente, como é o caso da Eduem.

A política para livros digitais está definida apenas para a modalidade acesso aberto e os critérios para publicação são: 1. receber financiamento de órgãos de fomento; 2. não ter interesse em fazer segunda edição ou reimpressão. Conclui-se, dessa forma, que os lançamentos não financiados e os reeditados mais procurados – ou simplesmente que se mantêm no catálogo de livros impressos – podem ou não vir a ser publicados como e-book e que, caso o sejam, provavelmente entram na modalidade acesso comercial.

De qualquer modo, os impressos têm participação muito mais abrangente, ocupando 95% do espaço das publicações, segundo a editora. Essa informação diz respeito às decisões editoriais.

O público, como informado no questionário, são professores universitários, alunos de graduação e de pós-graduação, pesquisadores, técnicos científicos. Considera que, como a maioria dos livros está disponível para acesso aberto na plataforma,<sup>62</sup> ampliou-se significativamente o público-alvo em virtude da visibilidade e da confiabilidade da marca SciELO. Essa resposta confirma um dos objetivos do próprio portal – “fortalecer e ampliar a visibilidade e disponibilidade das suas coleções de livros” (SCIELO, 2012, p. 4) – e a ideia de que funciona como espécie de vitrine sobretudo para editoras menores.

Por fim, a Eduem entende ter sido fundamental a parceria com o SciELO para incrementar o interesse pelos e-books, pois o portal atrai seu público-alvo específico, ou seja, professores, alunos da graduação e da pós-graduação, pesquisadores e estudiosos da área. A função do SciELO para a editora, portanto, parece estar relacionada à divulgação de sua

---

<sup>62</sup> Cabe lembrar que o questionário foi respondido em maio de 2016. Em agosto do mesmo ano, os livros em acesso aberto não eram mais maioria (6 dos 16), conforme tabela 2, neste capítulo, situação que permanece até o final de outubro de 2016.

produção de maneira mais eficiente, além de colaborar em outros aspectos técnicos.

Embora, no cômputo geral, seja das editoras com menos downloads – 150.707, somados portal e lojas (150.697) e vendas (10) –, isso não significa que seu desempenho não corresponda às expectativas da editora ou não amplie seu público.

### 3.3.4 EDUEPB

Entre as participantes do projeto e suas particularidades, a EDUEPB chama a atenção por ser uma editora de Campina Grande (PB), estadual, pouco conhecida nacionalmente, e, no entanto, já ter ultrapassado a marca de 2 milhões de downloads, conforme as planilhas do SciELO, com livros disponibilizados unicamente em acesso aberto até julho de 2016. O site da editora,<sup>63</sup> muito simples e com pouca informação até a redação deste texto, não exibia sequer seu catálogo e os pontos de venda. Assim o SciELO é uma forma de chegar a alguns de seus livros pela internet.

A editora informou que publica uma média de 50 títulos impressos por ano e essa mesma quantidade de digitais. Porém, até agosto de 2016, havia 30 e-books na plataforma, da qual participa desde 2013 (ver tabela 2). Entre as editoras universitárias que fazem parte do SciELO, é a única que não tem livros à venda, como acontece com as coleções não ligadas às editoras, que só apresentam livros em acesso aberto. Não fica muito claro, no entanto, onde estão os demais títulos digitais, pois, conforme afirma no questionário, não faz venda nem disponibiliza e-books em outro canal, porém a média de publicados excede os que estão no SciELO. Em pesquisa na internet, encontramos outros e-books da editora no site da universidade <http://www.uepb.edu.br/ebooks/>. Se ainda não é um repositório, é pelo menos uma base de dados com alguns e-books da EDUEPB, como, por exemplo, *Antropologia da comunicação de massa*, organizado por Isabel Travancas e Silvia Garcia Nogueira (2016).

Motivada pela importância e pelo alcance da rede SciELO, menciona como suas principais vantagens: a capacidade de alcance e socialização do conhecimento; custo-benefício compensatório; qualidade dos serviços; credibilidade da rede; distribuição e circulação em acesso aberto; e impacto sobre a comunidade acadêmico-científica.

Seus títulos mais baixados livremente são os seguintes, segundo resposta ao

---

<sup>63</sup> Ver: <http://eduepb.uepb.edu.br>.



questionário acrescida dos números do SciELO:

*Tecnologias digitais na educação*, organizado por Robson Pequeno de Souza, Filomena da M. C. da S. C. Moita e Ana Beatriz Gomes Carvalho (2011), com 769.395 downloads;

*Teoria quântica: estudos históricos e implicações culturais*, organizado por Olival Freire Junior, Osvaldo Pessoa Junior e Joan Lisa Bromberg (2011), com 267.670 downloads;

*Uma nova ciência para um novo senso comum*, de Marcelo Gomes Germano (2011), com 250.491 downloads;

*Residências terapêuticas: pesquisa e prática nos processos de desinstitucionalização*, organizado por Maria de Fátima Araújo Silveira e Hudson Pires de O. Santos Júnior (2011), com 216.686 downloads;

*Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares*, organizado por Charliton José dos Santos Machado, Idalina Maria Freitas Lima Santiago e Maria Lúcia da Silva Nunes (2010), com 144.716 downloads.

Figura 8 – Livros em acesso aberto com maior número de downloads no SciELO Livros | EDUEPB



Sem ter, como as demais, informações precisas sobre o capítulo mais baixado ou a média de downloads de capítulos ou parte de livros, tem a percepção de que tanto livros inteiros quanto capítulos são baixados de maneira semelhante – entendimento igual ao da Editora Fiocruz. A média dos livros completos está em torno de 70 mil downloads, segundo a editora, confirmada no anexo C (77.042). Esse número é maior que a média da Editora Unesp e possivelmente tem a ver com o fato de só disponibilizar livros gratuitos e não ter outro canal de divulgação.

Sua política editorial para e-books, portanto, é prioritariamente acesso aberto. Quanto à relação entre impressos e digitais, afirma que as publicações digitais tornam-se, crescentemente, carro-chefe.

Para a editora, o público-alvo é a comunidade acadêmico-científica e outros interessados. Além disso, considerando as estatísticas, julga que o interesse pelos livros digitais está em crescimento. A participação no SciELO ampliou e legitimou a importância do e-book inclusive junto a autores e organizadores que antes podiam ter resistência, como informado.

Por fim, acrescenta, nesse sentido, que o “SciELO Livros constitui parceira de fundamental importância para as editoras públicas, tornando estratégico à rede e às associações na área fomentar e viabilizar sua expansão, seu alcance, seu impacto sobre o processo de socialização e popularização do conhecimento”. Por essa visão, valoriza-se a relação entre a universidade, em especial pública, e seu compromisso com a divulgação e democratização do saber nela produzido, por meio de parcerias não só com o SciELO, como também com associações científicas.

A EDUEPB é a integrante do SciELO que tem mais definição com relação ao acesso aberto. Com esse perfil, e possivelmente por esse motivo, seu desempenho em termos de downloads tem sido bastante bem-sucedido, sendo a quarta com mais livros baixados, apesar de bem menos conhecida do que a Editora Unesp, a Editora Fiocruz ou a Edufba.

### 3.3.5 Editora Unesp

Fundada em 1987, transformou-se em uma fundação – a Fundação Editora Unesp (FEU) – em 1996. Uma das maiores editoras universitárias brasileiras, se não a maior, publica entre 220 e 230 títulos impressos e em torno de 100 digitais por ano, de acordo com a

entrevista com o atual diretor-presidente, Jézio Gutierre, para esta dissertação (apêndice B). É também uma das mais renomadas, com catálogo e qualidade gráfica que competem inclusive com editoras comerciais, sobretudo acadêmicas.

Antes de assumir esse cargo, Gutierre foi editor executivo, e José Castilho Marques Neto esteve à frente da editora de 1988 a 2015 – nos primeiros seis anos também como editor executivo e nos demais como diretor-presidente. Em sua saída, Marques Neto escreveu uma carta de balanço em que apresenta alguns elementos que contribuíram para que a Editora Unesp se tornasse uma das principais editoras universitárias, com projeção no mercado, explorando o chamado “nicho” acadêmico.

Hoje, entrego a FEU [Fundação Editora Unesp] com cerca de 1.700 títulos em seus dois selos (Editora Unesp e Cultura Acadêmica), 400 em formato eletrônico, milhões de livros baixados gratuitamente que beneficiaram um número incalculável de estudantes e profissionais (apenas no *SciELO Books*, foram mais de nove milhões e cem mil downloads), três livrarias em pleno funcionamento (Sé, Virtual e Móvel), uma escola de formação e reciclagem de profissionais do livro com 16 anos de existência (Universidade do Livro) que atende em média 1.200 pessoas/ano e iniciou com êxito o ensino a distância, além de uma estrutura administrativa eficiente, baseada em uma fundação autônoma, ágil, com todas as suas contas aprovadas pelos órgãos de controle (TCE-SP, Curadoria de Fundações do Ministério Público e Unesp), com média exemplar de 35% dos gastos de seu orçamento com pessoal e que colabora em média com 70% dos recursos próprios para o programa editorial da Unesp.<sup>64</sup>

Embora tenhamos muitos elementos para trabalhar a partir dessa declaração, ficaremos apenas com os relativos ao SciELO Books. De todo modo, os demais servem para ilustrar a importância dessa participante e como o portal pode ser útil para diferentes tipos de editoras universitárias, das mais estabelecidas, como a Unesp, às menores. Tendo em seu catálogo títulos majoritariamente do campo das ciências humanas e sociais, a editora é bastante procurada não apenas em seu site, como também nessa plataforma, a ponto de seu ex-diretor citar seus “mais de nove milhões e cem mil downloads” – que já ultrapassavam os 12 milhões até julho de 2016 (anexo A).

É parte do projeto SciELO desde seu início, em 2012, como fundadora, e os principais motivos para sua entrada incluem o interesse na qualificação docente e dos programas de pós-graduação, e fazer com que a produção acadêmica chegue a um público mais amplo, o que, para Gutierre, é o objetivo de toda editora universitária. Nesse sentido, a principal vantagem elencada é ampliar o público atingido por “publicações que de outra forma ficariam muito circunscritas”.

---

<sup>64</sup> Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2015/06/01/82141-castilho-o-incansavel>>. Acesso em: set. 2015.

Com nomes do peso de Adorno, Habermas, Chartier, entre tantos outros em seu catálogo, os e-books caminham em outra direção: a de divulgar a produção dos pesquisadores da própria universidade ou de instituições coirmãs. Assim, a produção de livros digitais se destaca pela iniciativa do Programa PROPG Digital. Trata-se de uma parceria entre a Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG) da Unesp e a editora, com obras de pesquisadores dos diversos *campi* da universidade publicadas em meio digital e disponibilizadas gratuitamente. Na entrevista, entretanto, Gutierre esclarece que o programa começou com publicações impressas, com tiragens de 500 a 1.500 exemplares. Sua mudança para digital, com livros em acesso aberto, significou um aumento muito grande na procura, unindo as facilidades de obtenção virtual – em qualquer lugar do planeta com acesso a internet – ao acesso livre, sem custo. Como ele relata,

um desses programas que fazem parte do SciELO é o Programa PROPG, que a gente chama... Programa PROPG/FEU, que é um programa que já tem muito tempo. Ele foi inaugurado em 1994, e até 2010, 2009 ele só era feito em versão papel, versão física. Nós, em média, tínhamos tiragens que variavam de 500 a 1.500 exemplares, algumas vezes reimpressas [...] Tiragem padrão. E aí a gente tem hoje uma média de downloads que chega a 40, 45 mil. (Apêndice B, p. 131)

No momento da entrevista, em 16/6/2016, a editora tinha quatrocentos títulos digitais. Destes, duzentos estavam no SciELO, 98 em acesso aberto e 102 à venda. Essa média de 40 a 45 mil downloads citada provavelmente diz respeito aos livros baixados por meio dos sites dos dois selos da editora: <http://editoraunesp.com.br/catalogo/ebooks> e <http://www.culturaacademica.com.br/catalogo.html>. Pelo portal SciELO Livros, até junho de 2016, a média, ainda maior, estava em 127.603 downloads (anexo C).

As publicações – tanto impressas quanto digitais – se dividem portanto em dois selos, Editora Unesp e Cultura Acadêmica. Este último é chamado de segundo selo, diferenciando-se do principal por ser mais autônomo em relação à política editorial, pois as aprovações não passam pelo conselho interno e os livros são “financiados com recursos externos à editora”. Jézio Gutierre nos esclarece o que isso significa em termos de funcionamento:

Nós temos dois selos: o selo Cultura Acadêmica e o selo Editora Unesp *stricto sensu*. Nós temos livros digitais nesses dois selos. Agora o Cultura Acadêmica é um selo que não passa pelo nosso conselho interno. Aí é uma coisa muito peculiar da Editora Unesp, que o paralelo com outras editoras é mais difícil. Nesse caso, o que a gente tem é um selo voltado para aquelas publicações acadêmicas que têm sua chancela garantida por algum conselho editorial formado externamente à editora. (Apêndice B, p. 132-133)

Ele discorre, ainda mais especificamente, sobre o que acontece na prática, questão que

enfrentam as editoras universitárias, e como se deu essa solução para a Editora Unesp:

É porque aí não tem muito jeito de que nós tenhamos recursos suficientes para fazer uma coisa imensa que é a produção daqueles livros que... decorrentes de teses, decorrentes de pesquisas, decorrentes de dissertações que são jogadas no mercado todo dia, quase. Em primeiro lugar por causa disso. Em segundo lugar, muitas vezes você até teria exemplares com capacidade editorial, comercial e tudo o mais para que fossem publicados no selo principal, mas só que às vezes você não tem tempo. As vezes, por uma questão de financiamento, por uma questão de... sei lá, você precisa publicar aquilo – quantas vezes você tem aqueles financiamentos de CNPq, Capes ou, aqui em São Paulo, Fapesp e que você precisa publicar o livro até... dentro de três meses? Tendo dinheiro. Tendo recurso para isso daí e não tendo veículo editorial suficiente. O selo Cultura Acadêmica, da maneira como a gente idealizou, resolve esse problema. Justamente por isso... (Apêndice B, p. 133-134)

No SciELO, boa parte dos livros em acesso aberto é do selo Cultura Acadêmica, porém não todos. Dos livros à venda pela parceria com o portal, há somente títulos do selo Editora Unesp e, ao comparar os títulos do site da editora com os do portal, percebe-se que não coincidem.<sup>65</sup> Os livros comercializados por meio da plataforma datam dos anos de 1998 a 2010, incluindo também um de 1989. Como o preço para publicação inclui a conversão em ePub e PDF, a editora parece ter aproveitado para transformar alguns de seus títulos impressos em digitais e ampliar seu catálogo no formato e seus canais de divulgação, sobretudo de vendas. Isso não acontece com os livros em acesso aberto, pois os que estão no portal são também encontrados nos sites de um ou outro selo da editora.

A Editora Unesp tem também outros canais para seus livros digitais, além do SciELO Livros e do próprio site. Na entrevista, Gutierre menciona o repositório institucional, o site da Saraiva e a própria Amazon. O RI da Unesp é bastante amplo,<sup>66</sup> com diversos tipos de materiais, incluindo livros, e a editora tem cerca de 400 títulos de ambos os selos, em especial do Projeto PROPG. Como o site da editora já tem link direto para esses livros digitais, não se vê a discussão do repositório, diferentemente do que acontece com a Edufba e a Editora Fiocruz. Parece ser mais uma política da universidade, na qual a editora se enquadra, do que um canal prioritário para esta. Apesar de não falar muito sobre o assunto, uma afirmação de Gutierre transmite essa ideia: “Agora, o repositório institucional é o repositório institucional da universidade” (apêndice B, p. 132). O fato de ser fundação, com sua mencionada autonomia, talvez tenha relação com a necessidade de colocar seu catálogo de livros digitais –

<sup>65</sup> Cf. <http://editoraunesp.com.br/catalogo/ebooks> e [http://search.livros.scielo.org/search/?fb=&output=site&lang=pt&from=1&sort=&format=summary&count=20&page=1&q=&index=tw&where=BOOK&filter%5Bis\\_comercial\\_filter%5D%5B%5D=t&filter%5Bpublisher%5D%5B%5D=Editora+UNESP#year](http://search.livros.scielo.org/search/?fb=&output=site&lang=pt&from=1&sort=&format=summary&count=20&page=1&q=&index=tw&where=BOOK&filter%5Bis_comercial_filter%5D%5B%5D=t&filter%5Bpublisher%5D%5B%5D=Editora+UNESP#year).

<sup>66</sup> Ver: <http://repositorio.unesp.br>.

tanto em acesso aberto quanto controlado – no próprio site.

Para a venda, os e-books também podem ser encontrados na Saraiva. Quanto à Amazon, há mais livros do que os que estão na parceria com o SciELO, e o diretor afirma ter “praticamente todo o catálogo [...] inscrito no Kindle” (apêndice B, p. 132).

Durante a entrevista, sem estar com dados à mão, Jézio mencionou o título *O que Freud dizia sobre as mulheres*, de José Artur Molina, e também livros de biblioteconomia como alguns dos mais procurados. Talvez tenham muitos downloads pelo site da editora,<sup>67</sup> porém esses livros digitais não se encontravam no SciELO até julho de 2016.<sup>68</sup>

Posteriormente a equipe da editora mandou algumas respostas por e-mail, complementando a entrevista com números mais precisos. Desse modo, em 30/6/2016 apresentava 102 e-books à venda. Com algumas atualizações em relação aos dados fornecidos pela editora, tinha vendido 2.167 unidades por meio das três lojas, sendo 1.267 exemplares pela Kobo, 331 pelo Google Play e 569 pela Amazon em julho de 2016, de acordo com as planilhas do SciELO. Seu número de downloads demonstrou-se também expressivo, ultrapassando os 12 milhões (anexo A).

Os títulos mais vendidos não coincidiam muito nas lojas, sobretudo o terceiro. Assim, pela soma de downloads das planilhas (julho de 2016), chegamos a estes dados:

*Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*, de Epicuro (1999), 713 downloads;

*As revoluções russas e o socialismo soviético*, de Daniel Aarão Reis Filho (2004), 133 downloads;

*História natural da religião*, de David Hume (2005), 87 downloads.

Figura 9 – Livros mais vendidos nas livrarias parceiras do SciELO  
Livros | Editora Unesp

<sup>67</sup> Ver: [http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl\\_id=193](http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=193).

<sup>68</sup> Em 21/7/2016, a sessão de notícias do portal, via Twitter, anunciou que entrariam 73 novos títulos da Unesp em acesso aberto. Ver: [twitter.com/SciELOBooks/status/756102253937917952](https://twitter.com/SciELOBooks/status/756102253937917952). Acesso em: set. 2016.



De seus 98 títulos em acesso aberto, em julho de 2016, os títulos que obtiveram maior número de downloads, como informado, foram:

*Cadê o brincar?: da educação infantil para o ensino fundamental*, de Flávia Cristina Oliveira Murbach de Barros (2009), com 877.962 downloads;

*Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias*, de Ana Lúcia de Castro (2010), com 461.671 downloads;

*Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais*, de Lucimary Bernabé Pedrosa de Andrade (2010), com 824.992 downloads.

Figura 10 – Livros em acesso aberto com maior número de downloads no SciELO Livros | Editora Unesp



Esses três títulos são do selo Cultura Acadêmica, que, como mencionado, não precisa passar pelo conselho editorial da Editora Unesp. Como se pode observar pelas capas, o design é mais simples, bem como a produção editorial como um todo. O selo representa uma maneira de ampliar a veiculação de diferentes estudos e pesquisas de maneira mais simplificada em termos profissionais, mas ainda com preocupação com a qualidade, e em acesso aberto.

Pelos dados do SciELO, *A construção de perfil do assistente social no cenário educacional* é o mais baixado, com 902.624 downloads. *Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades* está na sexta posição (461.671).

Quando perguntado se consegue identificar o público dos livros em acesso aberto, Gutierre afirma que estão começando a se preocupar com isso agora. No entanto, já se pode perceber que tem grande entrada entre o que ele chamou de público “carente”, não apenas em termos financeiros, mas também de acesso à bibliografia. Num país com as dimensões do Brasil e com a característica de ter poucas livrarias físicas, essa carência, segundo ele, pode ser também a de estudantes que têm dificuldade em obter a bibliografia necessária para um curso universitário, o que acontece sobretudo nas regiões Norte e Nordeste. Assim, descreve:

É um público ilustrado, especialmente universitário, carente. E aí carente por quê? Eu não penso nem apenas na carência financeira, por exemplo, que certamente é um dos fatores, e a gente está distribuindo conteúdos na sua maioria gratuitos, então seria de se esperar que tivesse uma concentração disso. Mas eu acho que a carência, nesse caso, é uma carência de distribuição. É significativo, por exemplo, que você tenha num programa como o SciELO – e esse é um dado muito relevante – uma concentração, uma distribuição diferente daquela que você tem, por exemplo, na venda de livros físicos. A separação dos dados entre a Região Norte e o Sudeste, claro, ela existe nesses dois mercados, mas não é tão dramática quando você está falando de livro digital. (Apêndice B, p. 136)

O problema da distribuição de livros, em nível mundial, já foi apontado por muitos autores, como Fábio Sá Earp e George Kornis. No Brasil, o pequeno número de livrarias acentua essa dificuldade, levando a produção editorial das mais diversas editoras a uma grande disputa por espaço em suas prateleiras. Os lugares de destaque cabem quase invariavelmente aos best-sellers, e muitos profissionais os usam como moeda de troca para colocar outros títulos no mercado. Além disso, a concentração desigual por região é outro entrave, como é mencionado por Gutierre e também aparece na análise da pesquisa *Retratos da leitura* de 2012: “Podemos observar também que as livrarias estão distribuídas de forma desigual pelas regiões do país. Há relativamente menos estabelecimentos do que leitores no Nordeste e o oposto se verifica no Sudeste e no Sul” (FAILLA, 2012, p. 150-151). Para os livros universitários, com público específico, os desafios são ainda maiores.

Earp e Kornis refletem sobre essa questão de como fazer o livro chegar ao leitor e concluem que: “O que interessa, portanto, não é que nenhum título em especial chegue a todos os leitores, mas que cada um chegue ao pequeno número de pessoas que tem interesse no assunto”. Mesmo assim, ao pensar como fazer isso, os livros digitais, em especial em acesso aberto, com boas ferramentas de busca podem ser um caminho, uma vez que a



disponibilidade facilita que seu potencial leitor o encontre e até comece a leitura imediatamente para confirmar ou não seu interesse. Afinal há o outro lado, pois não basta o livro alcançar o leitor certo, mas o leitor também precisa encontrar o que procura. Novamente, Earp e Kornis: “O problema fundamental do consumidor é encontrar os livros que o interessam em meio à multiplicidade de títulos produzidos. Juntando a oferta fácil com a demanda difícil, temos de fazer com que os editores e os compradores de livros se encontrem mutuamente” (EARP; KORNIS, 2005, p. 18).

Nesse sentido, Gutierre relaciona ainda a importância da distribuição dos livros digitais para a formação acadêmica no Brasil:

Como é que você pode encarar um ensino, uma atividade acadêmica, universitária, de formação etc. e tal sem que você tenha canais de obtenção bibliográfica, de obtenção de bibliografia? Se você não consegue isso lá, pela falta de uma livraria física, a única coisa que pode suprir a sua demanda é o livro digital. E isso para um país como o Brasil, com essas distorções, com essas distâncias, com essas dificuldades de distribuição, isso fica crítico. E, mais ainda do que num país como a Alemanha, você pode notar graficamente qual é a importância que existe numa distribuição digital. (Apêndice B, p. 136).

Por fim, sobre o que representa o SciELO para as editoras universitárias, o diretor acredita que o portal desempenha papel de destaque para os livros digitais em acesso aberto, como visto, porém as vendas ainda não se mostraram tão significativas a ponto de se poder afirmar que o portal interfere nesse aspecto.

Essa observação nos leva, por outro caminho, à conclusão de que as publicações das editoras universitárias em acesso aberto, como parte da função das universidades sobretudo públicas, podem ter seu alcance potencializado por uma iniciativa mais coletiva. Essa já foi uma percepção de outros projetos associativos, como concluiu Leilah Bufrem:

Destaca-se igualmente no processo o papel das formas associativas organizadas em prol da produção e distribuição do livro universitário. Esses movimentos coletivos, por meio dos quais se congregam os editores em busca de metas específicas e trocas de experiências, começaram, como se pode observar, no final da década de 1980 e deram início a importantes práticas, como a Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu) e o Programa Interuniversitário de Distribuição de Livros (PIDL). (BUFREM, 2001, p. 399)

Uma colaboração entre editora universitária e biblioteca, que reúna o livro para leitura, sem preocupação com a venda, tende a atrair um público que de outra forma não adquiriria esse tipo de conteúdo.

### 3.4 Editoras que não responderam o questionário: o que dizer sobre as que nada disseram

Esta parte traz alguns dados apenas das planilhas fornecidas pelo SciELO, uma vez que não houve retorno com relação ao questionário, apesar de mais de uma tentativa em cada caso.

A Fap-Unifesp é uma fundação com editora de mesmo nome e tem uma participação diferenciada no SciELO Livros, apoiando o projeto mais direta e financeiramente. Essa nova editora, além do conselho editorial e da equipe, chegou a contar com Plínio Martins Filho, também diretor-presidente da Edusp, como editor.<sup>69</sup> De seus doze títulos no projeto, quatro estão em acesso aberto.

Nas planilhas do SciELO, observa-se que o total de downloads nessa modalidade já atingiu mais de 418 mil, sendo os mais baixados *Atlas de dermatologia em povos indígenas*, de Douglas A. Rodrigues et al., com quase 195 mil downloads, e *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*, de Joffre Marcondes de Rezende, com mais de 181 mil até julho de 2016 (anexo A). Quanto aos livros em acesso comercial, vendeu 37 por meio das livrarias associadas, de forma distribuída, com pequeno destaque para *Atualização em fisioterapia na emergência* (11), de Marcia Maiumi Fukujima et al., e *Avaliação nos processos educacionais* (8), de Rosana Aparecida Salvador Rossit e Karin Storani.

A Mackenzie e a EdUFSCar, como já mencionado, com seus livros apenas para venda, ficaram com um número mais restrito de downloads, merecendo reflexão sobre esse resultado, sobretudo por se tratar de editoras voltadas para a produção de seus professores.

Os e-books da EdUFSCar são todos vendidos através do SciELO. No site da editora, os títulos, quando sua versão digital existe, indicam o respectivo link para o portal. O número de downloads era 507 pelas planilhas atualizadas até julho de 2016, sendo a terceira com mais downloads comerciais. Entre seus títulos mais vendidos, estão:

*Aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma experiência no ensino superior*, de Luis Roberto de Camargo Ribeiro (197 downloads);

*Terapia assistida por animais (TAA): aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual*, de Patrícia Sidorenko de Oliveira Capote e Maria Piedade Resende da Costa (69 downloads);

---

<sup>69</sup> Ver: [http://www.fap.unifesp.br/acao\\_ed15.pdf](http://www.fap.unifesp.br/acao_ed15.pdf). Acesso em: jul. 2016.

*Comunidades de aprendizagem: outra escola é possível*, de Roseli Rodrigues de Mello, Fabiana Marini Braga e Vanessa Gabassa (39 downloads);

*Polidocência na educação a distância: múltiplos enfoques*, organizado por Daniel Ribeiro Silva Mill, Luis Roberto de Camargo Ribeiro e Marcia Rozenfeld Gomes de Oliveira (35 downloads).

Os livros da Mackenzie vendidos em sua livraria virtual também não incluem os digitais, e o site da editora explica que essas publicações se dão por parceria com o SciELO: “Como o objetivo da Editora Mackenzie é disseminar e promover a produção científica, são publicados títulos também em suporte de e-book, por meio de uma parceria com o programa SciELO Books”.<sup>70</sup> Seus 64 downloads até julho de 2016 se distribuem de maneira mais ou menos equilibrada entre os títulos, mas os quatro primeiros eram:

*Estrutura tarifária da distribuição de energia elétrica no Brasil*, de Alice Helena França de Azevedo e Lenilson Veiga Mattos (13);

*Avaliação de políticas urbanas: contexto e perspectivas*, organizado por Angélica Tanus Benatti Alvim e Luiz Guilherme Rivera Castro (9);

*Polímeros biodegradáveis: tipos, mecanismos, normas e mercado mundial*, de Guilhermino José Macêdo Fechine (9);

*Urbanismo de colina: uma tradição luso-brasileira*, organizado por Manuel Leal da Costa Lobo e José Geraldo Simões Júnior (8).

No caso dessas duas editoras, parece que o suporte técnico do SciELO Livros para a publicação e comercialização de obras digitais é fator determinante.

Por fim, a Eduel estava com dez títulos no portal até agosto de 2016 (tabela 2), sendo dois em acesso aberto. Pelo site da editora encontramos 25 PDFs gratuitos de livros diferentes, com uma diversidade maior de temas, incluindo até um livro infantil digital animado. No SciELO, os gratuitos são dois: um sobre toxoplasmose, outro sobre tabagismo. Os que estão à venda também não coincidem com os PDFs da Eduel. Dessa forma, a editora parece usar o portal para atingir um público diferente, com outros propósitos ou para complementar o papel de seu site.

O título *Toxoplasmose adquirida na gestação e congênita* atingiu mais de 28 mil downloads e *Tabagismo: abordagem, prevenção e tratamento* ultrapassou os 63 mil até julho de 2016.

Os mais vendidos, totalizando os números das três lojas, são:

---

<sup>70</sup> Ver: [http://www.mackenzie.br/editora-mack\\_livros.html?&L=-1](http://www.mackenzie.br/editora-mack_livros.html?&L=-1).

*Práticas de modelagem matemática na educação em matemática* (41);

*Violência, indisciplina e educação* (17);

*Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche* (12).

Com base nas planilhas enviadas pelo SciELO, podemos perceber que o número de downloads total dos livros em acesso aberto – incluindo o próprio portal e os baixados por meio das lojas Kobo, Google e Amazon – se aproxima de 60 milhões. Esses dados são atualizados até julho de 2016 e estavam mais em dia do que os que constavam no portal na mesma época (em torno de 50 milhões). Já as vendas, realizadas pelas três referidas lojas, dos livros em acesso comercial totalizavam 7.151 unidades. Os livros em acesso aberto têm número de downloads substancialmente superior. Se considerarmos apenas o formato ePub, que, como visto, representa menos de 1% do total, ainda assim fica muito na frente das vendas no mercado (178.229 via SciELO x 7.151 lojas). O total de títulos em acesso aberto baixado apenas nas lojas parceiras também supera o de livros vendidos (616.340 downloads acesso aberto x 7.151 acesso comercial).

### 3.5 Editoras que não participam do SciELO

Após o envio de pequeno questionário para essas editoras, obtivemos dezoito respostas. Apesar de não poder generalizar conclusões para as cerca de cem editoras universitárias que não são parte do SciELO Books, esses dados indicam possíveis tendências e passos para compreender a não adesão, o outro lado da moeda, inseparável, da adesão.

As 18 editoras que responderam foram: 1. Editora da UFSM; 2. Editora da Universidade Federal do Espírito Santo; 3. EDUFCEG; 4. Editora da Universidade de Caxias do Sul (EducS); 5. Editora Universitária Leopoldianum; 6. Edunit; 7. Ediunesc; 8. Editora UTFPR; 9. Uefs Editora; 10. Editora Universidade Estadual de Goiás; 11. LetrasLivres; 12. Edições Uesb; 13. Editora UFRJ; 14. Edusp; 15. Editora da Ulbra; 16. Eduerj; 17. Editora UFV; e 18. Unopar Editora.

Treze delas publicam e-books ou livros digitais, enquanto cinco ainda não o fazem. Entre as que não têm e-book em seu catálogo estão a Edusp e a Editora UFRJ, como já havíamos verificado em pesquisas preliminares sobretudo nos sites destas. Para as que os publicam, o número de títulos é variável, sendo os extremos 1 (EDUFCEG) e 150 (EducS), boa parte delas com uma quantidade entre 2 e 15. A EducS, que publicou o maior número de

títulos, tem contrato com a Pearson, multinacional que se define como “a maior empresa de educação do mundo”, passando ao largo de uma discussão coletiva acerca das políticas para as editoras universitárias. Outra que se destaca, com 80 títulos, é a Edufes, que tem repositório institucional. Em fevereiro, a EDUFMG afirmou no questionário ter um título que vende pelo site da editora (<http://www.ufmg.edu.br/~edufmg/>) através de GRU. Porém nesse site encontramos, em julho de 2016, quatro livros digitais, todos para download gratuito.

Três editoras disseram não conhecer o SciELO Livros, as demais conhecem. Com relação ao interesse por participar da plataforma, as visões são divididas, e cada sim e não revela algo mais. Tentamos simplificar em algumas categorias, embora em toda resposta haja nuances. As que disseram sim enfatizaram principalmente duas posições: sim, pela importância do SciELO (EDUFMG, Edunit, UTFPR, Ufmg Editora, Editora UFRJ, Eduerj, Unopar Editora), e sim, mas há dificuldades por conta da taxa cobrada por livro (Edufes e Editora da Ulbra). Entre as que responderam não, identificamos mais posições: ainda não conhecem direito ou por ora não se interessam (UFSM, EDUEG, Edições Uesb. A UFV afirma que está aguardando para conhecer melhor, mas é uma possibilidade, e a Leopoldianum simplesmente disse conhecer superficialmente), as que demonstram dificuldades pelo investimento necessário – semelhante ao sim, mas que rejeitam (principalmente a Ediunesc, porém UFSM também se encaixa nessa categoria), rejeição mais crítica, por não ser o modelo almejado (Edusp), e já tem outra parceria (Educs). E uma nada respondeu (LetrasLivres).

## CONCLUSÃO

Neste trabalho analisamos a publicação de livros digitais por editoras universitárias a partir da plataforma SciELO Livros. Buscamos uma perspectiva que leva em conta a história e a inserção do tema num contexto mais amplo, da cultura, com suas disputas por hegemonia, porém com o cuidado de não generalizar conclusões de um objeto específico.

O portal SciELO Livros foi nosso ponto de partida por reunir nove dessas editoras e parte de suas publicações em meio eletrônico, classificando-as em acesso aberto ou comercial, com certa padronização, fornecendo dados sobre a procura pelos livros e permitindo uma visão mais coletiva. Certamente nem toda a produção das participantes está no portal e este tampouco representa o conjunto das editoras universitárias brasileiras. Afinal, se já existe uma grande diversidade de modelos dessas editoras – maiores e menores, regionais ou com perfil mais voltado para autores renomados –, a publicação de livros digitais é uma atividade bastante variada e desigual entre elas. Algumas publicam muitos títulos para o suporte tela em diferentes formatos e, em contrapartida, editoras de importantes instituições – como a Edusp e a Editora UFRJ – ainda não os publicavam até a escrita deste texto.

Como abordado no capítulo 1, ao longo da história editorial, o livro passou por diversas mudanças em sua apresentação material: já foi tablete ou tabuleta de argila, rolo de pergaminho ou papiro, códice manuscrito, seguido do impresso a partir da prensa de Gutenberg, até o livro digital. A materialidade faz pensar sobre as transformações nas práticas de leitura e as possibilidades de ampliar o acesso à informação, considerando a própria tecnologia, mas também o contexto em que se insere e a ação humana. A prensa, que à primeira vista é tida como uma revolução, não alterou tanto os modos de ler, já que o códice, com seus cadernos, permaneceu. Foi mais importante no aumento do público leitor e na disseminação de ideias. No entanto, mais do que determinar mudanças sociais, parece ter sido parte desse cenário, tendo sua importância na transmissão de ideias, condicionando ao mesmo tempo que era condicionada pelas mudanças sócio-históricas.

Dessa forma, o livro digital é mais uma tecnologia que altera a materialidade do livro. Nesse caso, emergem novas possibilidades para a leitura a partir de um suporte completamente diferente do papel, com a característica da não linearidade, diferentemente do códice, pela existência, por exemplo, dos hyperlinks. No entanto, não se observa, como em tantos outros momentos de desenvolvimento de uma nova tecnologia, uma ruptura com o que se tem anteriormente. Isso provavelmente não ocorrerá em poucos anos. A convivência entre

impresso e digital merece ser analisada, buscando-se um olhar que não privilegie preferências pessoais do pesquisador, mas que considere evidências. A ação humana, portanto os usos, ainda terão muito a revelar sobre o livro digital. Esta pesquisa buscou algumas pistas da situação atual, em especial com relação às publicações no SciELO Livros, que podem contribuir para esse debate em outros momentos, gerando possíveis comparações e aprofundamentos.

A história das universidades, por sua vez, se entrecruza com a história do livro e ambas acabam por se influenciar, uma vez que a atividade acadêmica é praticamente indissociável da leitura. Foi assim no surgimento das universidades medievais e também no Brasil, com o desenvolvimento tardio de ambos, próprios de uma nação colonizada. Isso se reflete também na atual situação do livro digital, com as possibilidades que a nova técnica pode oferecer para a divulgação do conhecimento produzido e estudado nas universidades e também com a resistência de antigos hábitos de estudo.

No capítulo 2 discutimos a questão das disputas pela construção de visões de mundo, com a crescente importância dos meios de comunicação nesse processo, com referência no conceito de hegemonia e na metodologia de Antonio Gramsci e na reflexão de Octavio Ianni considerando o destaque do campo da comunicação.

Em seguida, fazemos uma breve análise das características do mercado editorial, cada vez mais concentrado, e a entrada em cena do livro digital. Percebe-se uma tendência ao crescimento das vendas de e-books na última década, apesar de certa queda nos anos mais recentes. Esse aumento se localiza sobretudo entre os livros de ficção e por fora do chamado mercado tradicional, em especial pelo fenômeno da autopublicação (*self-publishing*) e, por outro lado, pela política agressiva da Amazon de baixar preços para quebrar a concorrência.

As editoras universitárias, segundo John Thompson, estão à margem do mercado editorial, ou seja, têm certa autonomia em relação a este, sem estarem completamente fora de seu jogo. Essa análise se refere às tradicionais editoras universitárias de língua inglesa, como Cambridge ou Harvard, mas podemos perceber reverberação nas brasileiras, com suas especificidades e em menor grau. O Programa Interuniversitário de Distribuição de Livros (PIDL) garante um intercâmbio para a sobrevivência, com a chegada dos livros em diversas localidades onde há universidades, mas ainda é necessário estar em pontos de venda do mercado. Isso em geral é conseguido mais no caso de livros de autores renomados, traduzidos ou não, ou de títulos de interesse mais amplo. As publicações originadas de teses e outros trabalhos acadêmicos e com características mais regionais ou com público específico tendem a se restringir à distribuição nas livrarias dos *campi* universitários ao redor do país.

Estudar e-books de editoras universitárias implica entendê-las também como integrantes de instituições de ensino superior, que por sua vez têm uma função social e são atravessadas por disputas, abrigam diferentes correntes de pensamento e diversas formas de produzir pesquisas e conhecimento. Seu funcionamento pressupõe ora puxar para o lado da manutenção da ordem, ora pender para o lado da contra-hegemonia, sendo também necessária uma contextualização sócio-histórica para uma melhor compreensão da luta cultural, que não começa nem se encerra no âmbito da academia.

Considerando as funções de uma editora universitária, os livros digitais podem, portanto, ser meios de viabilizar conteúdos relevantes e de facilitar o acesso ao conhecimento por seu alcance. Algumas pesquisas que não seriam publicadas se se pensasse apenas em sua viabilidade econômica ou no lucro encontram um caminho no meio digital, sobretudo quando financiadas por verba pública. Em consequência, há um debate sobre a veiculação na modalidade acesso aberto.

Nesse sentido, discutimos, ainda no capítulo 2, o entendimento do livro como mercadoria e a possibilidade de as editoras universitárias contrariarem essa lógica hegemônica, priorizando o que chamamos de livro-leitura (valor de uso) em detrimento do livro-produto (valor de troca) com as publicações digitais em acesso aberto. Nesta pesquisa essa mídia demonstrou ter muitos acessos dessa maneira. Caberia aprofundamento para entender melhor esse uso.

Por fim, ao analisar estudos e pesquisas de comportamento do leitor, percebe-se que a importância do livro digital, neste momento, não está tanto nos modos de leitura – já que o e-book não tem se mostrado ser o suporte de preferência, em especial para os estudos –, mas sim na distribuição. Novamente, a gratuidade é um aspecto que influencia muito na procura por parte do público.

A pesquisa empírica, no capítulo 3, nos forneceu alguns elementos que dialogam com a discussão dos capítulos anteriores, ajustando a teoria à realidade prática. Assim, de início, confirma-se que a plataforma SciELO tem cumprido o papel de reunir editoras universitárias com perfis diversos, de diferentes regiões do Brasil, de instituições de naturezas distintas – federais, estaduais, privada (presbiteriana) –, potencializando a atuação de cada uma isoladamente. O caso da EDUEPB, editora sem grande destaque no mercado, mas com grande número de downloads (cerca de 3 milhões) e apenas livros em acesso aberto, se destaca nesse sentido. Os desempenhos variados chamam a atenção e nos fazem questionar o significado do SciELO para cada uma, com seus objetivos particulares e mais gerais. As instituições em geral afirmam querer atingir um público mais amplo, ou pelo menos alcançar o tipo de leitor



que se interessaria por seus livros, e algumas ainda buscam outras metas, como qualificar a instituição e seus programas de pós-graduação, por exemplo, ou contribuir com o desenvolvimento da pesquisa ou até do país.

O estudo a partir dos questionários, da entrevista e das planilhas com dados oficiais até julho de 2016 revelou que o alto número de downloads deve ser analisado sob alguns enfoques. Um dos elementos relevantes é a concentração amplamente maior nos livros em acesso aberto e no formato PDF. Isso nos leva a pensar que o livro digital é visto como complemento do livro impresso ou seu substituto em situações de falta de recurso ou dificuldade de obtenção do impresso. O novo suporte ou a maneira de ler não parecem ser as principais motivações ao baixar e-books a partir da plataforma SciELO.

Assim, a questão da democratização dos conteúdos destaca-se no caso dos livros digitais acadêmicos. Mais do que um suporte apropriado ou agradável para a leitura, os leitores parecem procurar uma maneira de obter o conhecimento sem custo e em qualquer lugar. Daí podemos inferir que esse debate nas universidades têm uma relevância em nível tanto da formação dos estudantes de graduação e pós-graduação quanto da divulgação do conhecimento produzido para a sociedade e ainda da qualificação de docentes e construção de suas carreiras – englobando ensino, pesquisa e extensão.

Apenas para voltar a um exemplo, *O recém-nascido de alto risco*, da Editora Fiocruz, o título mais baixado de todos, incluindo editoras e coleções participantes, chegou perto de 5 milhões de downloads até julho de 2015. As médias de downloads por título de cada editora também revelam uma quantidade não alcançada pelas vendas dos impressos. Essas informações pedem aprofundamento.

No caso dos títulos em acesso controlado, comercializados pelas lojas parceiras, os números são de outra ordem de grandeza e ainda não permitem conclusões tão claras. As vendas até julho ficaram na casa dos milhares, sendo 3.593 na Kobo, 1.864 na Amazon e 1.694 no Google Play. O título mais vendido, *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*, de Epicuro, Editora Unesp, teve 713 downloads até julho de 2016. Mesmo que o preço não seja elevado – nesse caso, no momento de redação desta conclusão em novembro de 2016, custava apenas R\$ 3,60 nas três lojas –, o número de downloads não se compara ao dos mais procurados em acesso aberto. Desse modo, buscar entender o acesso controlado e a procura por ePub – que também é baixa no acesso aberto –, acompanhando esse desenvolvimento num prazo mais longo, pode ajudar a entender a penetração dos e-books universitários.

Cabe lembrar que as lojas também disponibilizam os títulos em acesso aberto. Em tal modalidade a que teve mais downloads foi Google Play (365.118), seguida da Kobo (172.352) e da Amazon (76.870).

A procura dos livros em outros países também é medida pelo portal, por meio de tabelas das lojas. Até meados de 2016, no entanto, não representava um número muito expressivo. Em geral, observam-se apenas poucas unidades baixadas em outros países, com raras exceções. O Google Play foi a loja que atingiu o maior número de países – 66, além do Brasil (anexo K) –, porém a Amazon tem maior número de downloads nos três países em que atua, Estados Unidos, México e Canadá (anexo G).

Embora, como visto, o meio digital possa ajudar a publicar obras consideradas inviáveis se impressas, boa parte dos livros no SciELO originam-se da digitalização de livros já publicados em papel. Entre as exceções estão os livros em acesso aberto da Editora Unesp, do Programa PROPG-FEU. Os livros em acesso controlado da mesma editora, por outro lado, foram produzidos a partir da versão impressa, inclusive diferindo dos livros vendidos no site da própria.

Assim, concluímos que a digitalização do catálogo impresso vem sendo uma política das editoras participantes do SciELO, seja de títulos esgotados, seja de obras em catálogo ou lançadas há menos tempo. Possivelmente é uma indicação de que estão em um momento exploratório do novo formato, pois parecem testar o interesse do público ao mesmo tempo que procuram atingir mais pessoas. Seria interessante ter ainda acesso a dados dos livros impressos antes e depois da publicação dos digitais no SciELO Livros para aprofundar a relação entre os suportes.

De qualquer forma, nota-se que o livro digital e eletrônico é uma opção material que divide seu espaço com o impresso, porém a preferência de editores e leitores – e mesmo a compreensão do que é livro – ainda está muito associada ao último, mesmo com essa grande procura dos gratuitos. Sua existência, no entanto, tem revelado novas possibilidades para a leitura e para a distribuição de conteúdos, em especial para a produção acadêmica.

Por sua história ainda muito recente, não há como apreender os impactos do livro digital nos hábitos de leitura e no consumo dos leitores. Como colocado por Jézio Gutierre na entrevista, tudo que se disser sobre ele ainda é um achismo, sem muitos elementos que possam comprovar as afirmações. Ainda assim, como “elemento periférico”, que complementa a publicação dos impressos, é inegável a participação crescente dos livros digitais. Isso significa que, mesmo sendo um terreno de muita incerteza, as editoras e os editores tendem a explorá-lo, não podendo simplesmente ficar de fora. Se chegará a desbancar

ou ameaçar a impressão de livros, ainda é cedo para dizer, bem como para fazer qualquer afirmação para prazo longo ou médio sobre preferências.

Dar acesso a obras que não são bem distribuídas quando impressas, pela carência de livrarias e conseqüente pouco espaço no mercado para títulos de público restrito, parece ser uma das funções dos livros digitais e eletrônicos. Nesse contexto entra também o papel das editoras universitárias, que não são bibliotecas, porém têm um compromisso de veicular o conhecimento produzido nas universidades, sobretudo nas públicas, e as pesquisas com financiamento público. Assim uma discussão atual é a da relação entre essas editoras e os repositórios de livros das universidades. E a biblioteca on-line SciELO tem um papel relevante nesse sentido, seja por ser uma plataforma já conhecida, seja por reunir obras de editoras variadas – ainda que esse número seja baixo em relação ao total de editoras universitárias –, seja por interoperar com o portal de periódicos, por padronizar e elevar a qualidade das publicações, etc. O SciELO Livros não é um repositório, mas reúne algumas editoras universitárias com obras não apenas em acesso comercial, mas também em acesso aberto, o que, nesse caso, o aproxima de um repositório. O portal, no entanto, não tem como meta disponibilizar tudo que é produzido pelas editoras participantes. Com uma taxa a ser paga por cada livro convertido (nas extensões ePub e PDF), as editoras acabam por selecionar alguns títulos considerados mais apropriados ou prioritários.

Assim, o SciELO Books, por um lado, se demonstrou um polo que organiza e potencializa a publicação de e-books por editoras universitárias, podendo superar os acessos aos repositórios institucionais. Estes últimos não têm só livros, mas toda a produção da universidade, e não costumam dar destaque para a produção das editoras universitárias, que, por sua vez, também com frequência não os divulgam. O portal, com as características mencionadas e a divulgação das próprias editoras participantes, acaba por ter grande procura. Por outro lado, também apresenta suas limitações. Trata-se de uma plataforma apoiada por entidades e associações voltadas para a pesquisa científica, porém é financiada, de fato, pelas integrantes. Apesar da preocupação em preservar assim a autonomia do projeto, esse funcionamento inviabiliza a participação de editoras menores ou sem capital para esse tipo de investimento praticamente sem retorno, como visto nos questionários respondidos por algumas não participantes.

Sobre essa questão do acesso aberto, nota-se que é uma política que vem se desenvolvendo nas instituições públicas, embora não represente, no momento, uma ameaça às publicações comerciais. A convivência pacífica – até onde as contradições não impossibilitem – tem se mostrado o caminho dos repositórios institucionais, vide portarias da Ufba e da

Fiocruz,<sup>71</sup> e do SciELO, que não faz parte do movimento internacional e, no caso do portal de livros, deixa a cargo das editoras a decisão sobre a modalidade de acesso, se aberto ou controlado. Tal convivência, no entanto, parece a qualquer momento esbarrar nas disputas e em contradições difíceis de administrar. Por ora, alguns editores afirmam que o livro digital em acesso aberto leva à venda, por exemplo, do mesmo título impresso, que antes não chegaria a essa pessoa “iniciada” pela leitura na tela. Se em algum momento a preferência pelo papel cair, essa relação possivelmente se modificará e será mais imbuída de disputas.

A partir deste estudo é possível perceber a relevância dos e-books em acesso aberto como elemento de contraponto à forma de difusão do conhecimento que associa ao objeto livro o valor de troca. O número de acessos dos e-books gratuitos, ou livro-leitura, pode ser um elemento interessante na definição de políticas editoriais voltadas de fato para a ampliação do conhecimento e uma maior troca da academia com a sociedade, aproximando esse conhecimento dos setores mais populares, permitindo sua refutação e tornando-o vivo. É claro que o livro não muda o mundo – tampouco a tecnologia –, mas debater seus usos e apropriações ajuda a, pelo menos, compreender um pouco melhor o funcionamento da sociedade.

Com relação ao acesso ao conhecimento e à democratização da comunicação, entendemos que os livros eletrônicos têm um grande potencial de facilitar a divulgação das pesquisas e ampliar o número de leitores, porém, como aponta Roger Chartier, isso não é algo automático, fora da ação humana ou imune às disputas de concepções na história editorial. Como afirma o autor, em entrevista a Jean Lebrun publicada em *As aventuras do livro: do leitor ao navegador*,

o futuro da revolução do texto eletrônico poderia ser – poderá ser, eu espero – a encarnação do projeto das Luzes, ou então um futuro de isolamentos e de solipsismos. Ir-se-á ainda mais longe na concentração, isto é, no monopólio exercido sobre a informação e o patrimônio textual que, aliás, anda junto com as dominações linguísticas ou as imposições ideológicas? Ou então, sendo a técnica tão flexível quanto pode ser forte, conseguir-se-á propiciar a possibilidade de intervenção no debate público àqueles mesmos que, no mundo do impresso, não podiam fazê-lo? Eis aí um desafio maior de nosso presente. (CHARTIER, 2009, p. 146-147)

Por todos esses motivos, o e-book não encerra a questão, mas sim reabre a discussão sobre acesso ao recriar tanto possibilidades de ampliação e abertura quanto de controle. Nossa dissertação não pretende de forma alguma esgotar o assunto, mas simplesmente iniciar uma discussão acerca das editoras universitárias que integram o SciELO Books – e da própria plataforma.

---

<sup>71</sup> Ver capítulo 2.

## REFERÊNCIAS

- ALISSON, Elton. SciELO Brasil lança portal de livros eletrônicos. *Agência Fapesp*. São Paulo, 3 abr. 2012. Disponível em: <[http://agencia.fapesp.br/scielo\\_brasil\\_lanca\\_portal\\_de\\_livros\\_eletronicos/15402/](http://agencia.fapesp.br/scielo_brasil_lanca_portal_de_livros_eletronicos/15402/)>. Acesso em: 29 jul. 2015.
- ALTER, Alexandra. Com retorno ao papel, livreiros perdem o medo do apocalipse digital. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 28 set. 2015. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/09/1687504-com-retorno-ao-papel-livreiros-perdem-o-medo-do-apocalipse-digital.shtml>>. Acesso em: 30 set. 2015.
- ALVES, Máira de Oliveira. *Editoras universitárias: um estudo sobre o público e o privado com ênfase no caso da Editora UFRJ*. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexicon; São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- BARBIER, Frederic. *História do livro*. São Paulo: Paulistana, 2009.
- BARBOSA, Marialva. *História da comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BARON, Naomi S. *Words Onscreen: The Fate of Reading in a Digital World*. Nova York: Oxford University Press, 2015.
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BUFREM, Leilah Santiago. *Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*. São Paulo: Edusp; Com-Arte; Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- CABETE, Camila. As diferenças entre um e-Pub e um PDF... O retorno... *PublishNews*, 20 out. 2011. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2011/10/20/65671-as-diferencas-entre-um-epub-e-um-pdf-o-retorno>>. Acesso em: 3 jun. 2016.
- CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. *História das universidades*. São Paulo: Unesp, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: GRAMSCI, Antonio. *O leitor de Gramsci*. Org. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 13-39.

COUTINHO, Eduardo Granja. *A comunicação do oprimido*. Rio de Janeiro: Mórula, 2014.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

EARP, Fábio Sá; KORNIS, George. *A economia da cadeia produtiva do livro*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

EISENSTEIN, Elizabeth L. Algumas características da cultura impressa. In: \_\_\_\_\_. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1998.

EPSTEIN, Jason. *O negócio do livro: passado, presente e futuro do mercado editorial*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. *Universidade do Brasil: das origens à construção*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Inep, 2000. v. 1.

GONÇALVES, Márcio Souza. O que aprender com os livros? In: COUTINHO, Eduardo; GONÇALVES, Márcio Souza. *Letra impressa: comunicação, cultura e sociedade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 83-104.

GRAU; ODDONE. Análise da literatura nacional sobre o livro digital e eletrônico como subsídio para sua incorporação ao acervo das bibliotecas universitárias brasileiras. In: ENANCIB, 16., out. 2015, João Pessoa. *Informação, memória e patrimônio: do documento às redes*. João Pessoa, 2015. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3102/1162>>. Acesso em: maio 2016.

GRAMSCI, Antonio. *O leitor de Gramsci*. Org. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

HOUAISS, Antonio. *Grande dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: ago. 2016.

IANNI, Octavio. O príncipe eletrônico. *Perspectivas*. São Paulo, n. 22, p. 11-29, 1999.

JOHNS, Adrian. How to Acknowledge a Revolution. *American Historical Review*, v. 107, n. 1, 2002, p. 106-125.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LIMA, Edison R. *Editoras universitárias: problemas e soluções (Um enfoque interamericano)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1989.

MARQUES NETO, José Castilho; ROSA, Flávia Garcia. Editoras universitárias: academia ou mercado? Reflexões sobre um falso problema. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia (Org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2011.

MARTINO, Luiz Claudio. Panorama da pesquisa empírica em comunicação. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Claudio (Org.). *Pesquisa empírica em comunicação*. Livro Compós 2010. São Paulo: Paulus, 2010.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar*. Trad. Edgard Malagodi et al. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os economistas).

MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012. (Pensamento Crítico, 18).

MELO, Eduardo; TAVARES, José Fernando (Org.). *O mercado de e-books no Brasil: coletânea sobre mercado, produção e marketing*. Simplíssimo Livros, 2012. (E-book.)

MENDES, João Carlos Canossa Pereira. *A saúde que se lê: uma reflexão a partir da trajetória da Editora Fiocruz*. 2013, 115 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2013.

NETTO, José Paulo. Apresentação. In: COUTINHO, Eduardo Granja. *Velhas histórias, memórias futuras: o sentido da tradição em Paulinho da Viola*. 2 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. (História, Cultura e Ideias, 14).

PLATONOW, Vladimir. Mercado de livros infantojuvenis em papel cresce, apesar das novas tecnologias digitais. *Agência Brasil*, 5 jun. 2013. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-06-05/mercado-de-livros-infantojuvenis-em-papel-cresce-apesar-das-novas-tecnologias-digitais>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

ROSA, Flávia Goulart Mota Garcia. *A disseminação da produção científica da Universidade Federal da Bahia através da implantação do seu repositório institucional: uma política de acesso aberto*. 2011. 242f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2011.

ROSA, Flávia; BARROS, Suzane; MEIRELLES, Rodrigo. Adoção do acesso aberto por uma

editora universitária: o caso da Editora da Ufba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1575-1.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2015.

SCHIFFRIN, André. *O negócio dos livros: como as grandes corporações decidem o que você lê*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

SCIELO. *SciELO Livros: O que é e como participar*. São Paulo, jul. 2012. 18 p. Disponível em: <<http://books.scielo.org/guia-scielo-livros/>>. Acesso em: ago. 2015.

SPINAK, Ernest. *Livros eletrônicos – mercado global e tendências – Parte I: A publicação – impressa e digital – no contexto mundial*. SciELO em Perspectiva. 22 jun. 2016. Disponível em: <<http://blog.scielo.org/blog/2016/06/22/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-i-a-publicacao-impressa-e-digital-no-contexto-mundial/>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. *Livros eletrônicos – mercado global e tendências – Parte II: A publicação do livro impresso e digital no contexto mundial*. SciELO em Perspectiva. 13 jul. 2016. Disponível em: <<http://blog.scielo.org/blog/2016/07/13/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-ii-a-publicacao-do-livro-impresso-e-digital-no-contexto-mundial/>>. Acesso em: ago. 2016.

\_\_\_\_\_. *Livros eletrônicos – mercado global e tendências – Parte III – Final: A publicação do livro impresso e digital no contexto mundial*. SciELO em Perspectiva. 27 jul. 2016. Disponível em: <<http://blog.scielo.org/blog/2016/07/27/livros-eletronicos-mercado-global-e-tendencias-parte-iii-final-a-publicacao-do-livro-impresso-e-digital-no-contexto-mundial/>>. Acesso em: ago. 2016.

TARDÁGUILA, Cristina; MEIRELES, Mauricio. Com preços até 50% menores do que no Brasil, gráficas chinesas seduzem editoras nacionais. *O Globo*. 21 maio 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/com-precos-ate-50-menores-do-que-no-brasil-graficas-chinesas-seduzem-editoras-nacionais-8444947>> Acesso em: maio 2016.

THOMPSON, John B. *Mercadores de cultura*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

### Sites consultados

SciELO Livros – <http://books.scielo.org>

SciELO em Perspectiva – <http://blog.scielo.org>



***Editoras que participam do SciELO***

Editora Fap-Unifesp – <http://www.editoraunifesp.com.br> |  
[http://www.fapunifesp.edu.br/?page\\_id=32](http://www.fapunifesp.edu.br/?page_id=32)

Editora Fiocruz – <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/editora-fiocruz-1>

Editora Mackenzie – <http://www.mackenzie.br/editora.html>

Editora Unesp – <http://editoraunesp.com.br>

Eduel – <http://www.eduel.com.br>

Eduem – <http://www.eduem.uem.br/novapagina/>

EDUEPB – <http://eduepb.uepb.edu.br>

Edufba – <http://www.edufba.ufba.br>

EdUFSCar – <http://www.editora.ufscar.br>

**APÊNDICE A** – Questionário para editoras universitárias participantes do SciELO Livros

Editora

Diretor ou responsável

1. Quantos títulos impressos publica por ano?
2. E quantos títulos digitais ou eletrônicos?
3. Desde quando integra a Rede SciELO Livros (SciELO Books)?
4. O que motivou a editora a participar do SciELO Livros?
5. Quais as principais vantagens de participar dessa rede?
6. Existem desvantagens? Quais?
9. Apresenta e-books na Rede SciELO para venda?
10. Quantos títulos estão à venda?
11. Quantos exemplares já vendeu por meio do SciELO?
12. Quais os títulos mais vendidos?
13. Disponibiliza e-books em acesso aberto?
14. Quantos títulos são disponibilizados gratuitamente?
15. Quais são os títulos com maior número de downloads?
16. O que é mais baixado: livro completo ou capítulo?
17. Qual é a média de downloads dos livros?
18. Qual é a média de downloads dos capítulos?
19. Qual é o capítulo de livro mais procurado e qual seu número de downloads?
20. Além da Rede SciELO Livros, faz venda ou disponibiliza e-books no site da própria editora ou de alguma outra forma?  
site da editora  
sites de livrarias Repositório institucional  
outro
21. São os mesmos títulos que estão no SciELO? Por quê?
22. Poderia comparar brevemente o desempenho dos e-books no próprio site (ou outro canal) e na Rede SciELO Livros?
23. Qual é a política da editora para os livros eletrônicos?
24. Como avalia a relação entre as publicações impressas e digitais nesta editora?
25. Quem é o público dos e-books da editora?
26. Como avalia o interesse do público-alvo pelos livros digitais desde que começou a

publicá-los até hoje?

27. A participação no SciELO Livros influenciou de alguma maneira o interesse pelos e-books? Como?

28. Gostaria de acrescentar algo?

**APÊNDICE B** – Entrevista com Jézio Hernani Bomfim Gutierre, diretor-presidente da Editora Unesp

*MA: Quantos títulos impressos vocês publicam por ano?*

JG: 220

*M: E digitais e eletrônicos?*

JG: Eletrônicos a gente está chegando agora... Bom, títulos físicos... é porque, no caso, digitais, a gente sempre tem impressão por demanda desses digitais também.

*MA: Ah, sim.*

JG: Então é por causa disso que a gente está contabilizando aí nos físicos também aqueles que a gente está disponibilizando no digital. Então, no total, a gente tem 220, 230 títulos.

*MA: Nos físicos, entendi.*

J: Agora, digitais a gente está chegando a alguma coisa por volta de cem títulos.

*MA: Nossa, bastante, né?*

JG: É. O que é interessante é que esses títulos são originalmente digitais.

*MA: Sim. Seriam mais autores nacionais? Produção da própria universidade?*

JG: Sim. A grande maioria da universidade, embora tenha uma parcela pequena de autores que não fazem parte da universidade também.

*MA: Integra a rede SciELO Livros desde o início, né? Junto com a Ufba e a Fiocruz, se não me engano.*

JG: Isso, exatamente.

*MA: O que motivou a editora a participar da rede SciELO?*

JG: Na verdade, acho que eu preenchi esse questionário. [1:14]

*MA: Sério? Não recebi sua resposta. Realmente eu mandei para cá, mas não recebi a resposta. Deu alguma coisa. Desculpa.*

JG: Realmente, eu fiz...

*MA: Ah, desculpa eu estar te dando esse retrabalho.*

JG: Estava tendo uma sensação de *déjà-vu*, mas eu preenchi, sim.

*MA: Eu realmente enviei. Nossa, então se você quiser de repente falar mais livremente, não sei. Eu não recebi.*

JG: Vamos lá.

*MA: O formulário vai lá para o Google. Chegou da Fiocruz, da Ufba e de Maringá. Daqui não chegou. Estranho.*

JG: Não, isso com certeza eu preenchi. Mas vamos lá. Qual foi a pergunta?

*MA: O que motivou a editora a participar...*

JG: Bom. Isso de cara é importante para nós originalmente... é importante a questão da

qualificação docente pra universidade. A qualificação docente e dos programas de pós-graduação, que teriam, com um programa como esse, uma difusão daquilo que estava sendo escrito, desenvolvido, pesquisado pela Unesp. É... o objetivo, ele se entrelaça com o objetivo de uma editora universitária, que é o de fazer com que a produção acadêmica atinja um público mais amplo. É isso que se procurou fazer, tanto com o programa SciELO quanto com o programa editorial da Editora Unesp.

*MA: Certo. Ai, complementando então, as principais vantagens de participar do SciELO seriam quais?*

JG: Seria ampliar o rol de público atingido por aquelas publicações que de outra forma ficariam muito circunscritas a...

*MA: Realmente tem um número alto de downloads, né?*

JG: Muito alto! Muito alto e que nunca... Para você ter uma ideia, um desses programas que fazem parte do SciELO é o programa PROPG, que a gente chama... Programa PROPG – FEU, que é um programa que já tem muito tempo. Ele foi inaugurado em 94, e até 2010, 2009 ele só era feito em versão papel, versão física. Nós, em média, tínhamos tiragens que variavam de 500 a 1.500 exemplares, algumas vezes reimpressos, né?

*MA: Que é uma tiragem normal para editora universitária...*

JG: Tiragem padrão. E aí a gente tem hoje uma média de downloads que chega a 40, 45 mil.

*MA: Incrível.*

JG: E isso é, em si, uma justificativa mais do que suficiente para que se integre um programa como esse.

*MA: Entendi. Tem alguma desvantagem da Rede SciELO?*

JG: Eu não vi até agora nenhuma desvantagem da Rede SciELO. Acho que é uma coisa muito, muito apropriada pra editoras com esse perfil.

*MA: E vocês têm livros à venda e gratuitos, certo?*

JG: Isso.

*MA: Quantos estão à venda? Quantos títulos?*

JG: Olha, eu não sei dizer pra você exatamente agora quantos que a gente tem à venda. Eu imagino que seja alguma coisa por volta de uns dez, quinze livros.<sup>72</sup>

*MA: Sabe quantos exemplares já vendeu por meio da Rede?*

JG: Não, eu teria que consultar isso, não tenho como...

*MA: Tem como eu pegar esses dados com alguém depois?*

JG: Sim, eu posso passar isso para você, sim. Sem problema.

*MA: Sabe também quais são os títulos mais vendidos?*

JG: Eu sei que o título de download disparado mais bem-sucedido é *O que Freud dizia sobre as mulheres*. Agora existem livros, especialmente de biblioteconomia, que vendem extremamente bem, digo que tem download extremamente bom. E outros tantos. Mas isso também posso passar para você mais precisamente.

---

72 Dado ao final da entrevista, conforme enviado por e-mail em 30/6/2016.

*MA: Você sabe o que é mais baixado: o livro completo ou capítulo?*

JG: Livro completo.

*MA: Uma média de download, você sabe? Isso você já falou, né?*

JG: Sei. Falei. De 40 a 45 mil.

*MA: Beleza. De capítulo, você tem esse dado, não?*

JG: Não. Não, inclusive porque, no caso do SciELO, essa partição do livro não é muito estimulada. Isso daí... de fato todos os dados que a gente tem são dados sobre o livro...

*MA: Na verdade, é mais interessante mesmo, né?*

JG: É. Essa inclusive é uma questão que teoricamente muita gente critica, essa possibilidade de que você possa partir o livro. Então isso quebra trivialmente a organicidade do livro, coisas assim. Mas esse não é um problema que a gente enfrenta no caso do SciELO, porque praticamente todos os downloads são feitos do livro inteiro.

*MA: Além da Rede SciELO, vocês vendem pelo site da editora... Tem mais algum canal, site de livraria?*

JG: Sim, a gente vende pela Saraiva e aí, tanto via SciELO – aqueles livros que estão no SciELO – quanto fora do SciELO, a gente tem praticamente todo o catálogo na Amazon, que está inscrito no Kindle.

*MA: Tem repositório institucional também, alguma coisa?*

JG: Também tem. Agora, o repositório institucional é o repositório institucional da universidade.

*MA: Da Unesp, sim.*

JG: Sim, claro.

*MA: Aí seriam só os títulos, claro, livres, em acesso aberto, né?*

JG: Sim. Teses, dissertações, coisas assim, e alguns livros.

*MA: Os títulos que são vendidos no SciELO são os mesmos que são vendidos no site de vocês? Ou tem diferença?*

JG: Não, tem diferença. Tem diferença, porque no SciELO é uma parcela bastante reduzida daquilo que a gente tem no catálogo em geral, seja físico, seja digital. Tem, como eu estava dizendo para você, a gente provavelmente tem quase que todo o catálogo já digitalizado em plataforma Kindle. Quer dizer, todo não. A gente tem uns trezentos títulos aí e outros estão sendo migrados para Kindle. Mas isso, é claro, vai muito além daquilo que o SciELO tem.

*MA: Você pode então falar um pouquinho sobre a política editorial para os livros eletrônicos?*

JG: Olha, como eu estava dizendo para você...

*MA: ...como são selecionados os títulos...*

JG: Como eles são selecionados... O que a gente viu até agora é que os livros eletrônicos passam exatamente pelo mesmos crivos dos livros físicos. Então a questão de qualidade acadêmica, ela é a questão fundamental. Então aqueles títulos... Porque aí é importante que a gente diga o seguinte: nós temos dois selos: o selo Cultura Acadêmica e o selo Editora Unesp *stricto sensu*. Nós temos livros digitais nesses dois selos. Agora o Cultura Acadêmica é um

selo que não passa pelo nosso conselho, nosso conselho interno. Aí é uma coisa muito peculiar da Editora Unesp, que o paralelo com outras editoras é mais difícil. Nesse caso, o que a gente tem é um selo voltado para aquelas publicações acadêmicas que têm sua chancela garantida por algum conselho editorial formado externamente à editora.

*MA: Entendi. Como se fosse das unidades...*

JG: Das unidades ou mesmo de outras universidades que apresentam um rol de docentes, um rol de pesquisadores que avaliza a qualidade daqueles livros. Até estatutariamente a gente não pode ter custo se por acaso... dispêndios, se por acaso a gente não tiver o aval do conselho editorial nosso. Então, esses livros, eles são invariavelmente financiados integralmente com recursos externos à Editora Unesp. Então ou...

*MA: Mas da própria universidade?*

JG: Da própria universidade, a maior parte deles é, vem de recursos da universidade. Ou de outras universidades. E aí, cumprindo esses dois requisitos, financiamento integral e, além disso, chancela de um corpo de acadêmicos que avaliza aquele conteúdo, a gente permite, depois de uma avaliação interna também, a gente permite que isso seja publicado.

*MA: Aí são produzidos todos aqui na editora, esses da Cultura Acadêmica?*

JG: É, a grande maioria sim, mas não necessariamente.

*MA: Pode ser terceirizada também, a produção?*

JG: Pode terceirizar. O que é feito aqui é simplesmente uma avaliação daquele padrão de produção que está sendo apresentado para nós. A gente precisa chancelar, a gente precisa concordar com aquele padrão, que... mínimo de qualidade, até para que não contamine o restante da série, né? Mas em geral é isso que acontece. A gente avaliza aqueles títulos que... títulos que entram em determinado padrão de qualidade de produção e também que tenham aval formal de um rol de docentes e pesquisadores daquela área.

*MA: É, porque realmente é uma demanda que existe às vezes na universidade, né?*

JG: Sim, sim.

*MA: Nem sempre é bem resolvido isso...*

JG: Não é entendido, não é bem resolvido. E essa, depois de muito tempo... A gente chegou à conclusão de que este era um esquema possível, porque, em primeiro lugar, por uma questão de recurso. Não teríamos jamais recursos para dar conta mesmo daquelas produções que fossem de qualidade... de qualidade. A produção acadêmica – isso é uma coisa que eu vou falar hoje à noite também – tem essa questão que é um dos desafios centrais da edição universitária hoje. O desafio central não está no mundo editorial. O desafio central está no mundo acadêmico, né? Porque você tem uma explosão de produção editorial. E aí quem é que fica sendo visado para veicular essa produção intelectual e acadêmica? As editoras. E as editoras não estão preparadas para isso, elas não têm recurso para isso. E aí a gente tem que pensar – a gente eu falo *lato sensu*, as editoras e as universidades – alguma maneira de viabilizar essa distribuição adequada desses conteúdos, porque, eu concordo, e é isso que muitas vezes editores e universidades falam para nós: “A gente precisa que isso daí seja divulgado, precisa que isso seja publicado, etc.” “Sim, tá, e Kiko?” (*risos*) É porque aí não tem muito jeito de que nós tenhamos recursos suficientes para fazer uma coisa imensa que é a produção daqueles livros que... decorrentes de teses, decorrentes de pesquisas, decorrentes de dissertações que são jogadas no mercado todo dia, quase. Em primeiro lugar por causa disso. Em segundo lugar, muitas vezes você até teria exemplares com capacidade editorial,

comercial e tudo o mais para que fossem publicados no selo principal, mas só que às vezes você não tem tempo. Às vezes, por uma questão de financiamento, por uma questão de... sei lá, você precisa publicar aquilo – quantas vezes você tem aqueles financiamentos de CNPq, Capes ou, aqui em São Paulo, Fapesp e que você precisa publicar o livro até... dentro de três meses? Tendo dinheiro. Tendo recurso para isso daí e não tendo veículo editorial suficiente. O selo Cultura Acadêmica, da maneira como a gente idealizou, resolve esse problema. Justamente por isso...

*MA: Já aconteceu de chegar algum livro que inicialmente seria do Cultura Acadêmica e passou para o selo Editora Unesp?*

JG: Sim, sim. Um caso típico disso... a gente ganhou vários Jabutis com o Cultura Acadêmica. E aí eles migraram para...

*MA: Ah, entendi.*

JG: A Manuela Carneiro da Cunha, por exemplo, apareceu aqui com um livro que ela precisava publicar em dois, três meses, com recurso para isso. Um nome como o da Manuela Carneiro da Cunha, e que nós fomos obrigados a publicar pelo Cultura Acadêmica, porque nós não tínhamos tempo de tramitação pelo nosso conselho editorial. E aí ele foi publicado, ganhou o Jabuti pelo Cultura Acadêmica e aí nós migramos, inclusive quando ele já estava sendo apresentado, sendo premiado pelo prêmio Jabuti, a gente já estava produzindo o livro pelo selo Unesp. Porque aí ele passou rigorosamente pelo conselho editorial, foi aprovado...

*MA: Experiência bacana mesmo. Interessante... E como você avalia a relação entre as publicações impressas, ou físicas, e as digitais? Uma coisa ajuda a outra? Ou não?*

JG: Pois é, até agora não está muito claro e esse é um daqueles mistérios de edição, né? Até que ponto você, publicando um livro em digital, você está realmente canibalizando esse livro para o público em geral. Essa, diga-se de passagem, é uma das questões muito bem colocadas, como sempre, pelo John Thompson, naquele livro *Mercadores de cultura*...

*MA: É, esse livro é muito bom.*

JG: Ele sempre... Porque todo mundo vê aquelas curvas do mercado americano, da queda da produção editorial em papel e da subida da produção editorial digital. E aí o que que você infere dali? Como uma tá ascendente e a outra está cadente, você infere que uma tá canibalizando a outra. Mas...

*MA: Já mudou um pouquinho também...*

JG: Especialmente... E num passado recente, bem recente, isso daí já é questionável, mas o Thompson há dois anos já cantou isso. Já cantou isso, dizendo que era... Uma indústria tradicional, como é a indústria editorial em papel, ela estava se ressentindo de uma crise econômica que estava atingindo tudo quanto era indústria. Ao passo que você pega uma outra face da indústria editorial, que é a indústria digital, em que todos os gadgets mais manjados, os aperfeiçoamentos do Kindle, os aperfeiçoamentos do iPad e tudo mais, estão chegando e as pessoas estão se acostumando a lidar com aquilo. Então é um desenvolvimento paralelo, quase, com aquilo que está acontecendo com o mercado físico. Então, o que ele conclui é que uma coisa não tá canibalizando a outra, os dois mundos são, parcialmente ao menos, independentes. E aí um pode estar crescendo sem que isso aí esteja onerando o outro. Isso realmente é uma das situações possíveis. Mas, justamente porque a gente não tem uma série histórica razoável, eu sinceramente tenho muita dificuldade de acreditar em qualquer coisa. Em qualquer coisa, porque como você falou, num passado bem recente, está mostrando uma estagnação ou uma queda...



*MA: Você poderia dizer que tem que fazer mesmo a experiência para ver o que é?*

JG: Eu acho que alguma coisa desse tipo. Eu acho que, na verdade, todos nós, editores – eu não sei qual é o resultado dessa amostragem que você pegou –, estamos condenados. Condenados a testar. A gente não tem alternativa. Não é uma questão de política. Não. Acho que a gente... Tem alguns editores que se rebelam e assim, feito crianças, dizem “não vou brincar disso”, mas não é alguma coisa a que você possa se dar o direito. Você tem que entrar nisso e ver o que que acontece. Porque agora, há coisa de três anos atrás – eu sempre cito isso mas é emblemático –, o Waterston, que é o dono daquela cadeia... maior cadeia de livrarias da Inglaterra, ele ficou gozando de todo mundo que tinha falado, um ano antes, da supremacia do livro digital etc. quando começou a queda dos livros digitais em comparação com a suave recuperação do livros em papel. Ele falou: “Qualquer um que disser para onde isso tá indo é um cretino”, porque você não tem evidências suficientes para que você diga alguma coisa solidamente alicerçado. Isso que a gente pode estar falando é um achismo. Pelo jeitão, acho que assim; pelo jeitão, acho que assado. Isso dá para fazer se a gente quiser. É claro, tomamos um chope e falamos isso. Opiniar é fácil. Opinar e opinar são coisas muito simples. Agora você dizer algo que seja responsável... Eu vi todos, e possivelmente você também, todos os congressos internacionais possíveis a respeito do livro digital, vi no exterior e aqui, acompanhei gente que fazia as inferências mais radicais possíveis de um lado e de outro, e todas essas observações – durante muito tempo, isso já está há mais ou menos quase dez anos –, todas elas foram fraudadas de uma maneira ou de outra. Quer dizer, todas elas, no final das contas, não se concretizaram. E isso eu só posso concluir que você ainda tá num terreno muito volátil, um terreno que não se conhece. Quando a gente está falando do livro impresso, você tem pelo menos quinhentos anos, seiscentos anos de experiência nisso, ao passo que esse conflito, esse confronto, e essa trajetória do livro digital é uma coisa extremamente recente, especialmente porque você tem uma feérica multiplicação de avanços e aperfeiçoamentos técnicos que você não sabe bem para onde estão indo. Por outro lado, tem elementos assim, elementos impressionistas, de pesquisas que mostram que, mesmo jovens estudantes universitários – e aí a gente está falando especificamente de publicação acadêmica –, eles não gostam de livro digital. Ao contrário da lenda, eles não gostam. O leitor típico de Kindle permanece sendo senhoras de meia idade. Não é homem, não é jovem de até 25 anos, não é livro técnico. Quer dizer, isso teve aquele livro que eu acho que também é um outro item muito importante para isso que é o *Words Onscreen*, de uma professora americana, que conjugou todas as pesquisas a respeito de receptividade acadêmica do livro digital. Incluindo aí pesquisas da HP e tal, incluindo aí Estados Unidos, Canadá e México, mas mais Estados Unidos. E aí...

*MA: Eu tenho que pegar até.*

JG: É. Isso é um livro bastante importante, bastante importante.

*MA: Eu peguei umas pesquisas, mas coisas mais isoladas...*

JG: Esse livro é bem relevante por causa disso. Porque você tem aí... a conclusão a que ela chega é uma conclusão bem agressiva inclusive, dizendo que simplesmente todas elas, todas as pesquisas mostram que os estudantes típicos de universidades americanas, eles rejeitam o livro digital, inclusive a maior parte deles declara que o desempenho dele cai se por acaso ele estuda em livro digital. As justificativas são as mais diversas possíveis, mas a mais frequente é de que ele visualiza esses conteúdos em seu iPad, o mesmo iPad que tem WhatsApp...

*MA: Dispersão...*

JG: ...tem tudo o mais... Face... E aí é dispersão, dispersão.

*MA: Convergência e dispersão ao mesmo tempo.*

JG: Exatamente.

*MA: Desse número enorme de downloads, você consegue identificar quem é o público dos e-books da editora mais ou menos?*

JG: Não. A gente está começando a se preocupar com essa identificação. A gente já tem os dados analíticos e tal para a distribuição dos países, dos locais onde isso daí acontece. Agora, fundamentalmente até pelo perfil dos títulos que a gente publica, eu não tenho muita dúvida de que sejam... vamos chamar assim: é um público ilustrado, especialmente universitário, carente. E aí carente por quê? Eu não penso nem apenas na carência financeira, por exemplo, que certamente é um dos fatores, e a gente está distribuindo conteúdos na sua maioria gratuitos, então seria de se esperar que tivesse uma concentração disso. Mas eu acho que a carência, nesse caso, é uma carência de distribuição. É significativo, por exemplo, que você tenha num programa como o SciELO, e esse é um dado muito relevante, você tenha uma concentração, uma distribuição diferente daquela que você tem, por exemplo, na venda de livros físicos. A separação dos dados entre a Região Norte e o Sudeste, ela é, claro, ela existe nesses dois mercados, mas ela não é tão dramática quando você está falando de livro digital. O que que isso mostra? Mostra que você tem uma demanda reprimida nesses locais simplesmente porque você não tem a oferta de livros que se poderia esperar para alguns estados que têm sua universidade federal, ou universidades outras tantas, que não são atendidos pelas livrarias ou pelo fluxo de oferta de conteúdos físicos que seria de se esperar. Roraima tem uma livraria. Uma livraria do tipo da Nobel. E, paralelamente, eu acho isso ainda mais estranho, tem uma universidade federal. Quer dizer, como é que você pode encarar um ensino, uma atividade acadêmica, universitária, de formação etc. e tal sem que você tenha canais de obtenção bibliográfica, de obtenção de bibliografia? Se você não consegue isso lá, pela falta de uma livraria física, a única coisa que pode suprir a sua demanda é o livro digital. E isso para um país como o Brasil, com essas distorções, com essas distâncias, com essas dificuldades de distribuição, isso fica crítico. E, mais ainda do que num país como a Alemanha, você pode notar graficamente qual é a importância que existe numa distribuição digital.

*MA: Como que você avalia o interesse do público-alvo pelos livros digitais desde que começou a publicar até hoje? Se aumentou, diminuiu, tem como saber?*

JG: Isso com certeza o que a gente nota é que existe uma constante, uma crescente até... um crescente interesse pelas publicações digitais. Agora é muito importante que a gente considere e fique com os pés no chão em relação àquilo que se tem conseguido. O programa SciELO, já que uma das coisas mais importantes, uma das razões para a entrevista é o SciELO, o programa SciELO é extremamente bem-sucedido, extremamente bem-sucedido. Agora, onde ele mostra dados impressionantes é em cima de publicações gratuitas. Então aí isso não tem nenhuma dúvida, isso você tem realmente uma demanda, uma procura, que é notável. Agora, que exista o aumento de demanda de mercado pelos livros, isso ainda não está muito claro.

*MA: É, você até já até respondeu a pergunta seguinte.*

JG: Não está muito claro porque, mesmo entre os principais entusiastas – porque isso existe, os entusiastas do livro digital no mercado comercial, no mercado profissional –, mesmo fazendo todos os contorcionismos imagináveis estatísticos, não se pode dizer que a trajetória do livro digital no Brasil tenha sido dramaticamente bem-sucedida. Tem um ou outro, como sempre acontece, tem um ou outro dado que é reconfortante. Teve aumento? Teve aumento. Estava se esperando muito, por exemplo, mas muito mesmo, daquela digitalização do livro

didático como uma das formas de se aumentar o costume do leitor e o ímpeto das editoras para publicação digital. Mas isso aconteceu em parte, mas, outra vez, nós temos ainda no cômputo geral uma participação irrisória, do ponto de vista de receita, do livro digital na pauta comercial das editoras brasileiras.

*MA: Nesse caso, você acha que o SciELO não ajudou, de alguma maneira, ou não tem como dizer?*

JG: Eu acho que, em relação ao SciELO, ainda é cedo para você falar se isso... E também, individualmente, não há de ser o SciELO que vai mudar esse comportamento. Só o SciELO. Isso ainda tem que ser associado a outras tantas iniciativas e que aí talvez a gente possa ter um futuro relativamente... Qualquer coisa que eu diga vai ser chute. Mas é... que não se tem uma perspectiva clara do que que vai fazer com que o livro digital seja realmente um elemento fundamental. Porque elemento marginal ele já é, ele veio para ficar inclusive. Isso eu não tenho dúvidas. Isso tem elementos muito sólidos para... Não se pode hoje mais caracterizar o livro digital como alguma coisa irrelevante. Agora qual vai ser a relevância, isso ainda não está estabelecido. Isso ainda não está muito visualizável, pelo menos no curto prazo.

*MA: Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar?*

JG: Não. Eu acho que é bem isso que eu estava te falando: todos podem ter uma ideia, previsões diferentes, cada uma das cabeças editoriais no Brasil vai pensar uma coisa diferente a respeito do que é o livro digital, a simpatia que se tem pelo livro digital... isso varia muito. Agora uma coisa que é clara é o seguinte: como eu estava dizendo, nós teremos que enfrentar, nós conviveremos com a trajetória do livro digital nos próximos anos. E isso certamente vai habitar sonhos e pesadelos dos editores brasileiros.

*MA: Foi muito rico para mim. Acho que foi bem melhor até do que responder, com certeza, um formulário...*

JG: Pois é, e fico à tua disposição. Qual é agora, se é que você pode falar e estragar o mistério da pesquisa... E você, como é que vê isso?

*MA: (Risos) Eu ainda estou amadurecendo, mas posso te dar com certeza um retorno do meu trabalho.*

JG: Gostaria de ver o que que você tem feito. Você é uma leitora de digital?

*MA: Estou começando também. Eu sou mais pelo impresso, devo confessar. Tenho uma curiosidade até para entender isso.*

JG: É... o que é que eu pensei, fazendo experimentos comigo, que eu teria muita dificuldade, mas eu estou lendo muito digital.

*MA: Tem uma praticidade quando você viaja, de levar aquilo, leituras rápidas eu acho que funciona bem...*

JG: Leituras rápidas, sim. Mas uma coisa que me surpreendeu...

*MA: ...ou de trabalho.*

JG: É, de trabalho, mas literatura. Eu estou lendo muita literatura, pegando assim coisas que eu imaginei que eu não me acostumaria a pegar em digital. Mas mesmo aquelas coisas... Sei lá, eu aproveitei para pegar... A gente lê os autores mais manjados... as coisas mais manjadas de determinados autores. E aí deixa pra... escanteia outras tantas coisas. Estava faltando, do Eça de Queiroz, por exemplo, faltavam dois livros para eu ler todo Eça de Queirós. O que que eu faço? Eu não vou mais nas obras completas do Eça de Queirós. Eu baixo. Inclusive porque

essas obras clássicas estão ou gratuitas ou a preços simbólicos.

*MA: Domínio, né?*

JG: E aí leio. Eu estou fazendo isso. Aí gosto com literatura brasileira, com literatura portuguesa, enfim... Isso é um negócio que...

*MA: Se não a gente deixaria para ler depois...*

JG: Coisa assim. Então isso foi o tipo do negócio diferenciado do meu hábito de leitura.

*MA: Bacana essa experiência pessoal também.*

JG: Provavelmente... não imaginei que eu teria. Mas é isso que o digital faz, surpreende você por diversas coisas.

*MA: Ahã.*

JG: É isso? Eu ficou à tua disposição para qualquer coisa que você...

*MA: Se tiver um ou outro detalhe que faltou, eu posso te perguntar? Ou você me indica alguém na editora que possa responder?*

JG: Claro, claro. Essas coisas de dados concretos eu te pedi que mandasse para mim por e-mail, para me lembrar.

*MA: Ótimo, perfeito. Mando, sim.*

JG: Você tem meu e-mail?

*MA: É jezio@editora.unesp.br?*

JG: Isso.

*MA: Então beleza. Obrigada. Mais tarde estou aí na palestra...*

JG: Não sei quem é que vai se interessar por uma palestra dessa...

*MA: Ah, eu me interessei muito. Eu fiquei muito feliz quando vi no blog da editora.*

JG: É, o Jiro é o tipo da pessoa interessante.

*MA: Eu não conheço ele pessoalmente. Ele trabalhou um tempo na Ediouro. E eu trabalhei lá depois dele um pouco.*

JG: Marisa também lida com isso... Vamos ver. E a Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ?

*MA: Ah, estamos lá, com as nossas dificuldades também. Abrimos uma livraria muito bacana, muito bacana, ali na Zona Sul, em frente ao Rio Sul, grande, que está com livros de todas as editoras universitárias. Um espaço bem legal onde era um bingo, que foi retomado pela universidade.*

JG: Ah, é? Puxa!

*MA: Mas questão de produção mesmo da editora está meio baixa, com a crise...*

JG: Qual é a relação que vocês têm com a universidade.

*MA: A gente recebe dinheiro da universidade, faz licitação para impressão... A universidade tem bancado nossos livros, apesar de termos alguns livros bancados pelas próprias vendas da livraria... Reimpressão...*

JG: Vocês tem alguma fundação de apoio?

MA: *Isso dá uma engessada um pouco às vezes.*

JG: Como faz então?

MA: *Acho que é conta única. É mais complicado lá.*

JG: Com a universidade?

MA: *É.*

JG: Isso para gerenciar... Quem gerencia isso, é o setor financeiro?

MA: *Pela editora o Julio Dias, mas o setor financeiro da universidade, sim. Não sei muito dessa parte, sou de texto. Mas passa tudo pela universidade, sim. Por isso, nossa produção acaba sendo bem menor.*

JG: Quantos livros por ano?

MA: *Uns vinte, trinta quando muito.*

JG: *É... eu acho que eu não tinha cabelo branco quando a gente fazia isso.*

MA: *Você gosta dessa experiência de fundação?*

JG: Olha, quando eu estava perguntando para você de fundação, eu sabia que vocês não eram uma fundação, mas eu pensei que tinha uma fundação que intermediasse...

MA: *Tem também. Tem a Fujb, que em alguns momentos participou disso.*

JG: Uma fundação interna à universidade...

MA: *É, mas nos últimos tempos eu acho que está até num movimento contrário, de ir mais pela universidade mesmo do que pela Fujb.*

JG: Isso da fundação, o nosso formato fundacional, eu acho... Outra vez: não vejo de jeito nenhum formato único a ser aplicado em todos os casos, é o tipo da coisa que você tem que ver muito a situação, o perfil da universidade, o apoio que a universidade está disposta a dar... e as pessoas mesmo. É uma questão de retrato político da universidade naquela hora que isso é estabelecido. Agora tem enormes vantagens, mesmo, do sistema fundacional. A editora, acho que é a única que tem de fato um sistema fundacional funcionando. Porque aquilo que acontece com a UnB, e com outras, é fundacional, *pero no mucho*, porque você também tem que, no final das contas, ficar na dependência de finanças da universidade. O que a gente consegue fazer aqui, e que eu acho muito legal, é que você tem total independência administrativa, financeira e editorial especialmente. Quer dizer, a gente recusa tranquilamente livro de reitor, pró-reitor, vice-reitor... Querem matar a gente, mas a gente recusa sem que isso acarrete absolutamente nada para a gente. Então isso é uma coisa importante. Por outro lado, é isso que muitas vezes somos atacados, que a gente tem que ficar completamente preocupado com o mercado. A Editora Unesp, se por acaso a gente não vende, a gente fecha. É tão simples assim. Se a gente não... de repente fica sem vender os nossos livros, a gente fecha. É como uma empresa privada. Isso para a grande maioria, eu imagino que vocês partilham alguma coisa disso... pode trazer mal-estar, crise, etc. e tal, mas a editora não fecha se não vender. Nós não. A gente fecha, a gente fica sem folha. A folha inteira quem paga somos nós.

MA: *Entendi. Não sabia, não.*

JG: *É. Isso tem uma dotação, mas que é uma dotação flutuante. A gente teve... em fevereiro do ano passado a reitoria simplesmente decidiu cortar... de fato foi 70% daquilo que estava*

repassando. Se por acaso nós não tivéssemos a receita própria...

*MA: Teria fechado?*

J: Teria fechado. E se hoje, na situação crônica que as universidades estão passando no Brasil... não é uma coisa muito boa para tosse ficar dependendo da universidade. Olhando de fora. Agora, é claro que é uma situação de risco. Todas as vantagens que eu estava falando a respeito da independência administrativa, ter agilidade, não precisar depender do serviço jurídico, financeiro da universidade, que normalmente, não sei como é na UFRJ, que normalmente é um caos, é demorado, ineficiente... Todas essas são vantagens enormes. Por outro lado, você tem esse negócio: você não dorme pensando... a cada crise que tem, você tendo que ficar acompanhando, da mesma forma que qualquer empresa, acompanhando o que que está acontecendo no mercado, falando com livreiros, acompanhando isso. Isso é um problema. Isso é um problema muito complicado... embora eu acredite que seja um problema razoável para quem quer atingir o público correto. E editores universitários não podem ficar tranquilos, como eu já vi alguns falarem quase que orgulhosamente, batendo no peito, “eu produzo livros para não vender”. Ou “eu produzo livros que têm baixa vendagem”. Produzir livros, de saída, sabendo que não vão vender, isso é pecado. Deve ter alguma coisa na Bíblia, em algum Evangelho deve estar escrito que é pecado. Porque, se a editora universitária se pretende um veículo de difusão, e não tem nenhum sentido de existir se não fosse um veículo de difusão dos conteúdos produzidos pela universidade, então tem que espalhar esse negócio para tudo quanto é lugar. Quanto mais você fizer isso, mais virtuoso é o teu objetivo. Mas é muito fácil para determinados editores dizer: “Não, isso daí a gente não precisa ficar preocupado com isso. A gente vende mesmo, a gente produz, coloca no mercado, aquelas coisas que as editoras privadas não querem porque não têm público.” É e não é. Isso pode ser, dependendo, pode ser uma coisa, no mínimo, autofágica, que fica expondo a irrelevância de uma editora universitária. Livro que não é lido, para que serve esse troço? Para escorar mesa? Para qualquer coisa. Você tem que fazer... qualquer editor, universitário, privado, infantil, didático, o que seja, ele tem que fazer coisa que seja lida. Senão é tarado. É tarado. Tem pedofílico e tem cara também que faz isso daí. Tem, existe. Agora, fazer esse negócio sem mais nem menos, e mais... Só que tem uma diferença do pedofílico, que o pedofílico faz esse negócio escondido, e tem vários editores que cometem essa tara batendo no peito orgulhosamente. Não, é pecado. Isso daí não pode, é feio. Isso daí é tara. Tem tratamento. Mas é tara. No mínimo, esconde, não mostra assim. Fica constrangido. Agora, ter orgulho de sua própria tara, isso é um traço típico de determinados editores. Isso é doença profissional. Da mesma forma que os caras que trabalham com asbestos têm câncer de pulmão, tem umas taras que são específicas do meio universitário editorial. Então isso tem que tomar cuidado, porque é muito tentador você entrar nessa, “Ah, eu tô fazendo um livro espetacular, mas...” Não. Isso é pecado. Fico à tua disposição.

*M: Não vou tomar mais seu tempo, não. Está ótimo para mim.*

### **Informações enviadas por e-mail para complementar entrevista**

- Quantos títulos estão à venda na Rede SciELO Livros?  
102 livros

- Quantos exemplares já vendeu por meio do SciELO?  
Kobo: 1223  
Google Play: 300

Amazon 395

- Quais os títulos mais vendidos?

Amazon: (1) Cartas sobre a felicidade; (2) As revoluções russas e o socialismo soviético (3) Teoria da aprendizagem na obra de Jean Piaget.

Kobo: (1) Carta sobre a felicidade (2) Introdução à lógica (3) História natural da religião

Google Play (1) Introdução à lógica (2) Guia de uso do português (3) Evolução: o sentido da biologia

- Quantos títulos são disponibilizados gratuitamente?

98

- Quais são os títulos com maior número de downloads?

(1) Cadê o Brincar?

(2) Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades

(3) Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais

- Qual é o capítulo de livro mais procurado e qual seu número de downloads?

Por hora ainda não temos calculado essa informação

**APÊNDICE C** – Questionário para as editoras universitárias que não participam do SciELO livros

Editora

Diretor ou responsável

1. A editora tem e-books ou livro digitais em seu catálogo?
2. Quantos títulos?
3. Qual é o canal utilizado para distribuição/vendas de e-books?
4. Conhece a Rede SciELO Livros?
5. Pretende fazer parte desta Rede? Por quê?



ANEXO A – SciELO livros – Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto | ePub e PDF

Total de títulos baixados   Mês à mês   Acesso Aberto   ePub e PDF													
Atualizado em: 05/07/2016													
Anos/ mês ▾													
2012 2013 2014 2015 2016 Total ePub Total PDF													
Editoras	ePUB	PDF	ePUB	PDF	ePUB	PDF	ePUB	PDF	ePUB	PDF	Total ePub	Total PDF	
Centro Edelstein			712	87.556	4.326	535.697	5.114	939.450	3.398	418.277	13.550	1.980.980	
Editora Fap-Unifesp			48	1.480	459	162.771	615	159.072	392	92.773	1.514	416.096	
Editora FIOCRUZ	5.316	781.876	9.445	7.069.201	6.889	12.701.784	9.751	9.002.634	7.085	3.484.694	38.486	33.040.189	
Editora UNESP	2.367	566.300	8.349	3.131.397	32.701	4.404.886	8.075	3.018.720	5.138	1.327.186	56.630	12.448.489	
EDUEL	0	0	0	0	69	12.527	109	39.642	164	39.072	342	91.241	
EDUEM					247	29.721	412	51.603	412	55.425	1.071	136.749	
EDUEPB	178	6.685	2.160	312.786	27.517	840.238	3.284	701.864	2.237	414.316	35.376	2.275.889	
EDUFBA	1.454	256.126	7.012	1.665.817	6.272	2.867.441	7.536	1.655.037	5.182	848.300	27.456	7.292.721	
JBRJ			521	41.359	472	79.199	341	67.219	192	42.972	1.526	230.749	
ReBentos							109	23.119	162	32.967	271	56.086	
Saúde Brasil 2030					120	3.872	934	26.296	750	26.439	1.804	56.607	
Sociedade Brasileira de Zoologia							119	124.149	84	78.422	203	202.571	
<b>Total Geral</b>	<b>9.315</b>	<b>1.610.987</b>	<b>28.247</b>	<b>12.309.596</b>	<b>79.072</b>	<b>21.638.136</b>	<b>36.399</b>	<b>15.808.805</b>	<b>25.196</b>	<b>6.860.843</b>	<b>178.229</b>	<b>58.228.367</b>	

A1 – Detalhamento downloads Editora Fiocruz

Total de títulos baixados   Mês à mês   Acesso Aberto   ePUB e PDF																
Atualizado em: 05/07/2016																
Anos/ mês ▾																
<span>2012</span> <span>2013</span> <span>2014</span> <span>2015</span> <span>2016</span> Total ePUB    Total PDF																
Editoras	ePUB		PDF		ePUB		PDF		ePUB		PDF		ePUB		PDF	
☒ Centro Edelstein					712	87.556	4.326	535.697	5.114	939.450	3.398	418.277	13.550	1.980.980		
☒ Editora Fap-Unifesp					48	1.480	459	162.771	615	159.072	392	92.773	1.514	416.096		
☒ Editora FIOCRUZ	5.316	781.876	9.445	7.069.201	6.889	12.701.784	9.751	9.002.634	7.085	3.484.694	38.486	33.040.189				
O Recém-nascido de Alto Risco: teoria e prática do cuidar	40	88.967	258	889.944	219	1.730.320	403	1.599.948	172	571.810	1.092	4.880.989				
Animais de laboratório: criação e experimentação	29	1.203	158	994.542	132	1.756.226	64	988.266	28	396.645	411	4.136.882				
Caminhos da saúde pública no Brasil	21	140.563	151	887.062	110	1.525.599	254	933.287	166	418.695	702	3.905.206				
Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contei	206	3.373	207	347.843	211	623.863	205	635.532	107	165.531	936	1.776.142				
Adolpho Lutz - Dermatologia e Micologia - v.1, Livro 3	27	26.757	123	250.000	75	341.440	46	198.750	50	97.181	321	914.128				
Os diários de Langsdorff - Vol. 1	32	60.154	87	240.934	69	304.552	93	247.344	48	59.348	329	912.332				
Clínica e terapêutica da doença de Chagas: uma abordagem prá	32	768	266	157.072	160	327.491	328	231.454	164	101.710	950	818.495				
Antropologia e nutrição: um diálogo possível	39	604	206	219.246	165	294.098	203	225.499	34	74.437	647	813.884				
Erário Mineral - Vol. 1 e 2	5	465	33	148.148	42	302.598	44	235.942	58	82.131	182	769.284				
Gestão e avaliação de risco em saúde ambiental	25	18.688	58	113.236	47	325.826	53	248.188	62	59.203	245	765.141				
Avaliação em saúde: dos modelos conceituais à prática na análi	49	24.285	53	159.457	65	264.028	67	241.115	31	60.874	265	749.759				
Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada			244	81.610	66	384.472	92	209.093	59	53.054	461	728.229				
Estudos de utilização de medicamentos: noções básicas	22	10.827	86	118.870	45	215.467	50	187.935	44	78.971	247	612.070				

ANEXO B – SciELO livros – Total de acessos à página do livro | mês a mês | acesso aberto e comerciais

Total de acessos à página do livro   Mês a mês   Acesso Aberto e Comerciais											
Atualizado em: 05/07/2016											
HTML	Anos/ mês ▾										Total Geral
Editoras	▣ 2012	▣ 2013	▣ 2014	▣ 2015	▣ 2016						
					jan	fev	mar	abr	mai	jun	
⊕ Centro Edelstein		8.820	41.570	410.570	48.038	47.162	47.103	49.792	50.325	45.462	748.842
⊕ Editora Fap-Unifesp		4.434	9.566	6.300	520	612	685	566	664	846	24.193
⊕ Editora FIOCRUZ	57.748	181.601	164.381	166.873	10.135	14.011	17.233	16.789	16.659	16.434	661.864
⊕ Editora Mackenzie			1.213	5.183	259	425	391	342	428	408	8.649
⊕ Editora UNESP	46.081	162.402	108.811	102.884	7.935	10.688	11.432	11.289	11.945	11.261	484.728
⊕ EDUEL	2.052	8.240	7.824	7.269	428	626	709	661	906	779	29.494
⊕ EDUEM			6.613	5.042	1.296	2.571	1.758	1.155	1.218	1.160	20.813
⊕ EDUEPB	7.697	21.177	20.965	36.172	3.036	4.127	4.010	4.159	4.187	3.217	108.747
⊕ EDUFBA	39.486	80.856	66.106	71.616	7.928	12.135	11.187	11.218	11.299	10.102	321.933
⊕ EdUFSCar	887	8.890	9.864	12.163	800	1.373	1.340	982	1.280	1.093	38.672
⊕ JBRJ		5.732	2.589	2.284	193	272	237	207	222	299	12.035
⊕ ReBentos				761	130	127	127	153	173	142	1.613
⊕ Saúde Brasil 2030			1.094	5.515	442	543	599	711	571	550	10.025
⊕ Sociedade Brasileira de Zoologia				4.206	247	235	316	260	277	590	6.131
<b>Total Geral</b>	<b>153.951</b>	<b>482.152</b>	<b>440.596</b>	<b>836.838</b>	<b>81.387</b>	<b>94.907</b>	<b>97.127</b>	<b>98.284</b>	<b>100.154</b>	<b>92.343</b>	<b>2.477.739</b>

**ANEXO C – SciELO Livros – Média de downloads por livro**

Ranking	Média de downloads por livro			
	Editoras/Coleções	Downloads (PDF e ePUB)	Títulos publicados (AA)	Média
1º	Editora FIOCRUZ	33.078.675	88	375.894
2º	Editora UNESP	12.505.119	98	127.603
3º	JBRJ	232.275	2	116.138
4º	Editora Fap-Unifesp	417.610	4	104.403
5º	Edufba	7.320.177	77	95.067
6º	EDUEPB	2.311.265	30	77.042
7º	Sociedade Brasileira de Zoologia	202.774	3	67.591
8º	ReBentos	56.357	1	56.357
9º	Eduel	91.583	2	45.792
10º	Eduem	137.820	6	22.970
11º	Centro Edelstein	1.994.530	114	17.496
12º	Saúde Brasil 2030	58.411	5	11.682
	Geral	58.406.596	430	135.829
				Até JUN 2016

ANEXO D – Estatísticas Amazon – Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto e comerciais

Total de títulos baixados   Mês a mês   Acesso Aberto e Comerciais											
Atualizado em: 26/07/2016											
Downloads Acesso Aberto e comercial	Anos/mês									Total Geral	
Editoras	± 2014	± 2015	± 2016								
			jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul		
⊕ Centro Edelstein	2.056	13.449	1.468	1.462	1.470	1.621	1.504	1.361	1.389	25.780	
⊕ Editora FIOCRUZ	3.923	8.784	622	738	804	838	840	773	886	18.208	
⊕ Editora UNESP	103	7.710	807	802	939	977	965	895	868	14.066	
⊕ EDUFBA		3.225	906	899	771	843	893	720	795	9.052	
⊕ EDUEPB	1.543	3.557	348	400	404	468	438	390	375	7.923	
⊕ JBRJ		817	70	58	165	72	39	32	41	1.294	
⊕ EDUEM	64	300	54	63	66	67	59	74	68	815	
⊕ Saúde Brasil 2030	70	369	10	19	18	55	36	10	20	607	
⊕ Editora Fap-Unifesp	21	265	11	21	20	13	19	14	26	410	
⊕ Sociedade Brasileira de Zoologia		136	6	12	11	8	11	5	12	201	
⊕ EDUEL	34	117	7	9	6	6	1	7	12	199	
⊕ EdUFSCar	21	109	4	3	6	9	5	6	3	166	
⊕ ReBentos		6	5	4	3	1	7	3	2	31	
⊕ Editora Mackenzie	3	16	1		3			2	1	26	
<b>Total Geral</b>	<b>7.838</b>	<b>38.860</b>	<b>4.319</b>	<b>4.490</b>	<b>4.686</b>	<b>4.978</b>	<b>4.817</b>	<b>4.292</b>	<b>4.498</b>	<b>78.778</b>	

ANEXO E – Estatísticas Amazon – Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto

Total de títulos baixados   Mês a mês   Acesso Aberto																						
Atualizado em: 26/07/2016																						
Downloads Acesso Aberto e comercial	Anos/mês	2014												2015							Total Geral	
		2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	2027	2028	2029	2030				
Editoras	IT	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul		
Centro Edelstein		2.056	827	580	1.017	1.187	1.019	932	1.356	1.268	1.431	1.158	1.181	1.493	1.468	1.462	1.470	1.621	1.504	1.361	1.389	25.780
Editora FIOCRUZ		3.889	1.010	826	761	733	557	612	797	550	640	506	481	742	594	696	757	780	779	715	833	17.258
Editora UNESP		96	31	618	737	754	607	569	776	569	836	633	549	737	787	762	905	932	915	853	817	13.483
EDUFBA					3	77	47	67	441	366	638	498	410	643	904	884	756	826	871	700	775	8.906
EDUEPB		1.543	356	326	342	362	281	295	308	202	314	228	204	339	348	400	404	468	438	390	375	7.923
JBRJ				72	75	110	72	72	91	57	73	65	55	75	70	58	165	72	39	32	41	1.294
EDUEM		64	11	27	28	35	31	17	45	22	19	25	25	15	54	62	66	67	58	73	67	811
Saúde Brasil 2030		70	77	38	24	19	17	20	25	16	39	42	27	25	10	19	18	55	36	10	20	607
Editora Fap-Unifesp		20	3	15	22	24	21	12	53	25	26	20	15	28	11	21	20	12	17	13	26	404
Sociedade Brasileira de Zoologia							13	11	34	9	29	4	22	14	6	12	11	8	11	5	12	201
EDUEL		34	2	11	11	11	11	9	9	2	7	7	9	12	5	8	5	4		5	10	172
ReBentos														6	5	4	3	1	7	3	2	31
<b>Total Geral</b>		<b>7.772</b>	<b>2.317</b>	<b>2.513</b>	<b>3.020</b>	<b>3.312</b>	<b>2.676</b>	<b>2.616</b>	<b>3.935</b>	<b>3.086</b>	<b>4.052</b>	<b>3.186</b>	<b>2.978</b>	<b>4.129</b>	<b>4.262</b>	<b>4.388</b>	<b>4.580</b>	<b>4.846</b>	<b>4.675</b>	<b>4.160</b>	<b>4.367</b>	<b>76.870</b>

ANEXO F – Estatísticas Amazon – Total de títulos baixados | mês a mês | acesso comercial

Total de títulos baixados   Mês a mês   Acesso Comercial																						
Atualizado em: 26/07/2016																						
Downloads Acesso Aberto e comercial		Anos/mês ▾																				
Editoras	↓↑	+ 2014												= 2015						= 2016		Total Geral
		jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul		
⊕ Editora FIOCRUZ	34	38	51	39	54	55	36	50	40	61	57	48	40	28	42	47	53	59	56	51	939	
⊕ Editora UNESP	7	2	10	15	19	28	32	18	31	39	43	34	23	20	40	34	39	47	39	49	569	
⊕ EdUFSCar	21	13	12	13	7	16	6	8	8	6	6	8	6	4	3	6	9	4	6	3	165	
⊕ EDUFBA						1	2		4	1	10	7	10	2	15	15	17	16	17	16	133	
⊕ EDUEL			2	1		2	3		4	1	1	2		2	1	1	2	1	2	2	27	
⊕ Editora Mackenzie	3	2	2	4	1			1		2	1		3	1		3			1	1	25	
⊕ Editora Fap-Unifesp	1											1						2	1		5	
⊕ EDUEM															1						1	
<b>Total Geral</b>	<b>66</b>	<b>55</b>	<b>77</b>	<b>72</b>	<b>81</b>	<b>102</b>	<b>79</b>	<b>77</b>	<b>87</b>	<b>110</b>	<b>118</b>	<b>100</b>	<b>82</b>	<b>57</b>	<b>102</b>	<b>106</b>	<b>120</b>	<b>129</b>	<b>122</b>	<b>122</b>	<b>1.864</b>	

ANEXO G – Estatísticas Amazon – Livros mais baixados | por país | acesso aberto e comerciais

Livros mais baixados   Por país   Acesso aberto e comerciais						
Atualizado em: 26/07/2016						
Downloads	País					
Editora	BR	US	MX	CA	Total Geral	
⊕ Centro Edelstein	21.658	3.578	520	24	25.780	
⊕ Editora FIOCRUZ	16.231	1.903	67	7	18.208	
⊕ Editora UNESP	12.507	1.510	35	14	14.066	
⊕ EDUFBA	8.036	984	20	12	9.052	
⊕ EDUEPB	7.351	539	30	3	7.923	
⊕ JBRJ	1.161	131		2	1.294	
⊕ EDUEM	712	102		1	815	
⊕ Saúde Brasil 2030	556	51			607	
⊕ Editora Fap-Unifesp	369	41			410	
⊕ Sociedade Brasileira de Zoologia	180	21			201	
⊕ EDUEL	178	20	1		199	
⊕ EdUFSCar	141	25			166	
⊕ ReBentos	22	9			31	
⊕ Editora Mackenzie	20	6			26	
<b>Total Geral</b>	<b>69.122</b>	<b>8.920</b>	<b>673</b>	<b>63</b>	<b>78.778</b>	



ANEXO H – Estatísticas Google Play – Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto e comerciais

Total de títulos baixados   Mês a mês   Acesso Aberto e comerciais																						
Atualizado em: 15/07/2016																						
Downloads	Data																			Total Geral		
Editoras	2013	2014			2015												2016			Total Geral		
		jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun		jul	
⊕ Editora UNESP	7.165	17.893	1.618	3.138	4.667	4.023	3.198	2.769	2.658	2.588	2.898	3.093	3.628	2.445	2.254	1.091	1.514	6.756	10.364	10.775	4.654	99.189
⊕ Centro Edelstein		14.422	2.366	1.729	1.999	2.423	2.681	2.446	2.816	2.725	1.896	2.285	2.410	1.954	1.776	1.221	1.779	9.989	10.373	9.441	2.797	79.528
⊕ EDUFBA	9.554	26.187	1.023	915	1.027	989	895	746	1.161	1.403	1.231	1.477	1.837	1.268	1.192	634	802	2.906	3.849	4.567	1.887	65.550
⊕ EDUEPB	8.991	26.420	1.756	1.682	1.571	1.576	1.593	1.353	1.459	1.374	861	870	1.195	892	1.018	484	788	2.310	3.028	3.179	1.351	63.751
⊕ Editora FIOCRUZ		13.917	2.846	2.318	2.893	2.094	1.845	1.683	1.644	1.657	1.165	1.406	1.750	1.319	1.115	689	963	3.554	4.073	4.100	1.613	52.644
⊕ EDUEM		295	67	65	128	105	104	107	54	67	85	83	126	62	56	48	90	615	1.080	1.068	502	4.807
⊕ Editora Fap-Unifesp		9	4	8	22	10	31	20	26	10	30	14	34	30	22	20	15	88	136	202	130	861
⊕ EDUEL		19	7	18	7	9	5	9	11	4	8	13	16	8	6	1	7	17	23	21	14	223
⊕ SBZ																	3	20	39	39	23	124
⊕ EdUFSCar		13	3	5	7	6	3	1	6	13	8	9	2	6	5	6	8	9	3	3	4	120
⊕ Editora Mackenzie					2	1	1		1	1	3	1			2	1				3		16
<b>Total Geral</b>	<b>25.710</b>	<b>99.175</b>	<b>9.690</b>	<b>9.878</b>	<b>12.323</b>	<b>11.236</b>	<b>10.356</b>	<b>9.134</b>	<b>9.836</b>	<b>9.842</b>	<b>8.185</b>	<b>9.251</b>	<b>10.998</b>	<b>7.984</b>	<b>7.446</b>	<b>4.195</b>	<b>5.969</b>	<b>26.264</b>	<b>32.971</b>	<b>33.395</b>	<b>12.975</b>	<b>366.813</b>

ANEXO I – Estatísticas Google Play – Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto

Total de títulos baixados   Mês a mês   Acesso Aberto																						
Atualizado em: 15/07/2016																						
Downloads	Data																					
	2013	2014	2015												2016						Total Geral	
Editoras			jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	
⊕ Editora UNESP	7.163	17.808	1.609	3.127	4.654	4.008	3.184	2.765	2.646	2.575	2.883	3.079	3.614	2.436	2.236	1.078	1.499	6.739	10.357	10.750	4.648	98.858
⊕ Centro Edelstein		14.422	2.366	1.729	1.999	2.423	2.681	2.446	2.816	2.725	1.896	2.285	2.410	1.954	1.776	1.221	1.779	9.989	10.373	9.441	2.797	79.528
⊕ EDUFBA	9.554	26.187	1.023	915	1.027	989	892	746	1.159	1.402	1.229	1.472	1.834	1.263	1.189	623	792	2.898	3.843	4.561	1.884	65.482
⊕ EDUEPB	8.991	26.420	1.756	1.682	1.571	1.576	1.593	1.353	1.459	1.374	861	870	1.195	892	1.018	484	788	2.310	3.028	3.179	1.351	63.751
⊕ Editora FIOCRUZ		13.622	2.826	2.280	2.845	2.038	1.803	1.642	1.605	1.608	1.095	1.350	1.701	1.280	1.061	643	914	3.513	4.031	4.057	1.601	51.515
⊕ EDUEM		295	66	65	128	105	104	107	54	67	85	83	126	62	56	46	90	615	1.079	1.068	502	4.803
⊕ Editora Fap-Unifesp		4	4	8	21	9	31	20	26	10	29	14	32	29	21	19	15	88	136	202	130	848
⊕ EDUEL		16	7	18	6	9	4	9	10	4	6	13	16	8	5	1	5	17	21	20	14	209
⊕ SBZ																	3	20	39	39	23	124
<b>Total Geral</b>	<b>25.708</b>	<b>98.774</b>	<b>9.657</b>	<b>9.824</b>	<b>12.251</b>	<b>11.157</b>	<b>10.292</b>	<b>9.088</b>	<b>9.775</b>	<b>9.765</b>	<b>8.084</b>	<b>9.166</b>	<b>10.928</b>	<b>7.924</b>	<b>7.362</b>	<b>4.115</b>	<b>5.885</b>	<b>26.189</b>	<b>32.907</b>	<b>33.317</b>	<b>12.950</b>	<b>365.118</b>

ANEXO J – Estatísticas Google Play – Total de títulos baixados | mês a mês | acesso comercial

Total de títulos baixados   Mês a mês   Acesso Comercial																												
Atualizado em: 15/07/2016																												
Downloads	Data	2013												2014						2015		2016						Total Geral
Editoras		jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul								
⊕ Editora FIOCRUZ		295	20	38	48	56	42	41	39	49	70	56	49	39	54	46	49	41	42	43	12	1.129						
⊕ Editora UNESP	2	85	9	11	13	15	14	4	12	13	15	14	14	9	18	13	15	17	7	25	6	331						
⊕ EdUFSCar		13	3	5	7	6	3	1	6	13	8	9	2	6	5	6	8	9	3	3	4	120						
⊕ EDUFBA							3		2	1	2	5	3	5	3	11	10	8	6	5	3	67						
⊕ Editora Mackenzie					2	1	1		1	1	3	1			2	1			3			16						
⊕ EDUEL		3			1		1		1		2				1		2		2	1		14						
⊕ Editora Fap-Unifesp		5			1	1					1		2	1	1	1						13						
⊕ EDUEM			1													2			1			4						
<b>Total Geral</b>		<b>2</b>	<b>401</b>	<b>33</b>	<b>54</b>	<b>72</b>	<b>79</b>	<b>64</b>	<b>46</b>	<b>61</b>	<b>77</b>	<b>101</b>	<b>85</b>	<b>70</b>	<b>60</b>	<b>84</b>	<b>80</b>	<b>84</b>	<b>75</b>	<b>64</b>	<b>77</b>	<b>25</b>	<b>1.694</b>					



ANEXO L – Estatísticas Kobo Books – Total de títulos baixados | mês a mês | acesso aberto

Total de títulos baixados   Mês a mês   Acesso Aberto																
Atualizado em: 08/01/2016																
Soma de Units Downloaded	Data ▾															Total Geral
	2012	2013	2014	2015												
Editoras				jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	
⊕ Editora UNESP	8.519	45.612	9.763	765	840	863	738	795	653	836	582	510	420	537	561	71.994
⊕ Editora FIOCRUZ	6.256	38.589	6.620	513	501	614	643	502	462	578	376	275	261	312	315	56.817
⊕ EDUFBA		10.777	4.659	442	376	350	429	418	284	414	355	346	277	293	348	19.768
⊕ EDUEPB	259	6.406	1.477	333	392	451	426	456	372	323	325	254	190	202	287	12.153
⊕ Centro Edelstein		509	3.591	479	597	724	581	611	436	554	625	514	431	482	564	10.698
⊕ EDUEM			77	19	21	16	24	36	27	18	19	24	17	23	20	341
⊕ JBRJ				5	18	15	13	17	23	29	21	14	23	38	31	247
⊕ Saúde Brasil 2030			15	16	17	9	24	8	7	9	4	12	6	8	13	148
⊕ Editora Fap-Unifesp		12	53	2	3	3	5	7	2	6	4	4	7	5	4	117
⊕ EDUEL			34	2	1	1	6	1	1	1	5	1	1	2		56
⊕ Sociedade Brasileira de Zoologia								1		2	3		4	1	1	12
⊕ ReBentos															1	1
<b>Total Geral</b>	<b>15.034</b>	<b>101.905</b>	<b>26.289</b>	<b>2.576</b>	<b>2.766</b>	<b>3.046</b>	<b>2.889</b>	<b>2.852</b>	<b>2.267</b>	<b>2.770</b>	<b>2.319</b>	<b>1.954</b>	<b>1.637</b>	<b>1.903</b>	<b>2.145</b>	<b>172.352</b>

ANEXO M – Estatísticas Kobo Books – Total de títulos comerciais baixados

Total de títulos comerciais baixados   Mês a mês																						
Atualizado em: 25/07/2016																						
BR	Data ▼																				Total Geral	
Editoras	2012	2013	2014	2015												2016				Total Geral		
	jan	fev	mar	abr	ma	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	ma	jun				
⊕ Editora FIOCRUZ	2	576	713	27	37	40	34	34	28	19	35	39	25	34	29	42	30	33	24	17	4	1.822
⊕ Editora UNESP	1	337	493	35	26	32	36	29	16	29	29	32	27	23	21	28	29	30	4	6	4	1.267
⊕ EdUFSCar	1	50	57	3	5	6	6	8	5	7	11	10	7	9	4	12	12	7	1	1		222
⊕ EDUFBA		13	54	1	2	5	3	4	6	7	4	7	5	7	5	6	12	16	6	1	3	167
⊕ EDUEL	3	15	25	2	1	6		2		1	2	1		2	1	3	2	3			1	70
⊕ Editora Mackenzie			2	1		2	1	1		3		4	1	1		2	1	2				21
⊕ Editora Fap-Unifesp		2	7	1					2		1		1		1	2	1				1	19
⊕ EDUEM								1					1				2				1	5
<b>Total Geral</b>	<b>7</b>	<b>993</b>	<b>1.351</b>	<b>70</b>	<b>71</b>	<b>91</b>	<b>80</b>	<b>79</b>	<b>57</b>	<b>66</b>	<b>82</b>	<b>93</b>	<b>67</b>	<b>76</b>	<b>60</b>	<b>94</b>	<b>88</b>	<b>94</b>	<b>35</b>	<b>25</b>	<b>14</b>	<b>3.593</b>

US	Data ▼					Total Geral				
Editoras	2013	2014	2015	2016		Total Geral				
	jan	fev	mar	abr	mai					
⊕ Editora UNESP		1	12	39	2	2	2	1	1	60
⊕ Editora FIOCRUZ		18	1	15				1	1	36
⊕ EdUFSCar			1	5						6
⊕ EDUFBA		1	1							2
⊕ Editora Mackenzie				1						1
<b>Total Geral</b>		<b>20</b>	<b>15</b>	<b>60</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>105</b>

ANEXO N – Estatísticas Kobo Books – Livros mais baixados | por país

Livros mais baixados   Por país														
Atualizado em: 25/07/2016														
Editora/título	País													
País	BR	PT	CA	CL	MZ	ES	US	AU	NL	CO	AR	DE	Total Geral	
+ Editora FIOCRUZ	1.815	2		1		1	1					1	1	1.822
+ Editora UNESP	1.252	11		1	1					1	1			1.267
+ EdUFSCar	221	1												222
+ EDUFBA	164	1	2											167
+ EDUEL	69								1					70
+ Editora Mackenzie	21													21
+ Editora Fap-Unifesp	19													19
+ EDUEM	5													5
<b>Total Geral</b>	<b>3.566</b>	<b>15</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>3.593</b>

Editora/título	País												
País	BR	PT	US	BS	AE	CA	IT	FR	NL	MD	Total Geral		
+ Editora UNESP		14	33	1	1	2	5	1		2	1	60	
+ Editora FIOCRUZ		29	4	1				1	1			36	
+ EdUFSCar		4	2									6	
+ EDUFBA		1				1						2	
+ Editora Mackenzie		1										1	
<b>Total Geral</b>		<b>49</b>	<b>39</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>105</b>	